

ESPECIAL NOÉ: O FILME POLÊMICO DE DARREN ARONOFSKY

Nº 36 ABRIL 2014
MENSAL

EMPIRE

A REVISTA DE CINEMA MAIS VENDIDA NO MUNDO

**UM
EXCLUSIVO
MUNDIAL
NO SET**

O REGRESSO DO MONSTRO CLÁSSICO

GOZILLA

**ENTREVISTAS EXCLUSIVAS:
KEVIN SPACEY | TERRY GILLIAM |
BRYAN CRANSTON | AARON PAUL**

**ANTEVISÃO: MARRETAS PROCURAM-SE
MALÉFICA | NIRVANA**

EM PRIMEIRA MÃO: STAR WARS VII • AVATAR 2 • JURASSIC WORLD • EXTERMINADOR IMPLACÁVEL 5



ASUS Transformer Book T100 Transforme o Estilo da sua Mobilidade 2-em-1 ultra-portátil com tablet de 10"

ASUS Transformer Book T100 são dois dispositivos num só. Primeiro, é um ultra-portátil elegante e leve, com um processador Intel Atom quad-core para maior desempenho e produtividade com o Microsoft Office. Ao separar o ecrã IPS de 10.1" da docking com teclado, o Transformer Book é também um Tablet Windows 8.1 pronto para entretenimento em casa e em movimento. E com até 11 horas de autonomia de bateria, não vai amarrá-lo. **Transforme-se @ www.asus.com/in-search-of-incredible**





Goody S.A.
Sede Social, Edição, Redação e Publicidade
Av. Infante D. Henrique, n.º 306, Lote 6, R/C
1950-421 Lisboa
Tel.: 21 862 15 30 - Fax: 21 862 15 40

Diretor Geral
António Nunes

Assessor da Direção Geral
Fernando Vasconcelos

Diretor Adm. e Financeiro
Alexandre Nunes
Contabilidade
Cláudia Pereira

Apoio Administrativo
Tânia Rodrigues, Catarina Martins

Diretora
Sara Afonso
Editor
Nuno Faria

Colaboração
Francisco Toscano Silva
Marco Oliveira

Tradução e Revisão
Catarina Almeida, Diana Rocha
Marra Pinho

Departamento Comercial
Diretor Comercial
Luísa Primavera Alves
Tel.: 218 621 546
E-mail: luisa.alves@goody.pt

Accounts
Mónica Ferreira
Tel.: 21 862 15 39
E-mail: monica.ferreira@goody.pt
Carla Pinheiro
Tel.: 21 862 15 47
E-mail: carla.pinheiro@goody.pt

Assistente Comercial
Áurea Rebeca
Tel.: 21 862 14 93 Fax: 21 862 14 95
E-mail: aurea.rebeca@goody.pt

Coordenador de Produção Externa
António Galveia
Coordenador de Produção Interna
Paulo Oliveira

Editora de Arte
Sofia Marques
Paginadores
Cláudia Correia, Ricardo Silva

Coordenador de Circulação
Carlos Nunes

Serviço de Assinaturas e Leitores
Marisa Martins
Tel.: 21 862 15 43
E-mail: assinaturas@goody.pt
site: www.assinagora.pt
Distribuição: J.M. Toscano

Pré-Impressão e Impressão
SOGAPAL - Estrada das Palmeiras,
Quezuz de Baixo, 2745-578 Barcarena

Distribuição
Logista Portugal
Turcom
11.000 exemplares
Deposito Legal N.º
326493/11
Inscrição na ERC
126062



Empire Internacional

Editors in Chief Mark Dineen (UK) empire@bauermedia.co.uk
Rod Yates (Australia), Elena Smolina (Russia), Daro Gulik (Italy)
Editors: Ian, Ian Freer, Ian Nathan, Dan Jolin, Nick de Semlyen,
Chris Hewitt, Adam Smith
Photographic Director: Dabi Berry
Production Editor: Liz Beardworth
International Director: Simon Groves
Contributors: Ian, Kim Newman, Siemon 'D-Wit' Wise, Carter Smith,
Andrew Lowry, Ian Freer, Ian Nathan, Nick de Semlyen, Chris
Hewitt, Owen Williams, Helen O'Hara, Simon Brand, James
White, Phil de Semlyen, Nev Pierce, Anna Smith, Sarah Dunn

* A Empire já obedece aos termos do novo Acordo Ortográfico

A Revista Empire é um título detido pelo Bauer Media. Todos os artigos traduzidos e/ou adaptados são propriedade da mesma, estando a Goody S.A. autorizada a reproduzi-los em Portugal. É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotografias ou ilustrações da revista Empire, sem autorização expressa do Editor.

EMPIRE

TALVEZ NÃO ESTEJA A CONTAR, MAS A EMPIRE PORTUGAL COMPLETA, este mês, três anos de existência em solo nacional. Com muito esforço e dedicação, mas igualmente com uma grande paixão e respeito pela sétima arte, é com muito orgulho que todos os meses levamos aos nossos leitores conteúdos que consideramos serem realmente únicos, exclusivos na maior parte das vezes, e desenvolvidos por quem todos os dias vive o cinema na sua amplitude.

Realizadores, produtores, atores, técnicos, compositores, diretores de fotografia, cenógrafos, figurantes, argumentistas, distribuidores, exibidores e, principalmente, o público, todos são essenciais para que o cinema se mantenha como uma das mais belas artes. Num verdadeiro tributo a todos aqueles que diariamente contribuem para que grandes obras possam ganhar vida, a nossa eterna gratidão.

Apesar da crise económica, da alteração de valores e de hábitos, o cinema acompanha-nos há mais de cem anos, adaptando-se aos vários contextos socioculturais, mas nunca desistindo da sua principal missão, na qual se inclui a sua componente de entretenimento, a sua função de mostrar o que não vimos ou vivemos, e o seu compromisso de suscitar as mais variadas questões e as mais puras emoções.

Ontem, hoje e amanhã, o cinema será sempre o nosso foco e a nossa maior inspiração.

SARA AFONSO
DIRETORA

CONTACTE-NOS

ENVIE-NOS UM E-MAIL empire@goody.pt

SIGA-NOS NO FACEBOOK www.facebook.com/RevistaEmpirePortugal

ENCONTRE-NOS Goody Consultoria S.A., Av. Infante D. Henrique n.º 306, Lote 6, R/C
1950-421 Lisboa | Portugal
T. 21 862 15 30 F. 21 862 15 40

**ASSINE A
EMPIRE
POR 1 ANO SÓ € 29,40**
SAIBA COMO EM WWW.ASSINEAGORA.PT



VISITE-NOS EM FACEBOOK.COM/REVISTAEMPIREPORTUGAL

INDIA

• Bryan
Cranston
em *Godzilla*.
(p.44)

≡ ABRIL 2014 ≡

ESPECIAIS

44

GODZILLA

Assegurar este enorme exclusivo custou 264 mil latas de atum (livre de golfinho).

54

25 MARCOS DO CINEMA

O que, ou quem, mudou a forma como vemos os filmes nos últimos 25 anos.

58

NOÉ

A personagem bíblica prepara-se para vencer o prémio de ambientalista do ano, e há quem não goste da sua nova faceta.

66

**BRYAN CRANSTON
E AARON PAUL**

As drogas não fazem bem: Cranston vê monstros gigantes e Paul vê-se perseguido.

70

MARRETAS PROCURAM-SE

A convidada especial deste artigo é a palavra "duplo".

76

TERRY GILLIAM

Entrámos na cabeça do maior sonhador do cinema. Não literalmente, claro.

84

THE RAID 2: BERANDAL

Berandal é "bandido" em indonésio. E aqui há muitos, prontos a serem abatidos violentamente a bem da sétima arte.

90

**A EMPIRE ENTREVISTA:
KEVIN SPACEY**

Um ator que tem estado afastado do cinema e que revela o melhor da carreira à *Empire*.

• **Aquí:**
Angelina Jolie,
em versão
Maléfica. (p. 18)
Em baixo:
Asgard
regressa ao
cinema em casa
(p. 101).

FIXAS

8 NO LOCAL
Arné Schwarzenegger e Sam Worthington envolvidos numa sabotagem, e uma história de amor com um vulcão ao fundo.

16 PRIMEIRO PLANO
Dos novos *Avatar* ao *Episódio VII*, estes são os maiores filmes em produção.

31 PERGUNTAS INDISCRETAS
Anthony Mackie rouba cabos em hotéis, aponta o dedo às vacas e tem uma invulgar conceção de Deus.

34 NOS CINEMAS
Um quadro desaparecido, uma mostra de abdominais e vários cantores de apoio.

97 RE.PLAY
Prepare-se para flutuar no espaço, voar em Asgard e assistir à guerra em Westeros.

104 CLÁSSICO
Para não estragar a surpresa, dizemos apenas que o filme deste mês é de gritos!

108 TV
Hugh Dancy e Laurence Fishburne abrem o apetite para a segunda temporada de *Hannibal*.

110 QUIZ
O realizador David O. Russell é um dos poucos que conseguiu atingir nove pontos no nosso questionário.

111 BANDA SONORA
Descubra o que têm em comum *Rapariga Com Brinco de Pérola*, *O Discurso do Rei*, *Argo*, *Filomena* e *Grand Budapest Hotel*.

114 CENA CLÁSSICA
Nós também não somos fixes, Phil.



MEO VideoClube



GRAVITY



©2014 Warner Bros. Entertainment Inc. All Rights Reserved

PARA TODOS OS PORTUGUESES
EM TODOS OS ECRÃS

Ligue 16 200

Vá a uma loja MEO ou a meo.pt

MEO

É OUTRA VIDA

NO LOCAL

EMPIRE

04.2014

O SEU BILHETE PARA OS MELHORES FILMES



SABOTAGEM

→ LOCAL: ATLANTA, EUA

Arnie junta-se a Agatha Christie. De certa forma...

HÁ MUITA PORCARIA no set de *Sabotagem*. Demasiada para Sam Worthington controlar. “Convenci-me de que é chocolate”, diz à *Empire* com um esgar. “Não é o ponto alto do meu dia.”

Hoje, o némesis do ator é uma casa de banho que está em pior estado do que a de *Trainspotting*: o assento está coberto com uma pasta castanha, enquanto uma poia (que nos asseguram que é um adereço) flutua na água. O resto

da divisão não está em melhor estado. No chão encontra-se uma revista porno chamada *Extremo*. Há garrafas de cerveja vazias espalhadas. E mesmo que ignorássemos o sangue, o altar no canto – repleto com pés de galinha e uma estátua da Santa Morte – é mais do que suficiente para nos arrepiar.

O que estamos a ver é o rescaldo de um assalto a uma mansão de um cartel pela derradeira equipa de elite das forças especiais. Depois de surgirem num Lenco BearCat, estes irmãos de armas, liderados pelo >



• Schwarzenegger faz pontaria como John 'Breachers' Wharton.



• Arnold Schwarzenegger conferencia com David Ayer.

Joseph Gordon-Levitt vai produzir a adaptação de *Sandman*, e talvez realizar e protagonizar.

grisalho Breacher (Arnold Schwarzenegger), infiltram-se e eliminam. Depois, escondem nos esgotos debaixo da casa, e em segredo dos seus superiores, dez milhões de dólares do gigantesco monte de notas que encontram.

Daí Monster (Worthington) estar a enfiar dinheiro pela sanita, evitando qualquer contacto.

“Esta é uma sequência importante, que mostra o que estes tipos são capazes de fazer e define o tipo de ação”, diz o realizador David Ayer, enquanto o *set* é preparado para explodir. “É uma cena da velha guarda: mecha, explosões, fogo. Mas a história tem reviravoltas fantásticas. É *O Silêncio dos Inocentes* cruzado com *Estado de Guerra*.”

Também é, como sugere o título de produção *Ten* (a certa altura chamou-se *Breacher*), uma abordagem ao estilo do mistério de Agatha Christie, *As Dez Figuras Negras*. À medida que o filme avança, os membros da equipa são eliminados um a um por um dos seus. O que não é tarefa fácil, já que estes são os soldados mais duros do planeta.

“Somos como uma estranha milícia de monstros”, clarifica Terrence Howard (Sugar). “Toda a gente tem demónios, mas os nossos demónios têm demónios.” E sim, como já adivinhou, todas as personagens têm uma alcunha invulgar. *Sabotagem* parece uma versão para adultos de *Gladiadores Americanos*.

Para além de Sugar e Monster, que tem “Wood” tatuado na nuca (“Não é algo com o qual queiram andar em Atlanta”, suspira Worthington), a equipa incluiu Grinder (Joe Manganiello), Neck (Josh Holloway), Tripod (Kevin Vance), Pyro (Max Martini) e, hum, Lizzy (Mireille Enos). Para além de Breacher, o mais duro de todos. “Criei o Alonzo em *Dia de Treino*, a personagem de Denzel”, diz Ayer. “Provavelmente, este tipo é 20 vezes mais maquiavélico.”

Este é o primeiro filme de ação a sério com uma equipa que Schwarzenegger faz desde *O Predador*, e está a apreciar a oportunidade de trabalhar com um elenco mais jovem. Apesar da presença de um guarda-costas gigantesco (“Chama-se Dieter”, murmura Howard, “e ouvi dizer que come crianças”), renunciou aos confortos de Hollywood, mergulhando no mundo sujo e ultrarrealista de Ayer. É daí que vem o corte de cabelo radical (“Não me deem os créditos. Estava sentado na caracterização e eles colocaram uma tijela na minha cabeça e cortaram à volta”) e as seis tatuagens, incluindo o lema dos Seal, “Hold Fast”, nos nós dos dedos.

“Estou habituado a filmes onde uso uma metralhadora que devia estar montada num tanque”, diz a estrela. “Mas aqui, tudo se baseia na realidade. O David conhece as coisas. O seu trabalho de câmara também é muito bom. Tenho muitas falas, que terei de gritar por cima de todo o barulho da soldagem: enquanto



• Breacher e a sua equipa, incluindo Grinder (Joe Manganiello) e Lizzy (Mireille Enos).



• Olivia Williams aprende a fazer-se passar por uma investigadora da DEA.

SIGA AS PISTAS
AS FOTOS DE BREACHER A ENCONTRAR-SE COM CLINTON, REAGAN E OBAMA SÃO IMAGENS REAIS DE ARNIE. O ÚNICO PHOTOSHOP É EM OLIVER NORTH.

isso, as quatro câmaras estão apontadas ao Sam, que está a fazer um documentário sobre como desapertar sanitas. No próximo *take*, as câmaras estarão à minha volta como chacais!”

Depois de Ayer gravar um *take* de bónus no qual Worthington vomita no excremento, o elenco, equipa e a *Empire* afastam-se a uma distância segura para ver o *set* (e quase 200 milhões de dólares em dinheiro falso) ir pelos ares. Os nervos estão à flor da pele. O silêncio é quebrado pelo grito “Fuck yeah!” de um membro da equipa quando uma bola de fogo faz o que devia fazer, lançando notas na direção da câmara.

“Vocês podem comprovar que isto *não* é CG”, diz um visivelmente aliviado Ayer. “Este deve ser a última imagem do trailer.” E acabou por ser. **NDS**

SABOTAGEM ESTREIA A 24 DE ABRIL.

Idris Elba vai ser a voz do tigre Shere Khan em *O Livro da Selva*, de Jon Favreau.

LISBOA

10 A 18 ABRIL
CINEMA
SÃO JORGE

COIMBRA

21 A 23 ABRIL
TEATRO ACADÉMICO
DE GIL VICENTE

PORTO

24 A 27 ABRIL
CASA
DAS ARTES

FUNCHAL

8 A 11 MAIO
TEATRO MUNICIPAL
BALTAZAR DIAS

LOULÉ

16 A 18 MAIO
CINE-TEATRO
LOULETANO

7ª EDIÇÃO

FESTA

— DO —

CINEMA
ITALIANO ^{8 1/2}

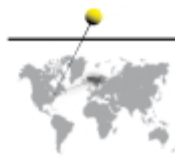
WWW.FESTADOCINEMAITALIANO.COM







“Está quente aqui ou sou só eu?” Kit Harrington e Emily Browning em *Pompeia*, de Paul W. S. Anderson.



POMPEIA

→ **LOCAL:** TORONTO, CANADÁ

Paul W. S. Anderson deixa-se ir na onda

CENA 84A, TAKE UM. ELEVANDO-SE de uma fenda, uma câmara 3D plana sobre os destroços de um anfiteatro e desce para os camarotes reais. Esmagada debaixo de uma águia de bronze está Carrie-Anne Moss, que repete as palavras, “Mata-o”. Cumprindo a sua ordem, Jared Harris agarra uma faca, rasteja pelos escombros em direção a Kiefer Sutherland, levanta a lâmina e... “Esperem um pouco”, diz Sutherland. “Penso que a minha perna está a arder.”

Está um dia quente e nublado em Toronto, e a **Empire** está debaixo de uma abóbada, a ver num monitor 3D os romanos a serem mortos. A cena, um anfiteatro a sofrer um terramoto com algumas traições tradicionais romanas, vai ser o prelúdio sísmico à atração principal de *Pompeia*, a erupção do Monte Vesúvio. Na reta final da rodagem de 12 semanas, a produção está tão embrenhada na época que o ar está cheio de fumo e de cheiro a estrume de cavalo. O lugar até *cheira* a um terramoto no século I.

É impossível ser excessivo com *Pompeia*. Quando o Vesúvio entrou em erupção em 79, a cidade foi atingida com o equivalente a cem mil Hiroshimas – ironicamente no meio da Vulcanália, o festival do fogo. Um tsunami atingiu o porto. Uma corrente piroclástica destruiu a cidade. *Choveu lava*. Paul W. S. Anderson provou o à-vontade com o pós-apocalíptico com os filmes >

Steven Spielberg está de olho num remake de *West Side Story*, de 1961.



• Harington tem de mostrar quão bom é na preparação para uma cena de luta.

Resident Evil, mas será que consegue fazer apocalipse de época? Com seis anos em desenvolvimento, a sua visão é ambiciosa, no mínimo: como Sutherland – cuja perna, afinal, não está a arder – sublinha, ele é o primeiro realizador a filmar dentro das ruínas de Pompeia, e recriou a cidade tijolo a tijolo, pixel a pixel. “Temos de construir o mundo antes de o destruirmos”, diz Anderson, acompanhado, como sempre, por Cromwell, o seu *schnauzer* gigante.

“Oh, eles têm incendiado tudo”, diz o designer de produção Paul Austerberry, que tem recriado as ruas de Pompeia com cuidado, e com ainda mais cuidado as tem arrasado. “Na semana passada, todo o mercado estava vivo. Na próxima semana é o porto – uma onda vai deitar tudo abaixo.” O cenário seria sinistro se dois electricistas não usassem uma pilha de cadáveres como sofás improvisados.

“Sinto que a arte do filme de desastre”, diz Anderson,

“está a tornar as personagens tão irresistíveis que quase se esquecem que a destruição está a chegar. O Julian Fellowes escreveu a versão final e desempenha um papel importante para que isso aconteça.” Seguindo o modelo de *Titanic*, no centro de *Pompeia* está um intenso romance entre classes diferentes protagonizado por Milo, o gladiador celta de Kit Harington e Cassia, a aristocrata de Emily Browning. Para além do pequeno problema de namorarem durante um grande acontecimento geológico, Milo é forçado a combater com o seu amigo/rival Atticus (Adewale Akinnuoye-Agbaje) enquanto Cassia tem de se esquivar das propostas indecentes do senador de Sutherland, que é arqui-inimigo do seu pai (Jared Harris): “Se Pompeia fosse a Vegas de Roma, eu sou o tipo que construiu o hotel e que foi afastado pela Máfia”.

É uma estreia épica como protagonista para Kit Harington (o Jon Snow de *A Guerra*



• Kiefer Sutherland como o vilão Senador Corvis.

dos Tronos), que após muito treino parece um gladiador. “Gosto de papéis físicos e pensativos com poucas falas. Se Milo é semelhante a Jon Snow? Em termos visuais, sim, o cabelo e a barba, mas Milo é mais negro, mais agressivo. É um gladiador. Adora matar pessoas. Tem sido divertido, apesar de ter levado com uma espada na cara

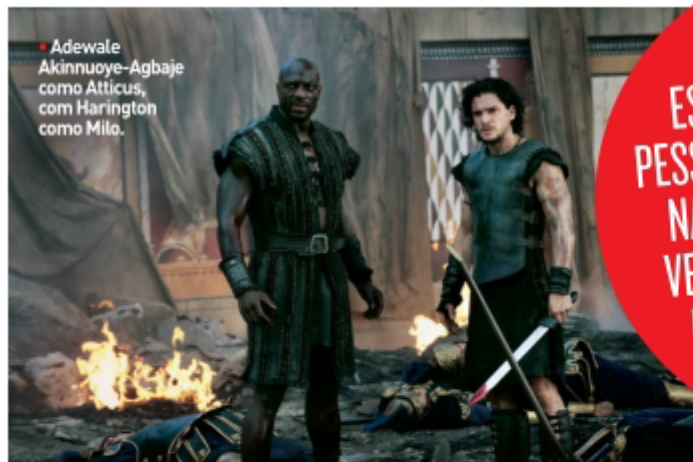
no outro dia.”

Juntamente com a maioria do elenco, Harington passou semanas num campo de treinos. “O treino foi atroz”, diz Akinnuoye-Agbaje, que não gosta de sair da personagem – quando fala com a *Empire*, demora um pouco para que o tom de barítono seja substituído pela pronúncia londrina.

• O realizador de *Pompeia*, Paul W. S. Anderson, conversa com Emily Browning e Carrie-Anne Moss.



• Adewale Akinnuoye-Agbaje como Atticus, com Harington como Milo.



Levanta um dedo ligado. “Os golpes fazem parte do combate, mas perdi 12 quilos em quatro semanas e a dieta está a dar cabo de mim. Tenho desejos de comer as minhas próprias mãos.” Durante o almoço, Akinnuoye-Agbaje resiste a comer as mãos lançando duplos para um colchão sob o olhar do coordenador de duplos de *300*, Jean Frenette.

Quando vemos alguns dos *sets*, percebemos porquê. Perto do anfiteatro encontra-se um enorme obelisco celta. Isto, revelam à **EMPIRE**, é a estrela de uma sequência na qual 50 soldados combatem contra Milo e Atticus. *Pompeia* pode explodir numa espetacular demonstração de fogo-de-artifício criada em computador, mas

as sequências com gladiadores continuam a ser heroicamente e brutalmente físicas.

Ainda assim, muito do que ouvimos falar no *set* refere-se a Sutherland e ao que promete ser uma exibição vistosa de vilania ao estilo de Alan Rickman. “O Kiefer tem dado o máximo de si”, diz Browning. “A primeira vez que ouvi

falar do filme – *Gladiador* cruza-se com um filme de desastre – pensei, “Oh, por favor”, ri Sutherland. “Mas o diálogo é lindo. A minha personagem é um idiota misógino, a personificação da arrogância de Roma, mas faz isso com estilo. Vai ser difícil odiá-lo.”

De volta ao *set*, é rodada a cena 84A, sabotada pelo tipo de variáveis que só podem ser encontradas num sítio destes: rochas falsas, demasiado fumo, os olhos dos atores golpeados por areia... Em vez de sucumbirem gloriosamente, há a possibilidade de morrer de câibras. Com as feridas a serem retocadas entre *takes*, Harris e Sutherland deixam-se ficar nos escombros com toda a sua indumentária romana, a falarem sobre Roger Federer.

Em breve, as chamadas apagam-se. Anderson agradece ao elenco. “Obrigado, senhoras e cavalheiros. Foi uma boa luta.” **SC**
POMPEIA JÁ ESTREOU E É ANALISADO NA PÁGINA 41.

SIGA AS PISTAS
ESTIMA-SE QUE 16 MIL PESSOAS PERDERAM A VIDA NA ERUPÇÃO DO MONTE VESÚVIO À 24 DE AGOSTO DE 79 E NO RESCALDO DA ERUPÇÃO.

O novo remake de *Zorro* terá argumento de Christopher Stetson Boal.

EMPIRE

1º PLANO

AS ESTRELAS DO NOSSO RADAR

FACES

A IMPERATRIZ

Eva Green,
mulher fatal

→ “NÃO GOSTO MUITO DO TERMO *femme fatale*; é um bocado clichê”, diz Eva Green. Semântica à parte, a atriz de 33 anos, tem vindo a fazer a sua quota parte de *femme fatale* este ano, tanto em *300: O Início de Um Império*, com a rainha psicologicamente danificada, Artemisia, como em *Sin City: A Dame To Kill For*, com Ava Lord, a sedutora do filme de Robert Rodriguez.

“Gosto sempre de papéis complexos e personagens que têm um segredo ou algo mais para além da superfície”, explica ela de um CV que a vê apanhar mais bolas que Rafael Nadal. Mas a atriz francesa confessa que a Artemisia de *300: O Início de Um Império* pode ser a mais fatal das mulheres que interpretou, ainda mais que Vesper Lynd de *007: Casino Royale*. “Ela é a vilã do filme”, diz. “Mas há mais nela para além disso. Ela é um sonho, na realidade. Quando era pequena, sempre preferi ação, é por isso que faço isto. Ela é muito forte, muito sexy, muito cool, muito ousada...” Por outras palavras, muito Eva Green. **OW**

300: O INÍCIO DE UM IMPÉRIO JÁ ESTREOU É ANALISADO NA PÁGINA 38. SIN CITY: A DAME TO KILL FOR ESTREIA A 28 DE AGOSTO.



• Michael Fassbender pesa a oferta de Brad Pitt de um chapéu com estilo em troca da sua alma.



EXCLUSIVO

O CAPITAL HUMANO

O enigma que encerra a Festa do Cinema Italiano

O CAPITAL HUMANO É O FILME QUE VAI encerrar a 7ª edição do 8 ½ Festa do Cinema Italiano, que terá início no dia 10 de abril, em Lisboa, e que depois se estenderá a Coimbra, Porto, Funchal e Loulé. A *Empire* conversou com o realizador italiano Paolo Virzì, sobre este filme.

Nas suas palavras, *O Capital Humano* é um filme sobre...

O filme é uma espécie de *giallo* sobre o acidente de uma noite gélida na véspera das férias de Natal, que leva a polícia a indagar o que aconteceu para descobrir quem é que atropelou um ciclista. Ao mesmo tempo, o espetador é levado a questionar-se sobre a infelicidade, a vida de pessoas de classe sociais diferentes, da altíssima, riquíssima burguesia financeira, da pequena burguesia, até ao mundo do desconforto. Desta maneira, ele vai atravessar uma pequena galeria de personagens seguindo ponto de vista de cada uma e através dos quais se vai compondo o puzzle deste enigma.

Usa o cinema de género, politizado e *giallo*, de investigação, como estrutura mas é um filme sobretudo sobre personagens...

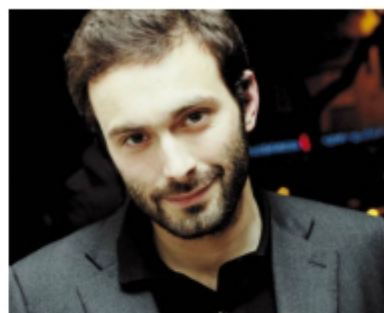
Sim sim, isso é algo que sempre apreciei no cinema da tradição anglo-saxónico ou americano, ou seja, o facto de usar a literatura americana contemporânea. Não é por acaso que este filme se inspira num romance americano atual. Acontece, muitas vezes, em grandes escritores contemporâneos, como Tom Wolfe, Yeats, Don DeLillo, John Cheever, usarem o género thriller, *noir*, como uma forma de penetrar no contexto da sociedade contemporânea. Interessava-me muito fazer isto neste filme, ou seja, haver um instrumento narrativo para desenrolar como puzzle, como um mistério para resolver. Mas também me interessava,

profundamente, fazer um retrato da nossa sociedade contemporânea, da nossa riqueza, da nossa miséria. Deste filme, sai o retrato de um país na miséria extrema, no declínio não só económico mas também moral e humano. Fascinou-me mostrar no ecrã como os reflexos da crise financeira chegam à vida íntima das pessoas e como este facto determina conflitos profundos que afetam sobretudo as relações entre as gerações mais novas, onde quem sofre mais são sobretudo os jovens.

Quando decidiu adaptar o romance para filme e porquê?

Quando o li! Apaixonei-me por este projeto e pela ideia de usar livremente o argumento deste livro para compor um retrato do meu país. Pode ser bizarro, mas um romance americano ambientado no Connecticut deu-me vontade de falar de Itália. Porque, obviamente, o mundo ficou mais pequeno, certas temáticas parecem atravessar a sociedade contemporânea do mundo dito abastado, rico, que tende a absorver e assemelhar as paisagens, os eventos, os sentimentos e as emoções das pessoas. Por isso, não são só os mercados que se globalizaram mas também o elemento psicológico e humano. Interessava-me contar de forma nova o que acontece, o que há atrás dos números do declínio desta nossa sociedade. Já a estrutura da montagem, de individualizar os pontos de vista das personagens, foi uma ideia nossa. A adaptação foi muito livre, quer do ambiente geográfico e humano, quer da estrutura narrativa. O romance é mais amplo, há mais personagens, mais acontecimentos, mais histórias do passado deles... nós fizemos um filme de cem minutos e queria esta estrutura de pontos de vista porque parecia sugerir um dos sentidos profundos do filme que é também o de refletir sobre a aparência e a verdade das coisas.

O CAPITAL HUMANO DEVERÁ ESTREAR EM ABRIL.



8 ½ FESTA DO CINEMA ITALIANO

Itália percorre Portugal

Naquela que é a sua sétima edição, a 8 ½ Festa do Cinema Italiano está quase a aterrar na cidade de Lisboa, mas vai viajar por outros pontos do país. Para compreendermos um pouco melhor o que o público vai poder encontrar nesta edição, a *Empire* entrevistou o diretor da Festa, Stefano Savio, que começou por nos explicar porque é que o tema deste ano é a Família: "Porque a família representa, no cinema e na cultura italiana, um elemento dramaturgicamente de primária importância, provavelmente, o eixo fundamental das histórias contadas na grande maioria dos filmes exibidos ao longo destes sete anos da Festa do Cinema Italiano. A família como lugar de tensões e de paixões, a família como abrigo e gaiola, a família em construção e a família à beira do precipício." Depois destes sete anos de Festa, também a equipa se transformou numa família, "desde o início do projeto, quando surgiu um desafio entre quatro italianos residentes em Portugal, em 2008, a família da Festa do Cinema Italiano foi crescendo, amadurecendo, ampliando a sua equipa (que atualmente é composta maioritariamente por portugueses) e criando laços com numerosas entidades numa relação sempre mais próxima com o público." Para este crescimento da Festa, não são alheias as novidades deste ano, que se estendem pela primeira vez ao público infantil, algo que "surgiu com uma proposta de cooperação com o Giffoni Film Festival, o mais importante e conceituado festival do mundo dedicado ao cinema para os mais novos." Mas existe mais para explorar a partir do dia 10 de abril: "Será um festival cheio de bom cinema, música, festas e gastronomia, um elemento imprescindível na cultura italiana, tendo estendido parte da nossa programação ao Centro das Artes Culinárias de Lisboa, situado no Mercado de Santa Clara."

WWW.FESTADOCINEMAITALIANO.COM

ANTEVISÃO

ALGO MALIGNO ESTÁ A CHEGAR

ANGELINA JOLIE É UMA
MAGNÍFICA MALÉFICA

NO
RADAR



← O tamanho não interessa para Evangeline Lilly. Depois de se divertir com anões em *O Hobbit*, está em negociações para o papel de Wasp no filme *Ant-Man*, de Edgar Wright.



← O Stath vai voltar ao papel de um assassino profissional que tem a habilidade de fazer com que as suas mortes pareçam acidentes em *The Mechanic 2*.



• Elle Fanning como Princesa Aurora no modo *Bela Adormecida*.

A MAIORIA DAS MENINAS sonha em ser uma princesa da Disney. Angelina Jolie – a mulher que um dia disse: “És jovem, estás bêbado, estás na cama, tens facas... Acidentes acontecem” – seguiu um caminho diferente. “Maléfica sempre foi a minha preferida quando era miúda”, sorri.

Maléfica, claro, é a vilã do clássico de 1959 da Disney, *A Bela Adormecida*. Com voz de Eleanor Audley, é uma fada poderosa e maligna, de pele verde, que amaldiçoa a jovem Princesa Aurora depois de lhe ter sido recusado um convite para o batizado real – que não é a atitude recomendável para lidar com uma ofensa social. Ainda assim, na sumptuosa versão com atores reais de Robert Stromberg – a primeira das joias animadas da Disney a ter este tipo de adaptação; *Cinderella*, de Kenneth Branagh, é o seguinte – Maléfica não é assim tão malévola. Aqui, a fada é imaginada como uma figura mais agradável, rejeitada pela sua própria raça e ameaçada pelas forças invasoras do rei Stefan (Sharlto Copley). “O que gosto nela é que é uma estranha rapariga órfã; cresceu sozinha numa árvore! Ela não se integra, e penso que muitas crianças se identificam com isso”, explica Jolie. “Tem de lidar com abusos na sua vida e torna-se sombria, aquela Maléfica que toda a gente recorda. Mas há sempre uma parte dela que luta por aquilo que acredita que é justo e correto.”

Não que Jolie vá apresentar uma abordagem suave a uma das grandes vilãs do cinema. No seu modo de Maléfica – a pele pode já não ser verde, mas os lábios são de vermelho-sangue, tem grandes chifres curvos e as maçãs do rosto são aumentadas por próteses –, parece um velociraptor que aparece na capa da *Vogue*. E está pronta para voltar a assustar o público.

“Penso que sou uma personagem da Disney, por isso, quando há crianças a visitar o *set*, vou ter com elas a sorrir. Muitas vezes começam a chorar!”, ri Jolie, um pouco envergonhada. “Uma chegou a dizer: ‘Mãe, diz à bruxa má para parar de falar comigo!’”

O filme de Stromberg pode ter um foco diferente, mas continua a ser sobre a relação entre Maléfica e a Princesa Aurora (Elle Fanning). No entanto, as ameaças contra a jovem princesa feitas neste filme são de sono eterno e não de morte, e Maléfica forma lentamente um estranho laço com a rapariga, que também cresce nos arredores encantados da floresta.

“Há elementos do filme original da Disney ao longo de *Maléfica*”, assegura Stromberg. “Temos um dragão e castelos. Mas também caminhamos em direção a algo especial. Queríamos terminar o filme em grande.” Espere também por um exército de raparigas que vão querer ser Angelina Jolie quando crescerem... **HOH MALÉFICA ESTREIA A 5 DE JUNHO.**



• Angelina Jolie como Maléfica. Por favor, não tenha pesadelos.



← Seth Rogen e Evan Goldberg estão a supervisionar uma adaptação para TV da ultraviolenta e controversa BD de Garth Ennis, *Preacher*.



← Kate Winslet vai entrar em *Triple Nine*, de John Hillcoat, um filme sobre um gang que tenta desviar as atenções de um assalto planeando o assassinio de um polícia.

→ Sam Raimi quer levar o videogame *The Last Of Us* para o cinema. Ainda não há realizador, mas o argumento será do cocriador do jogo, Neil Druckmann.



• Aqui: O gangster maniaco obsessivo por destruição, Jony (Sabri Lucas), prepara-se para torturar o seu inimigo (Paulo Azevedo). Ao lado: O realizador Tiago P. de Carvalho.

ANTEVISÃO

NIRVANA

EXCLUSIVO A EMPIRE FALA COM O REALIZADOR TIAGO CARVALHO SOBRE A VIAGEM ALUCINANTE DE NIRVANA

QUERIA SER ASTRONAUTA mas, desde os 11 anos, que a vida de Tiago P. de Carvalho passa por filmar histórias de detetives com os amigos aos fins-de-semana. E os livros de astronomia foram sendo postos de lado, e trocados por cassetes para gravar mais filmes. Depois do curso de Audiovisuais da escola António Arroio, do bacharelato em Produção no Conservatório, e das licenciaturas em Realização na Universidade Fluminense, no Rio de Janeiro, e em Argumento no Conservatório, a entrada no cinema deu-se com a curta *A Lei dos Outros*, com Marcantonio Del Carlo, Inês Castel-Branco, Ian Velloza e António-Pedro Vasconcelos no elenco.

Influenciado pelos filmes dos anos 1980/1990, Tiago P. de Carvalho estreia-se agora nas longas-metragens com *Nirvana*, uma comédia de gangsters que conta a história de Vega, um gangster do bairro da Picheleira que, depois de expulso injustamente (na opinião dele) do seu gang, decide reunir os criminosos mais delinquentes para se vingar de Barbas, o líder que o expulsou, adiantando-se a um assalto planeado quando ainda pertencia ao gang. Claro que nada vai correr como planeado. Para além de realizar e produzir, Tiago P. de Carvalho interpreta uma das dez personagens mais carismáticas que vai ver no cinema nos próximos tempos, ao lado de atores como Ian Velloza, Marta Faial, Paulo Azevedo, Sabri Lucas ou Carlos Areia.

A *Empire* juntou-se ao bando para atingir o nirvana, numa entrevista exclusiva ao realizador.

***Nirvana* será efetivamente a grande estreia na longa-metragem e foi feito sem qualquer financiamento. Como é que este projeto ganhou forma?**

Foi uma decisão meio à maluca, mas também calculada. Começou com a revolução das DSLR da Canon e de todo o mundo digital, e houve uma altura em que eu percebi que era possível com investimento "pessoal", ou coproduções de algumas pessoas, ter o equipamento necessário para fazer o produto cinematográfico equiparado a qualquer outro filme de baixo orçamento.

E como surge a história deste filme?

Escrevo há muito tempo e porque já tinha tentado fazer uma longa há uns anos, tinha alguns guiões. Queríamos encontrar um guião que fosse exequível a nível de logística de produção, uma vez que tínhamos todo o material técnico essencial. Nesse sentido, o *Nirvana* foi encontrado um pouco por acaso, pois



era um guião que tinha escrito no 12º ano para uma disciplina na Escola de Artes António Arroio, mas que ficou na gaveta. Há pouco tempo, quando estava a reciclar ficheiros para o meu computador novo encontrei-o e quando o li pensei: "isto tinha aqui mais substância do que eu me lembrava" e se eu conseguisse acrescentar aqui mais qualquer coisa para dar um filme de hora e meia, era capaz de dar uma coisa gira. Então enviei o guião para alguns atores com quem eu já tinha trabalhado para saber a opinião deles, e eles adoraram.

Já sabia o que queria das personagens, portanto...

É uma história e um filme, que vive muito de diálogos e das personagens. Acho que é um filme muito bom, e isso acontece porque tive muita sorte com os atores que escolhi. As personagens que eram apenas interessantes ou tinham alguma piada no papel, quando foram personificadas e ganharam aquelas três dimensões que os atores lhes dão, transformaram-se em algo do outro mundo.

E fizeram tudo com os meios que tinham?

Sim, queria fazer uma espécie de tributo aos filmes de ação dos anos 1980 e 90 e, por isso, o filme tem um look estilizado. As cenas de ação não foram assim tão problemáticas e também não há nada que seja tipo um meteorito a destruir um prédio. No entanto, não foi nada fácil de fazer, até porque esta produção foi a viagem mais alucinante de sempre. Mas tudo foi possível devido a uma extrema organização e uma equipa profissional. Como é um filme, ao género dos de Guy Ritchie e de Tarantino, com vários

protagonistas, disse aos atores que cada um deles ficava produtor da sua personagem, ou seja, responsável pelos adereços e pelos *décor*s onde a personagem vive. Isso facilitou as coisas e foi se calhar uma das poucas boas ideias que tive. O resto foi-se fazendo, e sim, tem uma perseguição, tem tiros, tem ação, tem isso tudo, e tudo à anos 1980. Além disso, e agora na pós-produção, os estúdios de efeitos especiais e *motion graphics* fazem pequenos milagres.

Como funcionaram os efeitos digitais?

Trabalhámos com a VBOMB que, basicamente, está a fazer coisas muito simples, porque sempre quis que o filme tivesse, não um look *low-budget*, mas uma estética e um conceito próprios que teriam de ser mantidos. Tanto no som como na correção de cor, as coisas não poderiam surgir demasiado definidas. Queria algo mais *rough* e que fosse "palpável". Ou seja, a equipa de *motion graphics* acabou por fazer coisas menos espetaculares do que se calhar desejaríamos. Se é para partir carros que seja à séria, e não com algoritmos.

Num comunicado, surgia a frase "contratempos absurdos de uma longa-metragem não financiada". Pode falar sobre isso?

Aconteceu tanta coisa, nem sei por onde começar. Agora veio-me à cabeça, e nem é dos casos mais absurdos, uma moto que conseguimos para uma personagem, uma BMW. Era um modelo que tinha saído há dois meses e o dono só a tinha guiado três vezes. Tive, então, todos os cuidados, e como ele não podia aparecer porque queríamos uma personagem feminina, fui buscar uma pessoa que estava habituada >

• **Aqui:** Ian Vellozo veste o papel de Vega, o gangster da Picheleira; **Em baixo:** Carlos Areia é o milionário e traficante Pandarilha.

a guiar aquele tipo de motos e que, inclusive, era amiga do dono da moto. Correu tudo bem, filmámos os takes todos. Era uma coisa muito simples: ela a chegar ao armazém, vestida de branco e numa moto branca, devagarinho, pousava a moto, e pronto. Fizemos o take oito vezes. E correu tudo bem mas, no fim, ela para a moto, mete o descanso e quando vai a sair da moto, o descanso vai outra vez para cima, e a moto caiu no chão. Não ficou destruída mas o arranjo não ficou barato. E depois são outras coisas que são mais ou menos naturais de acontecer, quando não existem cachês e as pessoas têm as suas vidas, e temos de conciliar a agenda de dez ou 15 pessoas.

E mais algum episódio?

Quando estávamos a fazer a cena da perseguição, a polícia mandou-nos parar, e isto é um filme de ação, certo? A polícia mandou abrir o porta-bagagens e nunca mais me esqueço deste momento que está em parte filmado no making of. Quando o abrimos estava cheio de armas. Calmamente, o polícia levou a mão à arma dele, ao coldre. O que nos ajudou foi o facto de um dos nossos atores principais ser um dos editores do jornal do Parque das Nações que conhecia muitas pessoas naquela área, inclusive os polícias. Mas eles não o reconheceram porque ele estava com

um gorro e com uma t-shirt de alças toda rasgada. Parecia um vagabundo, mas aproximou-se e disse: "Sr. Agente, olá, sou eu, o Miguel. Este é um trabalho que estamos a fazer." Na verdade, estávamos todos com um aspeto duvidoso e com ar de gangsters. No final, ele disse: "Ok, então vão lá, com calma."

Eram armas falsas, certo?

Sim, são armas falsas. Umas comprámos numa loja de Carnaval, e eu tinha outras porque já faço filmes com amigos desde os 11 anos. Hoje em dia é proibido vender réplicas de armas mas eu tinha algumas que antigamente podíamos comprar nas grandes superfícies e foi só pintá-las de preto. Tínhamos uma Magnum, uma Colt, uma AK-47...

Para projetos futuros acha que vai ser mais fácil conseguir apoios? Como relaciona isso com a fase do cinema português atual?

Tenho de ter. Porque também é importante que as pessoas percebam que é preciso dinheiro para fazer filmes. É realmente impossível, de momento, em Portugal, uma nova geração de cineastas fazer filmes, porque continuam a existir lobbies e a luta é exatamente

esta; é fazer ver, sobretudo às empresas privadas, que fazer cinema português pode dar dinheiro, e a partir daí conseguir fazer filmes através de financiamento privado, de patrocínios, seja *product placement* ou outras formas, e tentar sempre apoios do Estado, como é óbvio, mas conseguindo criar aqui uma pseudoindústria de cinema. Não vou dizer nunca, mas muito dificilmente nos próximos 20 anos será uma indústria. No entanto, acho que se surgirem mais filmes deste género, e quando digo deste género, é filmes virados para ao público...

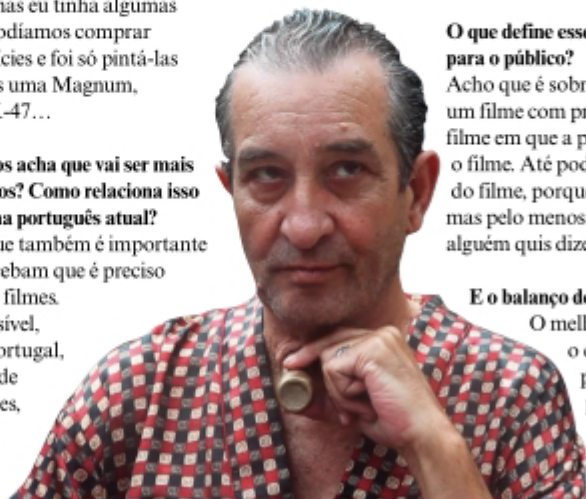
O que define esse tipo de filmes virados para o público?

Acho que é sobretudo o cinema clássico, um filme com princípio, meio e fim. Um filme em que a pessoa entra e sai e percebeu o filme. Até pode ter dito "eu não gostei do filme, porque não gosto deste género", mas pelo menos que diga "eu percebi o que alguém quis dizer com aquele filme".

E o balanço deste filme?

O melhor foi fazê-lo. O pior... o que é que foi o pior? O pior foi ter ficado sem vida pessoal durante três anos.

SARA AFONSO
NIRVANA ESTREIA
A 8 DE MAIO.





CICLO INTERROMPIDO

FELIX VAN GROENINGEN

Realizador fala da "viagem"

→ "A GRANDE BELEZA É UM BOM filme, mas não tão bom como o nosso", confidenciava-nos Felix van Groeningen, sobre a sua obra nomeada também na categoria de Melhor Filme Estrangeiro, *Ciclo Interrompido*. A *Empire* falou, em exclusivo, com o realizador belga poucos dias antes de a Academia ter dado como vencedor o filme de Paolo Sorrentino. Sem o dom de prever o futuro, o cineasta estava eufórico com a possibilidade de levar para casa a estatueta dourada e colocá-la ao lado das outras 15, entre elas o *Golfinho de Ouro* da edição de 2013 do Festróia – Tróia International Film Festival. "Geralmente tenho sempre a certeza, mas neste filme, pensei muito nele e estava sempre a vir-me à memória, até ao dia em que, meses depois, relendo a peça pensei: 'É isso; vamos fazê-lo!'", admitia o realizador.

Em conjunto com o autor da peça de teatro homónima e um dos protagonistas do filme, Johan Heldenbergh, o realizador sabia que a parte mais difícil seria 'juntar tudo.' Houve alturas em que pensámos que estávamos a tentar fazer demais. A história, a miúda, o drama, a música, e eu só pensava, mas o que estou eu a fazer? É demasiado e nunca vou conseguir construir este puzzle e torná-lo mais do que a soma das partes." A viagem, que começou em 2009, parece ter sido muito atribulada mas, no final, "graças ao fantástico editor (Nico Leunen), tivemos a oportunidade de o acabar como queríamos e como tinha de ser terminado." **SARA AFONSO**

CICLO INTERROMPIDO JÁ ESTREOU E É ANALISADO NA PÁG. 41.



CINCO COISAS

ANA RITA CLARA

POB: SARA AFONSO

A grande estreia no cinema, em *Sei Lá*

1 Sempre sentiu que haveria de comunicar com o mundo de formas variadas. Conhecemo-la como apresentadora, "mas seja como atriz, seja a escrever, a produzir conteúdos ou a lutar por causas", nos seus planos "a criação não ocupa lugar". Os estudos de representação deram-lhe o acesso ao teatro, às novelas e a uma curta-metragem.

2 O convite para entrar no cinema surgiu há um ano para interpretar Luísa, no novo filme de Joaquim Leitão, inspirado no livro homónimo de Margarida Rebelo Pinto. "Já conhecia o livro e a história. A procura da felicidade e a ligação entre mulheres e homens serão sempre motivos de bons argumentos."

3 Quanto a Luísa, "é uma mulher muito intensa e que representa a mulher do futuro e dona do seu próprio destino. Talvez muitas mulheres se irão identificar com esta sua faceta e muitos homens vão querer rir-se com ela."

4 Crente de que o amor é "indispensável na vida", reconhece alguns pontos comuns com a sua personagem: "Somos semelhantes na energia pulsante, mas muito diferentes na essência e na forma como encaramos os relacionamentos."

5 Numa história de amor atual, os homens continuam a ser os maus da fita? "Os homens continuam a demorar mais a crescer e a serem fabulosamente práticos. As mulheres são irresistivelmente emocionais e complexas. Mas é nessa diferença que reside o eterno encantamento."

SEI LÁ ESTREIA A 3 DE ABRIL.

FUTURO PERFEITO

O GUIA DA EMPIRE PARA
OS MAIORES FILMES
EM PRODUÇÃO



GRANDE ESTÁ PRESTES a ser redefinido. Nos próximos anos, alguns dos mais caros filmes da história de Hollywood – muitos dos quais fazem parte de séries – vão invadir as salas. Aqui está o nosso guia para os últimos desenvolvimentos que tem de conhecer...

AVATAR 2

QUEM? James Cameron (coargumentista/realizador); Sam Worthington, Zoe Saldana, Stephen Lang, Sigourney Weaver

O QUÊ? A primeira sequência para o maior filme de todos os tempos. Logo depois da estreia do primeiro *Avatar* em 2009, Cameron disse que tinha o itinerário para *Avatar 2*. Desde então, Cameron fez, claramente, um upgrade ao seu GPS. A história ainda é um segredo, mas sabemos que é tão extensa que a trilogia é agora uma tetralogia e que foram contratados mais argumentistas, incluindo Rick Jaffa (*Planeta dos Macacos: A Origem*), Amanda Silver (*Heart of the Sea*) e Shane Salerno (*Armageddon*).

Os novos filmes continuam a seguir as aventuras de Jake Sully (Sam Worthington) – agora um Na'vi de pleno direito – e Neytiri (Zoe Saldana). Há rumores de que agora são pais, com bebês Na'vi na nova família.

Cameron arquivou os planos de levar a ação para fora de Pandora – “Vai ter novos cenários e criaturas de Pandora. Na minha perspectiva, a Pandora que imaginamos vai ser uma terra de fantasia que acompanhará o público durante décadas.”

– mas, com a confirmação de que o vilão principal, Miles Quaritch (Stephen Lang), vai regressar nos três próximos filmes (apesar de estar morto), é esperado que os três filmes vão estar recheados de ação, com alguns apontamentos da filosofia hippie que já marcaram a sua presença no primeiro filme.

PORQUÊ? Há 2,7 milhões de milhões de razões por que os novos filmes devem acontecer. No entanto, desde que *Avatar* conseguiu o feito de quebrar

TRINITY

BATMAN • SUPERMAN • WONDER WOMAN



• Uma representação artística – neste caso, de Matt Wagner – de Batman, Super-Homem e Mulher Maravilha.

• A nova Liga da Justiça? Ben Affleck, Henry Cavill e Gal Gadot.

os recordes de bilheteria mundiais, houve várias reações negativas em relação à visão de Cameron deste mundo onde as Hometree marcam a linha do horizonte. Temos a sensação de que a maioria das pessoas vai voltar a Pandora assim que as imagens da sequência começarem a aparecer, mas não sabemos se os novos filmes têm ou não o poder para ultrapassar as receitas do primeiro.

ONDE? Nova Zelândia, claro. Cameron levou toda a sua família para a Terra Média, comprando aí uma quinta em 2012, e disse que estava muito feliz por ir

filmar as sequelas no seu lar adotivo. Estima-se que a trilogia vá injetar 500 milhões de dólares na economia neozelandesa.

QUANDO? A rotação vai começar este ano, com a estreia de *Avatar 2* prevista para dezembro de 2016. Os planos apontam para o lançamento das duas partes finais em 2017 e 2018. O *reboot* acontecerá em 2030.

1º PLANO

BATMAN VS. SUPERMAN

QUEM? Zack Snyder (realizador); Chris Terrio (argumentista); Henry Cavill, Ben Affleck, Jesse Eisenberg, Amy Adams, Gal Gadot, Laurence Fishburne

O QUE? Adivinhe. Apesar de gostarmos da ideia de pedirmos dois bilhetes para o "projeto sem nome de Super-Homem/Batman", e apesar de a Warner ter comprado diversos endereços de sites que cobriam diversos títulos duvidosos potenciais (como *Man of Steel: Black of Knight*), não há uma pessoa no planeta que não esteja a chamar este filme *Batman Vs. Superman*.

Mesmo com Gal Gadot presente como Mulher Maravilha, e dos rumores de que este filme é um disfarce para um projeto da Liga da Justiça, suspeitamos que o nome se vai manter até ao final.

Desde que Snyder apresentou a ideia na Comic-Con do ano passado (com uma leitura de *The Dark Knight Returns*, de Frank Miller, no qual Batman dá uma tarefa ao Super-Homem) o filme foi interpretado como uma sequência de *Homem de Aço* com Batman. O facto de Amy Adams, Laurence Fishburne e Diane Lane regressarem, juntamente com a confirmação que Jesse Eisenberg vai interpretar Lex Luthor, suporta essa noção.

Ainda assim, suspeitamos que Ben Affleck não foi contratado para um *cameo* glorificado. Chris Terrio, o argumentista de *Argo*, vai reescrever o guião de David S. Goyer, e Jeremy Irons como o leal mordomo de Batman, Alfred, sugere que Bruce Wayne poderá ter um papel maior do que o pensado inicialmente. O produtor Michael Uslan sugeriu recentemente:

"Tem tudo a ver com Bruce Wayne. Quando se focam em Bruce Wayne em torno dos 45 anos, quais são as suas preocupações?"

Por um lado, isto é uma pena – gostávamos de ver o Clark Kent de Cavill em mais um filme para se familiarizar com a personagem, agora que está no *Daily Planet*, mas por outro

lado, será fascinante ver como Snyder vai abordar o confronto de dois super-heróis muito diferentes com duas ideologias díspares.

PORQUE?

O sucesso de *Ox* >

1º PLANO

Vingadores estimulou a Warner Bros./DC para fazer um filme com a sua própria equipa de super-heróis. Apesar de fazer um *reboot* de *Batman* apenas quatro anos depois de a trilogia de Chris Nolan ter terminado parecer algo apressado, não há dúvida que a primeira colisão no grande ecrã entre aqueles que são, provavelmente, os dois maiores super-heróis de sempre, poderá abalar as fundações do *Daily Planet*.

ONDE? Vão regressar ao Illinois para Smallville, a Chicago para Metropolis e talvez aos estúdios de Vancouver.

QUANDO? Originalmente planeado para o próximo verão, está agora marcado para maio de 2016 – a mesma altura que um projeto da Fase 3 da Marvel que poderá ser *Guardiões da Galáxia 2*. Interessante...

QUARTETO FANTÁSTICO

QUEM? Josh Trank (realizador); Simon Kinberg (argumentista/produtor), Matthew Vaughn (produtor); Miles Teller, Kate Mara, Michael B. Jordan (rumor)

O QUE? Quase uma década depois de *Surfista Prateado*, e de o interesse do público ter seguido noutra direção, a família da Marvel vai regressar ao grande ecrã pelas promissoras mãos do realizador de *Crónica*, Josh Trank. Neste momento, o elenco é composto por Miles Teller no papel de Reed Richards, *aka* o elástico Senhor Fantástico, Kate Mara, de *House of Cards*, no papel da Mulher Invisível, Sue Storm, e Michael B. Jordan, prestes a tornar-se o primeiro Tocha Humana negro, *aka* Johnny, o irmão de Sue. Trank usou o Twitter para desmentir os rumores de que Josh Gad, mais conhecido por *The Book of Mormon* e *Frozen: O Reino do Gelo*, iria interpretar a personagem Coisa. Houve também rumores de que o filme seria sobre Reed Richards e Ben Grimm serem recrutados como armas humanas e que o Doutor Destino poderia ser uma mulher, mas Trank também os desmentiu.

PORQUE? Juntamente com os X-Men, Quarteto Fantástico é a última propriedade intelectual da Marvel no portefólio da Fox. Crê-se que a Fox terá de começar a filmar outro filme do Quarteto Fantástico no outono ou os direitos voltarão para Kevin Feige e companhia. A Fox não teve problemas em que isso acontecesse com *Demolidor*, mas Quarteto Fantástico é uma marca de enorme potencial e, ao contrário da última vez em que as rédeas foram dadas a Tim Story com um argumento simplista, desta feita o Quarteto está a ser



tratado como devia. “É um *reboot*”, diz Vaughn à *Empire*. “Não tem nada a ver com os outros. Não é um gajo de borracha e outro feito de rocha que parece esferovite. E não é uma comédia.”

ONDE? Baton Rouge parece provável.

QUANDO? A rodagem começará em breve e o filme será lançado em junho de 2015. Fala-se que o novo Quarteto acabará por ser combinado com o universo dos X-Men. “É algo que estamos interessados em criar”, diz Simon Kinberg, “se for possível ligar os filmes para que a experiência global seja mais satisfatória”.

• Aqui: Apesar das polémicas, Michael B. Jordan pode estar prestes a tornar-se o primeiro Tocha Humana negro.



• R2-D2 e C-3PO de volta à ação? De acordo com um tweet, um deles está.



Hi from the workshop! #StarWarsVII
pic.twitter.com/9R7JGSf1c

View translation

Reply Retweeted Favorite More



STAR WARS: EPISÓDIO VII

QUEM? J. J. Abrams (coargumentista/realizador); Kathleen Kennedy (produtora); Lawrence Kasdan (coargumentista)

O QUE? Um pequeno filme independente sobre um rapaz e o seu amor por um cão inteligente. Ou, na verdade, o primeiro novo *Star Wars* em nove anos, o primeiro sem a omnipresença de George Lucas, e o primeiro passo num mundo mais vasto de spin-offs, arcos ao estilo da Marvel

e domínio galáctico. Abrams e Lawrence Kasdan escrevem o argumento, substituindo Michael Arndt e, como seria expectável da equipa J.J., foram revelados poucos pormenores. Apesar de a muita publicitada procura por protagonistas mais novos apontar para uma nova geração de Skywalkers e Solos, os rumores atuais sugerem que o primeiro filme da nova trilogia se poderá focar nos retornados Harrison Ford, Mark Hamill e Carrie Fisher como Han Solo, Luke Skywalker e Princesa Leia, com as personagens mais jovens a abraçarem a Força em filmes posteriores. Ford, Hamill e Fisher não dizem nada. Apesar de Abrams se ter reunido com toda a gente do universo – Jesse Plemons, o Todd Alquist de *Breaking Bad*, foi referido para um papel principal, enquanto atores como Gary Oldman e Saoirse Ronan admitiram terem sido contactados. Nem um só elemento do elenco tinha sido confirmado na altura em que este artigo foi escrito.

Sabemos que John Williams vai compor a música. E num tweet, Abrams revelou que o adorado R2-D2 vai regressar à ação. Será que o C-3PO de Anthony Daniels poderá estar muito longe?

PORQUE? É *Star Wars*. Mais a sério, com Lucas numa meia-reforma, o realizador queria assegurar que a Lucasfilm continuava em boas mãos. A Disney interveio, com um belo cheque de quatro mil milhões de dólares, segura do enorme potencial da marca.

ONDE? Abrams e Kennedy afirmaram diversas vezes o seu desejo de usar cenários reais sempre que possível. Os estúdios Pinewood vão ser a base principal para as filmagens, com rumores de que o *set* da Millennium Falcon já foi construído e está apenas à espera de Han e Chewie para se lançar às estrelas. Supostamente, Abrams também construiu um ministúdio nos escritórios de Los Angeles da Bad Robot. Este estúdio vai permitir a Abrams gravar sequências durante a pós-produção.

QUANDO? Tudo leva a crer que o filme começará a ser rodado em maio e que a rodagem durará até setembro. Um *Star Wars* vai pela primeira vez começar sem a fanfarra da Fox pela primeira vez a 18 de dezembro de 2015.

WARCRAFT

QUEM? Duncan Jones (realizador, coargumentista); Charles Leavitt (coargumentista); Ben Foster, Paula Patton, Dominic Cooper, Toby Kebbell, Clancy Brown

O QUE? Adaptação de *World of Warcraft*, o MMORPG (*massively multiplayer online role-playing game*, caso não esteja familiarizado com o jargão dos jogos), *Warcraft* poderá ser o filme que a) vai legitimar as adaptações de videogames depois de décadas de *Super Mario*, *Tomb Raider* e *Resident Evil* e b) vai levar Duncan Jones para a liga principal.

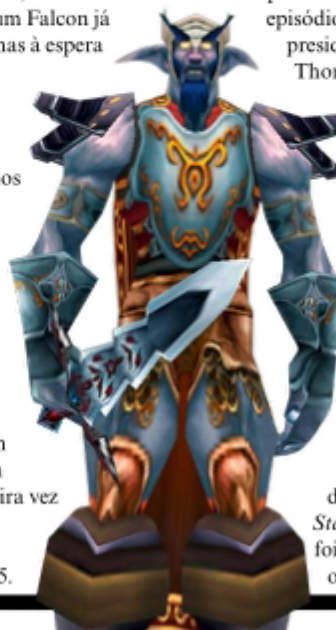
Jones, que se juntou ao filme depois da saída de Sam Raimi, é um ávido jogador e anunciou um filme com um cenário de deserto, céu laranja, guerreiros e *trolls* na Comic-Con em 2013, exibindo arte conceptual alguns meses depois. Não foi revelado o enredo, mas como o jogo é enorme e anárquico, não invejamos a tarefa de Jones e Leavitt.

O CGI vai estar presente em força, apesar de Jones ter confirmado a existência de muitas próteses e efeitos físicos, enquanto as espadas que estão a ser forjadas são as “maiores que um humano pode brandir”. A agarrar no seu punho estarão atores como Ben Foster, Paula Patton e Dominic Cooper, que disse que o filme tem no seu centro uma “história humana”, com “humanos a enfrentarem outras raças e temas problemáticos”. Os rumores que ligavam Colin Farrell ao filme foram desmentidos.

PORQUE? O jogo em que se baseia é, provavelmente, o maior de todos os tempos, suficientemente grande para inspirar não apenas um mas dois episódios de *South Park*. O presidente da Legendary, Thomas Tull, está consciente do poder de *Warcraft* e tem o apoio dos fãs. “Fazer um mau filme apenas para vender bilhetes aos fãs não é uma opção.”

ONDE? Está atualmente a ser filmado em Vancouver.

QUANDO? Estava marcado para dezembro de 2015, mas sofreu uma alteração para março de 2016 quando um certo *Star Wars: Episódio VII* foi agendado para a data original. >



TERMINATOR: GENESIS

QUEM? Alan Taylor (realizador); Megan e David Ellison (produtores); Laeta Kalogridis, Patrick Lussier (argumentistas); Arnold Schwarzenegger, Emilia Clarke, Jason Clarke

O QUE? O futuro não está escrito. Não há destino para além daquele que criamos para nós mesmos. Mas quando se trata da série *Exterminador Implacável*, isto não é verdade. O futuro está escrito – em 2019, os direitos vão reverter para o seu criador, James Cameron.

Com isso em mente, a Paramount juntou-se à Skydance Productions de David Ellison para colaborar no mais intrigante *Exterminador* há muito tempo; uma nova linha temporal que pode seguir as pegadas da história original – o Exterminador é enviado para o passado para matar Sarah Connor, a mãe do futuro líder da resistência, John Connor; o protetor humano Kyle Reese é também enviado no tempo para a proteger. O facto de Jason Clarke ter sido escolhido para o papel de John Connor sugere que esta personagem terá uma importância maior na história. Será que o filme vai andar entre as duas épocas como *Dias de Um Futuro Esquecido*?

Outra Clarke – Emilia, de *A Guerra dos Tronos* – é a nova Sarah Connor, e a corrida por Kyle Reese está reduzida a cinco concorrentes, incluindo Jai Courtney e Boyd Holbrook.

E ainda temos Arnie. Por mais que adorássemos ver um velho Exterminador a coxear na atualidade em busca da sua presa, a aposta vai para o Carvalho Austríaco colocar uns sensores e ter os seus movimentos capturados.

PORQUE? A marca *Exterminador* ainda tem muita força. Muito vai depender da classificação etária – os fãs querem um filme mais violento. E Arnie precisa urgentemente de um êxito.

ONDE? A rodagem vai decorrer em Nova Orleães.

QUANDO? Julho de 2015, mesmo a tempo para completar uma trilogia antes de os direitos regressarem a Cameron.



MAD MAX: FURY ROAD

QUEM? George Miller (argumentista/realizador); Tom Hardy, Charlize Theron, Rosie Huntington-Whiteley, Nicholas Hoult

O QUE? George Miller teve a ideia para este quarto *Mad Max* pouco depois de o terceiro filme, *Além da Cúpula do Trovão*, estrear. Isso foi há quase 30 anos. O realizador viu a série apanhar pó todos estes anos mas, em 2012, finalmente começou a gravar, com Tom Hardy no papel tornado famoso por Mel Gibson (que recusou voltar à pele da personagem em 2003), e está a preparar-se para ser lançado.

O próprio Miller disse que “Mad Max envolve-se com um grupo de pessoas que fogem pela Wasteland num War Rig conduzido pela Imperator Furiosa”. Furiosa é interpretada por uma careca Charlize Theron, que disse que o papel a assustou bastante. “O George criou uma personagem feminina diferente de tudo o que já li.”

Ou melhor, personagens femininas, já que Max também terá de proteger um grupo conhecido como Five Wives (incluindo Zoë Kravitz e Rosie Huntington-Whiteley). E claro que terá perseguições automóveis. Nicholas Hoult (Nux) disse à *Empire* que “o que vi no set era fenomenal. Vai ser algo muito entusiasmante. O George Miller é um génio.”

PORQUE? Warner Bros. sentiu que podia ressuscitar uma série.

ONDE? Namíbia fez de Austrália pós-apocalíptica.

QUANDO? Está previsto chegar às salas em maio de 2015.

AVENGERS: AGE OF ULTRON

QUEM? Joss Whedon (argumentista/realizador); Robert Downey Jr., Chris Evans, Mark Ruffalo, Chris Hemsworth, Scarlett Johansson, Jeremy Renner, Samuel L. Jackson, Don Cheadle, James Spader, Aaron Taylor-Johnson, Elizabeth Olsen, Paul Bettany

O QUE? A última parte da Fase 2 da Marvel. A sequência do terceiro maior filme de todos os tempos. Neste filme, os maiores heróis da Disney/Marvel/Terra vão juntar-se para enfrentar a sua maior ameaça de sempre – James Spader como o robô genocida Ultron. Na BD,



Direita: Tom Hardy e Charlize Theron. Baixo: Rodagem no set. Fundo: Quatro das Five Wives.



Ultron é construído por Hank Pym, aka *Ant-Man* de Edgar Wright, mas parece que Whedon vai recontar a origem de Ultron para o universo cinematográfico Marvel e torná-lo um produto Stark. Paul Bettany, a voz de J.A.R.V.I.S. nos três *Homem de Ferro*, vai receber um upgrade, tornando-se o androide Vision. Taylor-Johnson e Olsen, que em breve serão vistos como marido e mulher em *Godzilla*, vão explorar território diferente como os irmãos Quicksilver e Scarlet Witch, que poderão começar o filme no lado errado da lei. Thomas Kretschmann vai interpretar o vilão de Capitão América, o barão Wolfgang von Strucker, que, segundo os rumores, enfrentará a equipa numa sequência pré-créditos ao estilo de Bond, enquanto Don Cheadle como War Machine não ficará em casa desta vez.

AGE OF ULTRON

JURASSIC WORLD

QUEM? Colin Trevorrow (realizador); Chris Pratt, Bryce Dallas Howard, Ty Simpkins, Jake Johnson

O QUÊ? Mais de uma década depois de pisarmos pela última vez Isla Nublar em *Parque Jurássico III*, o parque volta ao grande ecrã. Mais uma vez, Steven Spielberg produz o filme, com a realização a ficar a cargo do prodígio *indie* Colin Trevorrow (*Safety Not Guaranteed*). Tal como muitos realizadores em ascensão (por exemplo, David Lowery, o realizador de *Ain't Them Bodies Saints*, é um grande fã de *Star Wars*), Trevorrow mistura a paixão pelos princípios *indie* com uma ternura profunda por *blockbusters*, e estamos genuinamente curiosos com o que fará no seu segundo filme.

Sabemos que não será um remake e que regressará a Isla Nublar. Rumores sugerem que o filme terá lugar 22 anos depois, com o Parque Jurássico a funcionar, sendo conhecido como Jurassic World... Até que, provando que Ian Malcolm estava correto, os animais começam a comer os turistas.

Parece não haver lugar para Jeff Goldblum, Laura Dern ou Sam Neill desta vez (sabe-se lá que saltos narrativos terão Trevorrow e o seu parceiro de escrita, Derek Connolly, dar para isso funcionar), e serão Chris Pratt (como um militar que combina o "cinismo de Goldblum" com "o entusiasmo de Sam Neill"), Bryce Dallas Howard (como uma cientista) e Ty Simpkins (como, bem, um miúdo) a dar os gritos desta vez.

Jack Horner – uma das inspirações para a personagem Alan Grant (Sam Neill) – regressa como consultor de dinossauros e promete um assustador novo dino. "Vão querer manter as luzes ligadas depois de verem este filme", diz ele. E também é com agrado que vemos o génio da *stop-motion*, Phil Tippett, de volta como o supervisor dos dinossauros. Só lhe pedimos para ficar mais atento aos bichos desta vez pois nos outros filmes portaram-se muito mal.

PORQUÊ? O primeiro foi, por uns tempos, o maior filme de sempre. Os miúdos adoram dinossauros – e, temos de admitir, ver pessoas a serem comidas por dinossauros. Se for bem feito, pode ser um êxito.

ONDE? Nova Orleães, e Trevorrow fez um tweet com uma foto de Kauai, no Havai.

QUANDO? Junho de 2015. **OW** e **JW**

• A BD *Age of Ultron*, que apenas partilha o nome com o filme de Whedon.

Whedon revelou recentemente a sua inspiração, e não é um qualquer filme de super-heróis como se poderia supor: "*O Padrinho: Parte II*, onde muitas coisas aconteceram entretanto, é de facto um filme muito diferente mas não precisamos de mais informação do que aquela que é apresentada. Está tudo no filme: o que se passou, o que está diferente, porque tem uma estrutura diferente e porque é mais negro. Está tudo ali." Não é um mau sítio para se começar.

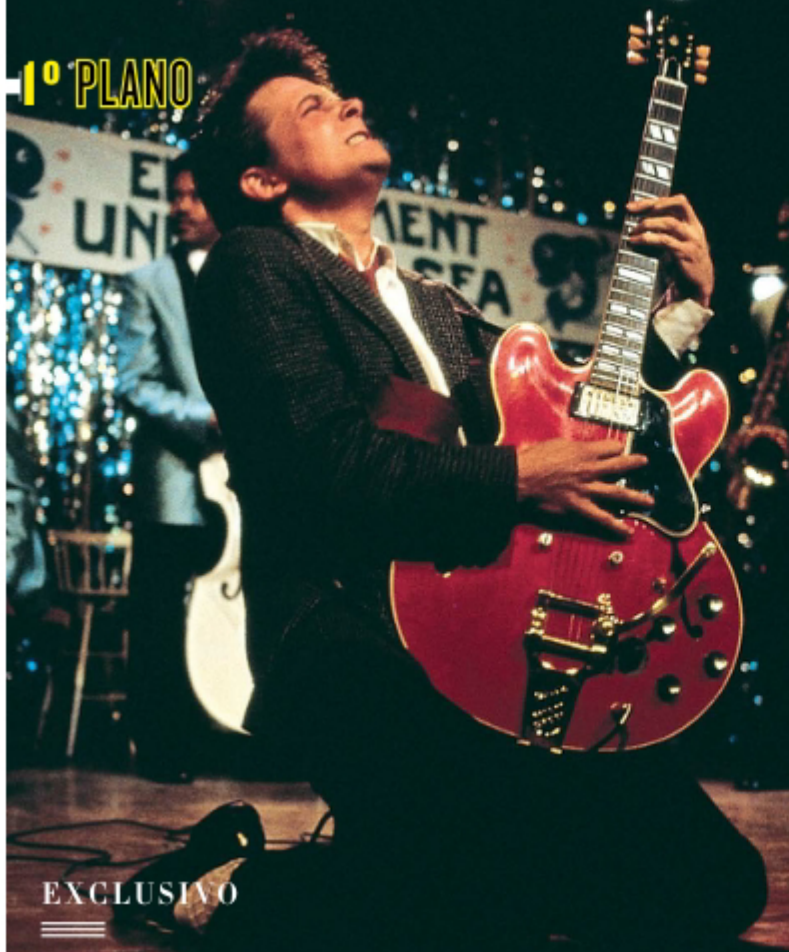
PORQUÊ? O primeiro filme superou todas as expectativas e fez 1,5 mil milhões de dólares nas bilheteiras. Este poderá ser ainda maior.

ONDE? Está a ser gravado em Londres, Itália, Coreia do Sul e Joanesburgo.

QUANDO? A estreia está prevista para maio de 2015.

Aqui: Scarlet Witch e Quicksilver (Elizabeth Olsen e Aaron Taylor-Johnson) e um habitante de Jurassic World.





EXCLUSIVO

GREAT SCOTT!

BOB GALE FALA SOBRE O MUSICAL DE REGRESSO AO FUTURO

POR VEZES TÊM UMA IDEIA E, 24 HORAS depois dizem, "O que estava a pensar?", diz Bob Gale, o coargumentista de *Regresso ao Futuro*. "Esta não foi uma dessas ideias."

A ideia de que fala é o musical de *Regresso ao Futuro*, que tem estreia marcada para o West End de Londres durante 2015. "Se considerámos estrear a 21 de outubro de 2015? Claro!", ri Gale, que faz parte da equipa criativa do musical. Gale vai escrever a peça com Robert Zemeckis. Alan Silvestri e Glen Ballard vão compor as músicas enquanto o realizador Jamie Lloyd ("Há algo natural no apelido Lloyd", ri Gale) vai encontrar uma forma de colocar skateboarding em palco e o DeLorean a voar.

"O Bob e eu sempre dissemos que nunca faríamos uma parte quatro, nunca autorizaríamos um remake e protegeríamos sempre a série", diz Gale. Mas falam do musical há uma década, e com a proximidade do 30º aniversário, teve lugar uma reunião com o produtor britânico Colin Ingram.

Ainda está no início, mas Gale pensa que a história – na qual Marty McFly viaja até 1955 e impede os seus pais de se apaixonarem – se vai manter basicamente a mesma, com alguns pormenores alterados. "Temos de pensar no que funciona em palco. Há piadas que, obviamente, não funcionam – por exemplo, as piadas ao jantar quando veem o *The Jackie Gleason Show* na TV."

Parte do espetáculo – que tem a bênção de Michael J. Fox, Christopher Lloyd e Lea Thompson – vai seguir o formato de musical jukebox. "Temos de ter *The Power of Love*, *Johnny B. Goode*, *Earth Angel* e *Mr. Sandman*. Talvez *Back in Time*.

SEIS CANÇÕES QUE QUEREMOS OUVIR

1 YOU'RE A SLACKER, McFLY!

2 WHAT THE HELL'S A GIGAWATT?

3 HEY, BUTTHEAD!

4 ISN'T HE A DREAMBOAT?

5 I AM YOUR DENSITY

6 IT'S THE LIBYANS!

Não podem ir a um espetáculo chamado *Regresso ao Futuro* e não ouvirem essas músicas", acrescenta Gale. "O filme é sobre um miúdo que quer ser músico. Ele quer tocar e cantar rock e isso está nas músicas."

A equipa de *Regresso ao Futuro* também vai compor músicas originais. "Estamos a ver que tipo de músicas devemos explorar – o Doc devia fazer um número do género de Gilbert e Sullivan? Podia ser divertido. Há muitas falas do filme que sugerem títulos ou letras de canções."

Workshops e casting ainda estão por acontecer, mas qualquer espetáculo baseado em *Regresso ao Futuro* – e é apenas o primeiro filme – tem de terminar com um DeLorean a voar sobre o público, certo? "Sim", diz Gale. "Muitas pessoas pensam nisso, incluindo nós!" **CH**



→ **E O GRANDE VENCEDOR DA** competição Done In Sixty Seconds (DISS) é João Carrilho, que venceu esta iniciativa promovida pela revista *Empire* e a Jameson, com a reprodução animada do filme *A Mulher Que Viveu Duas Vezes...* em 60 segundos. "Contar a história de um grande filme num só minuto é uma tarefa complicada, e foi com o objetivo de me desafiar a mim mesmo que decidi experimentar. O objetivo cumprido deixa-me

satisfeito", afirma o vencedor. O próximo passo de João Carrilho é sagrar-se um dos cinco finalistas a nível mundial, para poder assistir à grande Gala dos Jameson Empire Awards, que vai ter lugar em Londres, no dia 30 de março. Na iniciativa nacional, e durante a gala de entrega dos Prémios do Shortcutz em Lisboa, Margarida Madeira ganhou o segundo lugar com a sua "versão vegetal" de *A Noite dos Mortos-Vivos*, e Nuno Maravilha

arrecadou o terceiro lugar com a sua versão de *Indiana Jones e o Templo Perdido*, salientando, sobre o DISS, que "qualquer pessoa deveria experimentar, aceitando o desafio de interpretar um filme em apenas 60 segundos, dando a sua visão e o seu toque pessoal à peça original, podendo explorar diversas abordagens. Tudo pode ser experimentado, misturado, e imaginado, em apenas 60 segundos... Vale tudo!" **SA**

P & R

PERGUNTAS INDISCRETAS

ANTHONY MACKIE

O Falcão adora matemática
mas falha na conta do leite

Qual foi a pior lesão que já sofreu?

Uma distensão muscular na virilha a jogar futebol. Quando a virilha dói, não há nada que se possa fazer. Estou feliz por anunciar que a minha virilha recuperou cem por cento.

Qual foi a vez em que ficou mais fascinado com uma estrela? Pensam que foi com o The Rock, mas não.

Diria que foi a primeira vez que joguei com Jerry Rice no desafio de futebol Madden. Estava a dizer para mim mesmo, "Virilha, não me falhes agora!" Em relação a Hollywood, foi Morgan Freeman, porque ele é o deus negro. Quando conhecem o deus negro, as coisas mudam para vocês.

Quanto custa um litro de leite? Uau, hum. Um litro de leite? Cinco dólares. Aqui nos EUA o leite está a disparar. Estamos numa recessão de leite, meus amigos. Os tempos estão difíceis... Estas vacas!

Qual é a sua palavra favorita? Melancolia. Ao crescer, uma das minhas canções favoritas era *My Melancholy Baby*. A palavra captura exatamente o significado.

Qual foi a maior coisa que roubou de um hotel? Fiquei num hotel muito bom e tinham um cabo especial para televisão que ligava todos aparelhos. Fazia com que o comando operasse o som, luzes, tudo. Estava à procura de um cabo assim há cinco anos, mas não o conseguia encontrar. Então, roubei-o do meu quarto. Depois, fui até à receção e disse: "A minha TV não está a funcionar!"

Eles mudaram-me para um novo quarto e também roubei o cabo que havia lá. Ok, agora estou a sentir-me mal.

Quando esteve nu pela última vez no exterior? Curiosamente, acabei de pôr uma piscina no meu jardim, e o objetivo de colocar uma piscina no jardim é divertir-me sem roupa. Na verdade, estou deitado no sol, a escurecer o chocolate, neste momento.

Qual é o seu animal favorito? Vou dizer furão. Adoro furões!

O que faz melhor do que qualquer outra pessoa que conheça? Hum... sexo. Sou muito bom, pelo menos é o que me diz a minha namorada. Ela *pode* estar a mentir. Hum, quanto mais penso nisso, mais me convengo de que ela está a mentir – mas em relação a mentiras, ela é uma muito boa. Esta bazófia não foi verificada independentemente por uma equipa imparcial de auditores.

É especialista em que tema? Matemática. Tenho a habilidade inata de fazer qualquer equação matemática muito depressa. Não é um truque de feira, mas faço-o aleatoriamente na minha cabeça quando não tenho nada para fazer. Sou forreta, percebem, e estou sempre a ver quanto é que as coisas custam e quantas unidades posso comprar.

Ok, quanto é 63 vezes 7? 441.

As pessoas dizem-lhe as suas falas? Todos.

FACTOS!

→ Trabalhou duas vezes com Spike Lee: no filme de TV *Sucker Free City* e em *Ela Odeia-me*, ambos em 2004.

→ Planeou ser engenheiro, mas, "Nunca veem raparigas a correr atrás de engenheiros."

→ Interpretou Tupac Shakur em palco (em *Up Against The Wind*) e no cinema (em *Notorious B.I.G.*, de 2009).



Os Dias. Hoje, alguém virá ter comigo e cantar todo o meu rap de *8 Mile*. Nunca os corrijo quando dizem as frases erradas. Apenas fico ali, com ar surpreso e a perguntar-me porque é que esta pessoa está a gritar letras de rap na minha cara.

Deus é um homem de barba branca? É um negro enorme com alguns pelos brancos na sua barba. Seria mais assustador se fosse uma enorme mulher com uma barba encaracolada, mas isso é com ele. Quem sou eu para julgar o Morgan Freeman?

Numa escala de um a dez, quão peludo é o seu rabo? (Risos) Dois e meio. Talvez dois. É a minha melhor estimativa.

O que faria se acordasse amanhã e fosse o Bruce Willis? Escrevia uma lista de coisas que tinha de fazer: 1. Recuperar a ex-mulher. (Missão cumprida!) 2. Fazer *Die Hard 8* (Missão cumprida!). Seria uma lista muito curta. **AP CAPITÃO AMÉRICA: O SOLDADO DO INVERNO ESTREIA A 27 DE MARÇO.**

VENCEDORES DOS OSCARS® 2014 NO MEO VIDEOCLUBE

Do grande ecrã para a grande estreia na sua TV, smart TV,
tablet, smartphone, PC ou consola!

Entre os milhares de filmes do MEO VideoClube encontre também os melhores filmes de sempre!
Veja alguns dos grandes vencedores da recente cerimónia dos Óscares onde quer que esteja.



GRAVIDADE



Vencedor de 7 Óscares da Academia nas categorias de Melhor Realizador, Melhor Fotografia, Melhor Montagem, Melhor Banda Sonora, Melhor Edição de Som, Melhor Mistura Sonora e Melhor Efeitos Visuais.



BLUE JASMINE



Vencedor de um Óscar da Academia na categoria de Melhor Atriz.

OUTRAS ESTREIAS NO MEO VIDEOCLUBE



**THE HUNGER GAMES II
EM CHAMAS**
2013 | Ação | M/12
Realização: Francis Lawrence



**O HOBBIT:
A DESOLAÇÃO DE SMAUG**
2013 | Aventura | M/12
Realização: Peter Jackson



**GRUDGE MATCH
AJUSTE DE CONTAS**
2013 | Comédia | M/12
Realização: Peter Segal



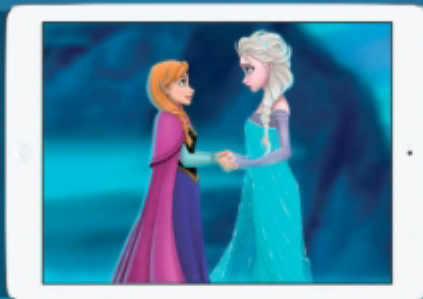
**47 RONIN – A GRANDE
BATALHA SAMURAI**
2013 | Ação | M/12
Realização: Carl Rinsch

VANTAGENS DO MEO VIDEOCLUBE:

FROZEN: O REINO DO GELO



Vencedor de dois Óscares da Academia nas categorias de Melhor Filme de Animação e Melhor Canção Original.



LEVE A FAMÍLIA AO CINEMA POR APENAS € 3,50

Troque a cadeira do cinema pelo sofá da sala e alugue os filmes diretamente na TV: veja e reveja durante 48 horas, as vezes que quiser.

SÃO MILHARES DE FILMES À SUA DISPOSIÇÃO

Dos êxitos mais recentes aos filmes mais premiados de Hollywood, do cinema independente e europeu, passando pela produção nacional. Veja o trailer, a sinopse e o elenco, para o ajudar na sua escolha.

CINEMA EM TODOS OS ECRÃS, DENTRO E FORA DE CASA

O MEO VideoClube chega a todo o lado: à sua TV (através da MEOBox), ao tablet, ao smartphone e ao PC através do MEO Go. Onde quer que vá, leve a sua sala de cinema consigo e assista aos melhores filmes.

JÁ DISPONÍVEL NAS SMART TV E NA PLAYSTATION®

Aceda à aplicação do MEO VideoClube nas Samsung Smart TV, PS3 e PS4 e descubra os milhares de filmes disponíveis para alugar.



12 ANOS ESCRAVO



Vencedor de três Óscares da Academia nas categorias de Melhor Filme, Melhor Atriz Secundária e Melhor Argumento Adaptado.

Disponível a 30 de abril

Consulte o catálogo do MEO VideoClube no site meogo.pt.



O CONSELHEIRO
2013 | Thriller | M/16
Realização: Ridley Scott



CHOVEM ALMÔNDEGAS 2
2013 | Animação | M/4
Realização: Cody Cameron e Kris Pearn



UM NOVO FINAL
2013 | Comédia | M/12
Realização: Craig Zisk



DANÇA DE SOMBRAS
2012 | Suspense | M/12
Realização: James Marsh

EMPIRE

NOS CINEMAS



• O afável M. Gustave (Ralph Fiennes) com Agatha (Saoirse Ronan) e o devoto Zero (Tony Revolori).

≡ AS ESTREIAS ANALISADAS PELA EMPIRE ≡

GRAND BUDAPEST HOTEL

Pequeno-almoço e excentricidade incluídos

ESTREIA 10 de abril
TÍTULO ORIGINAL The Grand Budapest Hotel

REALIZAÇÃO Wes Anderson

ELENCO Ralph Fiennes, Tony Revolori, F. Murray Abraham, Jude Law, Adrien Brody, Willem Dafoe, Saoirse Ronan

DURAÇÃO 100 min.

ENREDO Tom Wilkinson (Law) visita nos anos 1960 um hotel luxuoso, conhecendo o seu proprietário, Moustafa (Abraham), que lhe conta como herdou o edifício de M. Gustave (Fiennes).

duração, foi um dos seus mais emotivos. Podia ser visto como um filme para crianças, mas acabou por ser, talvez, o seu projeto para adultos mais sofisticado, reiterando o tema da família disfuncional dos seus filmes iniciais sombrios, de uma forma mais divertida e subversiva.

Como *Senhor Raposo*, *Grand Budapest Hotel* é um filme com grande ênfase no design de produção. Mas se Anderson normalmente investe em interiores – pense em *Darjeeling* com o comboio de Bollywood, *Um Peixe Fora de Água* com o submarino ou *Moonrise Kingdom* com a casa labiríntica de Bishop – este filme aventura-se em vastos exteriores e, pela primeira vez, tenta criar a própria paisagem. Trocando a animação checa tridimensional de *Senhor Raposo* pelas duas dimensões do cinema francês primordial, oferece um pouco de magia ao estilo de Méliès nos seus cenários, com pequenos teleféricos de papel que percorrem as montanhas e elevadores.

Inspirando-se noutra referência cinematográfica, *Os Grandes Aldabões*, dos irmãos Marx, com o seu cenário fictício de Freedonia, o filme de Anderson decorre num mundo próprio, a República de Zubrowka, onde a moeda é o “klübeck”. Levando o conceito ainda mais longe, há dois Grand Budapest Hotel: a ornamentada Xanadu do início do século XX e o pragmático hotel da Guerra Fria dos anos 1960. Vemos o mais recente primeiro

O TÍTULO DO OITAVO FILME

de Wes Anderson declara o seu propósito: o fabuloso hotel da Europa de Leste não é bom ou distinto mas Grandioso, um reflexo não só da sua clientela mas da sempre refinada estética do realizador. Coescrito pelo artista Hugo Guinness, cujo CV – designer de produtos de pele e marido da artista Elliott Puckette – dá a impressão que uma das personagens curiosas de Anderson ganhou vida, *Grand Budapest Hotel* continua a curva ascendente do realizador depois de *The Darjeeling Limited*, um projeto divertido mas leve que sugeriu que poderia estar a ficar sem vapor criativo.

No entanto, com *O Fantástico Senhor Raposo*, Anderson revelou uma surpreendente nova energia. Apesar de ser, literalmente, o filme em que mais meteu a mão, e que lhe permitiu controlar todos os aspetos, das atuações e dos cenários à

FIQUE ATENTO

N.º 1

Angela Lansbury foi escolhida para o papel de Tilda Swinton mas recusou-o por estar a fazer a peça *Miss Daisy*.

N.º 2

Cada época do filme foi gravada num formato de imagem diferente.

N.º 3

Madame D. aponta claramente para o clássico de 1953 de Max Ophüls *Madame de...*

N.º 4

Zubrowka é, na realidade, uma vodka seca originária da Polónia.

enquanto o narrador do filme viaja para lá, em flashback, como um jovem e conhece o proprietário solitário do hotel, Moustafa (F. Murray Abraham). Nesta versão, o *Grand Budapest Hotel* é um lugar silencioso e sinistramente calmo de intriga soviética, um local retirado diretamente de *As Vidas dos Outros*, que tresanda a serviços secretos, informadores policiais e microfones escondidos.

Temos assim a mesma personagem em duas épocas: o Author hoje (Tom Wilkinson, a olhar diretamente para a câmara como num anúncio de serviço público) e como era no final dos anos 1960 (Jude Law), uma personagem mais aventureira e alegre. Em teoria, não há razão para que isto aconteça, mas adequa-se bem à natureza bizarra da história, criando uma estrutura de matriosca que acaba por revelar o verdadeiro herói do filme, o adorável M. Gustave (Ralph Fiennes). O enredamento das memórias – que, na verdade, é a recolha de Author das memórias de Moustafa – é um artifício inteligente para brincar com o exagero e a contradição. Filtrado pelo jovem e impressionável Moustafa, mas também pela memória criativa do Author de Wilkinson/Law, M. Gustave é tanto um preguiçoso como um palhaço, um mulherengo cuja desonestidade queda para viúvas ricas contrasta com a sua imagem afável.

É um desses namoros, com Madame D. (Tilda Swinton), que está no centro da história principal do filme e que nos leva para o opulento apogeu do *Grand Budapest Hotel*, empoleirado numa montanha de Zubrowka como um enorme bolo de casamento. O desinibido e incansável M. Gustave está aqui no seu elemento, e a câmara de Anderson diverte-se a manter-se a par da personagem enquanto anda à volta das suas senhoras, elogiando a pele enrugada das estimadas presas.

E pela primeira vez em Wes Anderson, até existe um MacGuffin: após a sua morte, Madame D. lega em testamento a M. Gustave a pintura renascentista *Rapaz com Maça*, de Johannes van Hoyle o Jovem, para desdém do filho da falecida, Dmitri (Adrien Brody).



• Willem Dafoe, Adrien Brody e Mathieu Amalric com Fiennes.



• Tilda Swinton é Madame D., cujo quadro está no centro da história.

A pintura – quem a tem e quem a quer – é o ponto de apoio no qual o filme de Anderson se equilibra, levando a uma farsa rica que traz à memória os filmes antigos da *Pantera Cor-de-rosa*. Existe mesmo um laivo de Peter Sellers na atuação de Fiennes, que ecoa a inocência desastrada e de bom coração de Clouseau mas também o jeito elegante do ator com as palavras – há uma absurdistade cômica e séria na linguagem que complementa perfeitamente a fisicalidade jocosa que domina o último ato.

Mas como acontece sempre num filme de Anderson, este não é apenas um espetáculo de Fiennes, já que há *cameos* dos seus atores habituais nos lugares mais improváveis. Andando muito para trás – *Roda Livre* e *Gostam Todos da Mesma* – temos Owen Wilson,

Bill Murray e Jason Schwartzman; de tempos mais recentes – *Um Peixe Fora de Água* e *Moonrise Kingdom* – temos Willem Dafoe, Harvey Keitel e Edward Norton. Podiam destoar, mas Anderson usa-os de forma inteligente, notavelmente Keitel como Ludwig, um presidiário de cabelo rapado, Dafoe como Jopling, contratado por Dmitri para encontrar o quadro perdido, e Norton como o “bom” fascista Inspetor Henckels, que acaba por ser o anjo da guarda de M. Gustave quando surgem as nuvens da guerra.

Estes pormenores vão ser apreciados pelos seguidores mais fiéis de Anderson, já que *Grand Budapest Hotel* está estilizado de tal maneira que muitos se vão faltar rapidamente da sua estrutura, do seu implacável espalhafato e da sua linguagem corporal rígida (veja a forma como a criada hilariante e tensa Clotilde

de Léa Seydoux entrega a M. Gustave uma encomenda). Mas para aqueles dispostos a entrar no estranho e maravilhoso mundo de Anderson, há muito para desfrutar: o diálogo é mais rico do que o habitual, com um encanto particular no universo barroco de M. Gustave, um consumidor de pastelaria requintada, que se pavoneia em fraque e se borrija com o perfume *L’Air De Panache* num frasco de cristal. E apesar de parecer que pisa a insipidez quando o espetro do fascismo assombra a visão idealizada de Anderson da Belle Époque, Fiennes evoca a humanidade para trazer um ar inesperado de melancolia ao ecrã. Aqui ajuda a decisão de Anderson ter deixado a sua habitual banda sonora pop e rock e ter trabalhado com uma banda sonora orquestral de Alexandre Desplat – e momentos de folk tradicional russo – que acrescenta um apropriado sentimento de seriedade.

Quer funcione ou não, depende de quem o está a ver, e *Grand Budapest Hotel* vai ser tão divisivo – com a exceção de *Senhor Raposo* – como todos os outros. Quem for ver o filme sem ideias preconcebidas, este pode ter um lugar entre os melhores filmes de Anderson, um dos poucos que recompensa ser visto várias vezes. **DW**

=== **VEREDICTO** ===
Um filme sofisticado de Wes Anderson que está na linha entre a obra-prima e a loucura. ★★ ★

Siga-nos em Facebook.com/RevistaEmpirePortugal

RICKY GERVAIS

TY BURRELL

E TINA FEY



Disney

MARRETAS PROCURAM-SE

24 DE ABRIL NOS CINEMAS

GANHE CONVITES DUPLOS

PARA A ANTESTREIA DO FILME MARRETAS PROCURAM-SE
E AINDA FANTÁSTICOS PRÉMIOS

“Onde gostaria que fosse a próxima aventura dos Marretas?”



BONÉ



T-SHIRT
ADULTO



FOLHAS DE
AUTOCOLANTES

RELÓGIO



Código de participação: MARRET36

Consulte as regras de passatempo na página 107

300: O INÍCIO DE UM IMPÉRIO

Isto. É. Excessivo!

• Eva Green, a protagonista num mundo de homens.

ESTREIA Já nas salas

TÍTULO ORIGINAL 300: Rise of an Empire

REALIZAÇÃO Noam Murro

ELENCO Lena Headey, Eva Green, Rodrigo Santoro, Mark Killeen, Sullivan Stapleton

DURAÇÃO 102 min.

ENREDO Ultrapassado largamente em número por uma armada persa vingativa, o herói ateniense Temístocles (Stapleton) une os gregos contra um inimigo comum, improvisa uma marinha e dirige-se para o mar Egeu.

pelos próprios deuses, algo de que 300 se orgulha.

Baseado em *Xerxes*, o romance gráfico de Frank Miller que ainda está a ser desenhado, *O Início de Um Império* não é uma sequência mas um filme paralelo ao primeiro 300. Decorrendo antes, durante e depois da defesa gloriosa dos espartanos, esta é a mesma guerra noutra frente – um duelo marítimo entre o heroico Temístocles (Sullivan Stapleton) e a psicótica Artemísia (Eva Green), que numa cena de tirar o fôlego, seduz o seu rival antes da batalha.

Desde o primeiro confronto naval,

torna-se claro que, em comparação, 300 de Zack Snyder é um modelo de comedimento. O aumento da escala resulta numa mudança de género: este é um filme de super-heróis com uma roupagem diferente. Noam Murro, um realizador de anúncios, coloca a ação em velocidade de abalroamento com grande confiança visual mas pouca personalidade. Murro é, a bem da continuidade da série, um representante de Snyder, que lhe segue as pegadas em câmara lenta e pormenores sangrentos. Este é um 300 num novo nível de número de mortes, estilo, tamanho e violência.

O universo 300, onde a lua parece a Estrela da Morte e a base persa parece Mordor junto ao mar, clama por atuações excessivas. Ainda assim, no mundo mais masculino possível, o filme é de Eva Green. A dominadora personificada por Green é uma criação perfeita. Artemísia é louca, motivada, extravagante, sociopata e gosta de colecionar cabeças.

Tal como o seu antecessor, as palavras de Frank Miller, que conseguem ser tão eficazes nas páginas da banda desenhada, são adaptadas em simples monólogos barulhentos – um golpe em Temístocles e esvazia-se como um balão. Mas visualmente, há uma experiência 3D genuína que vale a pena ser vista pela sua imersão. O 3D é, reconhecidamente, a sua única ambição em termos de profundidade, mas se for visto como um filme de série B gigante, vai divertir-se à grande. **DJ**

VEREDICTO
300 ainda mais exagerado. O diálogo é o calcanhar de Aquiles do filme, mas este festival de efeitos e sangue vai satisfazer o seu desejo de ação. O 3D está muito bem conseguido. ★★★

NUMA PORTENTOSA VOZ-OFF

no início do filme, Gorgo (Lena Headey) faz um aviso sobre morte, guerra e “uma torrente de sangue” – uma rara afirmação que fica aquém da realidade. O que Headey não refere é o tsunami de exagero que cobre todo este filme impressionante de guerra. Com gritos de ataque e gritos de dor, o calor da batalha acaba por transformar o elenco em fondue, um fondue épico, com o queijo emanado



A photograph from the film 'Palácio das Necessidades' showing two men in suits in a grand, ornate room. One man is pointing towards the other.

PALÁCIO DAS NECESSIDADES

O caminho das lágrimas

• Arthur (Raphaël Personnaz) ouve mais uma crítica.



ESTREIA Já nas salas

TÍTULO ORIGINAL Quai d'Orsay

REALIZAÇÃO Bertrand Tavernier

ELENCO Thierry Lhermitte, Raphaël Personnaz, Niels Arestrup

DURAÇÃO 113 min.

ENREDO Esta extravagante sátira política conta a história de Arthur (Raphaël Personnaz), o novo escritor de discursos do Ministro dos Negócios Estrangeiro francês de Thierry Lhermitte, enquanto vai descobrindo os bastidores e truques da política francesa.



→ O REALIZADOR FRANCÊS

Bertrand Tavernier estreia-se na comédia pura com a adaptação do premiado livro de Antonin Baudry (sob o pseudónimo de Abel Lanzac), baseado na sua experiência como escritor de discursos para o ministro dos negócios estrangeiros francês, Dominique de Villepin.

Raphaël Personnaz é Arthur, um recém-licenciado que embora não encaixe no estereótipo de jovem diplomata, com as camisas por engomar e a sua maneira de ser desajeitada, é contratado pelo ministro Alexandre Taillard de Vorms (Thierry

Lhermitte) para lhe escrever os discursos. Para além de ter de ouvir os seus clichés inúteis, ainda que hilariantes, em vez de conselhos precisos, a sua falta de experiência política torna-o num alvo fácil para as lutas de poder e facadas nas costas dos seus consultores, e não demora até que ande perdido no meio do ministro, da experiente chefe de equipa (Niels Arestrup) e de diversos tecnocratas.

Com o tempo, Arthur aprende o necessário para sobreviver e encontrar o seu lugar no mundo difícil da diplomacia de alto nível internacional. Apesar do charme de Arthur,

é Lhermitte como Vorms, o pretensioso e superficial ministro com poucas qualidades redentoras, que parece passar todo o seu tempo a sublinhar citações dos seus autores favoritos, quem rouba o filme, não fosse uma das cenas mais engraçadas o seu discurso sobre a importância de uma caneta amarela fluorescente para sublinhar. Para além disso, cada vez que Vorms entra numa sala, voam folhas e livros, um gag que não cansa e faz rir do início ao fim. Mas Vorms não é só um chefe por vezes histérico e impulsivo, é também apaixonado pelo seu trabalho, e Lhermitte é perfeito no papel do ministro que tem o coração de um poeta, mas não o talento. Por seu lado, Arestrup é o perfeito contraponto para o ministro, com a sua presença calma que funciona muitas vezes como travão no ritmo acelerado do filme. Apesar de algumas cenas soarem a exagero, diz-se que o verdadeiro Villepin viu o filme e achou que não foram longe demais! **MN**

VEREDICTO

É um filme frenético e engraçado sobre a máquina política, mas que não cai na sátira fácil. ★★★



ESTREIA Já nas salas

TÍTULO ORIGINAL The Congress

REALIZAÇÃO Ari Folman

ELENCO Robin Wright, Harvey Keitel, Jon Hamm

DURAÇÃO 122 min.

ENREDO Robin Wright é uma atriz convidada a vender a sua identidade cinematográfica, sendo digitalizada para que os estúdios possam usar a sua imagem como entenderem.



→ ESQUEÇAMOS O ADN

documental de *A Valsa Com Bashir*. Em *O Congresso*, Ari Folman aventura-se no outro polo da realidade, por um mundo inspirado na visão de Stanislaw Lem inscrita no seu livro de ficção científica, *O Congresso Futuroológico*, de 1971, no qual a realidade é mutável à conceção de cada pessoa e das drogas psicotrópicas que ingerir.

Rasgando com o factual e linear, o realizador israelita divide o filme

em duas partes. Na primeira, Robin Wright é... Robin Wright, uma atriz que está prestes a tornar-se um clone digital, abdicando do seu poder de escolha para sempre e deixando ao estúdio "Miramount" o direito de a "usar" nos filmes que entender, apesar da promessa da sua eterna juventude nesses mesmos filmes. Na segunda parte, a mesma atriz conhece a nova realidade animada do Congresso, um local restrito onde uma nova tecnologia vai permitir que todos sejam e se sintam como as estrelas que desejam ser. Michael Jackson, Jesus Cristo, Frida Kahlo, Elvis Presley, David Bowie, Marilyn Monroe, Picasso ou Buda são apenas algumas das personagens animadas que preenchem os espaços, numa linha de desenho altamente influenciada pelos cartoons de Max e Dave Fleischer.

Servindo-se da morte do cinema como o conhecemos, Ari Folman vai mais além do que o poder tecnológico poderá fazer à imagem e ao livre arbítrio de todos nós. É o esvaziamento de emoções

e o despojamento do ser interior de cada um que está em causa. Com a composição química certa, cada um pode ser quem sempre sonhou. A certa altura, alguém diz: "não existirão egos, nem ciúmes, cada um pode ser quem quiser." A verdade é que todos pretendem ser alguém que não são e o futuro será, nesta visão, um reflexo de tudo isso.

Com uma performance soberba de Robin Wright, que interpreta inclusive algumas das músicas da banda sonora, *O Congresso* arrisca-se também ele a existir antes do seu tempo e a ser incompreendido na sua teia alucinogénica e salpicada de algumas incoerências ou inocências. Mas num futuro próximo, distópico ou não, este será certamente um filme a ser lembrado e um possível candidato ao cunho de clássico.

SARA AFONSO

VEREDICTO

Um convite para observarmos o futuro dentro de uma bolha de oxigénio, numa viagem psicadélica e utópica, mas que pode ser assustadoramente realista. ★★★

Siga-nos em [Facebook.com/RevistaEmpirePortugal](https://www.facebook.com/RevistaEmpirePortugal)

A DOIS PASSOS DO ESTRELATO

Cantores na sombra

ESTREIA 10 de abril

TÍTULO ORIGINAL 20 Feet From Stardom

REALIZAÇÃO Morgan Neville

ELENCO Merry Clayton, Darlene Love, Mick Jagger, Lisa Fischer, Bruce Springsteen, Sting, Stevie Wonder, Jo Lawry, Bette Midler

DURAÇÃO 91 min.

ENREDO Podem ansiar por fama ou renunciá-la, mas há histórias fascinantes de vozes de apoio que se mantêm desconhecidas.

→ **ALEGRE, HARMONIOSO,** tocante e profundo, este filme de Morgan Neville sobre cantores



As heroínas desconhecidas Jo Lawry, Judith Hill e Lisa Fischer.

de apoio foi o documentário mais bem-sucedido nos EUA em 2013. E é fácil ver porquê. Tem algo para todos os que gostam de música e para todos com interesse pela cultura da fama.

Maravilhosamente transformado numa narrativa, as entrevistas, sessões de gravação e trechos de concertos ilustram o talento dos cantores de apoio desde o nascimento do rock – quando muitos daqueles que se escondiam por detrás da pessoa na ribalta eram miúdos que cantavam nos coros das igrejas – até à era digital no qual a habilidade real é, por vezes, redundante. Os entrevistados, que

incluem Mick Jagger (que admite ter uma queda por uma cantora de apoio), Sting, Bette Midler, Stevie Wonder e Bruce Springsteen (que se casou com uma), refletem sobre as diferenças entre ter talento e atingir a fama, enquanto as imagens de atuações imperdíveis vão de Ray Charles com as suas Raelettes até David Bowie (se reparar, é Luther Vandross que está ao fundo na sua tournée Diamond Dogs/The Soul de 1974!), Michael Jackson, Talking Heads e muitos outros.

Os cantores, quer se estejam a referir a um chamamento superior ou a relembrarem com lágrimas

a exploração ultrajante, são fascinantes. Entre eles encontra-se Mable John, que na sua juventude foi uma Raelette e que continua a deixar a sua congregação em êxtase, as lendas Darlene Love e Merry Clayton, e outros talentos impressionantes. A história de Love é um filme em si mesma: cantando sem reconhecimento para Phil Spector, tentou sem sucesso uma carreira a solo, tornou-se mulher a dias, teve um regresso enérgico, fez de esposa de Danny Glover em *Arma Mortífera* e acabou por entrar no Rock and Roll Hall of Fame. O contributo de Clayton em *Gimme Shelter* é recordado por Jagger e Clayton, e a maravilhosa família Waters, que usaram o seu talento em centenas de álbuns (*Thriller*) e filmes (*O Rei Leão*) cantam à volta de uma mesa de cozinha de tal forma maravilhosa que, numa experiência espiritual, as vozes acabam por se tornar uma só. **AE**

VEREDICTO

Um filme popular e que conta uma história importante sobre o mundo do espetáculo. ★★★

CADÊNCIAS OBSTINADAS

Amor obsessivo

ESTREIA Já nas salas

TÍTULO ORIGINAL Cadences Obstinées

REALIZAÇÃO Fanny Ardant

ELENCO Asia Argento, Nuno Lopes, Franco Nero, Ricardo Pereira, Gérard Depardieu, Mika

DURAÇÃO 96 min.

ENREDO Filmado totalmente em Portugal, em 2013, o filme assinado pela atriz francesa Fanny Ardant gira em torno da rápida reconstrução de um hotel e da relação conturbada entre Furio (Nuno Lopes) e a perturbada violoncelista Margo (Asia Argento). Desistindo da sua carreira, Margo tenta, a todo o custo, recuperar o amor do marido.



Nuno Lopes e Asia Argento vivem um amor intenso.

→ **PRODUZIDO POR PAULO** Branco e a sua Alfama Films, esta coprodução luso-francesa começa mal, prolongando em demasia o mistério em torno das personagens, sendo inegável que a mistura de linguas é desde logo causa para distrações dispensáveis. A meio, isso perde importância e o filme ganha novo fulgor quando começamos a perceber melhor a história de Furio e especialmente a mente de Margo. O vazio que cada um de nós possui e que tentamos preencher ao longo da vida, seja pela religião, seja pelo

trabalho, dinheiro ou amor, é o tema central do filme. Obcecada pelo marido, ele que já fora também obcecado por ela, Margo não consegue desprender-se dele e sofre quando este não lhe dá a atenção que quer.

O filme faz um bom trabalho ao permitir-nos simpatizar com ambas as personagens, quando nos mostra imagens do seu passado em conjunto, bem como do lado mais humano de Furio, que passa muitas vezes pelo mau da fita. Há ainda a apontar o argumento, que está bem

estruturado, e o ritmo do filme, que é o acertado, com tempo para deixar respirar quando necessário, ao som da música constante, mas acelerado quando a loucura de Margo ou a impulsividade de Furio tomam lugar.

Apesar da prestação sempre excelente do português Nuno Lopes (e da participação especial de Gérard Depardieu), é a italiana Asia Argento a estrela maior do filme. A sua performance perturbadora como a sensual Margo, uma mulher forte que desistiu do seu grande talento por amor e que agora vê esse amor morrer, é poderosa como poucas, especialmente nas cenas mudas em que basta o olhar para sabermos onde está a sua mente, provando que esta colaboração com Fanny Ardant foi um passo certo na carreira. **MN**

VEREDICTO

Cadências Obstinadas é um filme sobre o amor obsessivo, com muita música, tensão, e uma performance memorável. ★★★

CICLO INTERROMPIDO

A vida, a morte e o *bluegrass*

ESTREIA Já nas salas

TÍTULO ORIGINAL The Broken Circle Breakdown

REALIZAÇÃO Felix van Groeningen

ELENCO Veerle Baetens, Johan Heldenbergh, Nell Cattrysse

DURAÇÃO 111 min.

ENREDO Didier e Élise são muito diferentes, mas o amor surge e é completo quando nasce Maybelle. O seu futuro vai ser posto à prova quando a criança adoece.

→ BASEADO NUMA PEÇA DE teatro escrita pelo protagonista Johan Heldenbergh e Mieke Dobbels, *Ciclo Interrompido* surge de um trabalho já

realizado mas, no final, assume-se como um produto autónomo, cumprindo a sua mensagem e funcionando na sua totalidade.

Assinado pelo belga Felix Van Groeningen, não é um filme fácil e não procura suavizar as emoções nem dar-lhes um revestimento de fantasia. É um filme cru e de tal forma usurpador que provoca o espetador lançando-lhe questões que podem balançar algumas crenças.

Num exercício que demonstra o poder da edição, *Ciclo Interrompido* tem uma premissa que parece simples. Didier e Élise apaixonam-se e aceitam-se na sua diferença. Ele toca banjo numa banda de *bluegrass* e ela tem uma loja de tatuagens e também

canta. Parecem pertencer a mundos paralelos, mas o amor resulta e complementa-se quando nasce a doce Maybelle. Com o prognóstico de uma doença grave, ambos os progenitores são desafiados a percorrer o seu interior para encontrar a melhor forma de lidar com isso. É aqui que surgem as questões fundamentais do filme: o amor resiste a tudo? O que é a fê, afinal? Deus existe? O que existe para além da morte?

É nesta tentativa de resposta que os protagonistas são testados ao limite, deixando que a música que os uniu conte uma boa parte da história. Groeningen optou por acrescentar a música como mais uma das personagens deste filme, e ainda bem.

São os próprios atores que cantam as versões *bluegrass* de temas como *If I Needed You*, de Townes Van Zandt, *Cowboy Man* de Lyle Lovett, ou *Wayfaring Stranger* de Ed Sheeran, e toda a banda sonora acaba por ser a alma de *Ciclo Interrompido*.

Uma alma à qual não será alheia a performance dos três protagonistas que conseguem criar uma empatia e uma relação que em momento algum nos deixam de fora.

Com uma realização consistente e uma edição que dá uma vida diferenciadora a este drama, *Ciclo Interrompido* não se preocupa em mostrar algo de novo. Faz, antes, a sua interpretação de algumas das questões que fazem de nós humanos e que nos confrontam com as mais puras emoções. E o cinema também tem esse papel: o de nos fazer sentir e questionar, mesmo quando não estamos preparados para responder.

SARA AFONSO

VEREDICTO

Um filme de emoções fortes, onde atuam as personagens e a música, mas nem todos poderão estar prontos para ele. ★★★★★



OBEDIÊNCIA

INFO Compliance/90 min./Já nas salas
REALIZAÇÃO Craig Zobel ELENCO Ann Dowd, Dreama Walker, Pat Healy

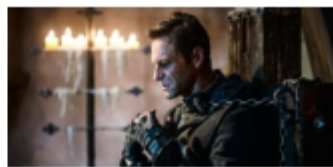
→ OS LIMITES DA CREDULIDADE humana são testados neste thriller. O filme começa com um telefonema: Sandra (Ann Dowd), a gerente de um café, é contactada por um homem que diz ser polícia (Pat Healy) e que lhe conta que um empregado roubou um cliente. Afirmando que não pode deixar o seu posto, o polícia transmite uma série de ordens que se tornam cada vez mais chocantes. A atuação de Healy como o suposto polícia é essencial, combinando perfeitamente com a ingénuas mas simpática Sandra de Dowd. É um pouco sórdido, e o habitual "baseado numa história verdadeira" – qual? Onde? – não convence. DW ★★



POMPEIA

INFO Pompeii/98 min./Já nas salas
REALIZAÇÃO Paul W.S. Anderson
ELENCO Kit Harington, Carrie-Anne Moss, Kiefer Sutherland

→ MILO (HARINGTON) É VENDIDO como escravo e torna-se um gladiador imbatível nas arenas de Pompeia, para gáudio dos senhores e regentes, e em especial do senador romano Corvis (Sutherland). O problema vai ser a paixão de ambos pela Cassia de Emily Browning e a força invencível da natureza, em particular o monte Vesúvio em erupção. Num filme de W.S. Anderson não poderiam faltar as explosões, imagens rápidas e um 3D aceitável, mas também não falta o excesso de CG e o argumento previsível. E nem as grandes estrelas salvam *Pompeia* de ser entretenimento que não deixa marcas. SA ★★



EU, FRANKENSTEIN

INFO I, Frankenstein/92 min./Já nas salas
REALIZAÇÃO Stuart Beattie
ELENCO Aaron Eckhart, Bill Nighy, Miranda Otto

→ SE COSESSE AS PIORES PARTES de *Van Helsing*, *Underworld* e *Legião*, e depois tentasse dar-lhes vida com as enguias elétricas de *Frankenstein de Mary Shelley*, de Kenneth Branagh, talvez conseguisse criar algo tão monstruoso quanto este filme de ação gótico 3D. Durante um quarto do tempo, o diálogo terrível – rosnado por Aaron Eckhart ou por Bill Nighy – provoca risos, mas depois torna-se monótono. O monstro demasiado pequeno e incompreendido de Eckhart é um herói triste, enquanto as batalhas 3D repetitivas e ridículas entre demónios e gárgulas são capazes de o cansar. KN ★



ONE CHANCE O SONHO DE UMA VIDA

INFO One Chance/103 min./Já nas salas.
REALIZAÇÃO David Frankel ELENCO James Corden, Jemima Rooper, Julie Walters, Mackenzie Crook, Colm Meaney

→ A HISTÓRIA DA ASCENSÃO DE Paul Potts, o vencedor do primeiro *Britain's Got Talent*, à fama é um suave mas rotineiro conjunto de episódios que seguem Potts desde que era um miúdo obcecado por ópera até vencer o concurso em 2007. A comédia é um pouco gasta, mas James Corden tem uma atuação calorosa e empática como o cantor, o robusto elenco secundário é competente e há uma beleza desolada nas imagens do diretor de fotografia Florian Ballhaus que mostram a Gales industrial a que Potts chama casa. LB ★★

Siga-nos em Facebook.com/RevistaEmpirePortugal

O ATO DE MATAR

Estrelas do assassinio

ESTREIA 17 de abril

TÍTULO ORIGINAL The Act of Killing

REALIZAÇÃO Joshua Oppenheimer

ELENCO Anwar Congo, Herman Koto, Syamsul Arifin, Ibrahim Sinik

DURAÇÃO 115 min.

ENREDO Antigos líderes de esquadrões de morte indonésios recriam neste documentário os massacres em que participaram nos anos 1960, encenando-os na forma de qualquer gênero cinematográfico à sua escolha.

→ **NA INDONÉSIA, EM 1965 e 1966, entre 500 mil e um milhão de pessoas (há estimativas que chegam**



Congo (à direita), o mais interventivo dos líderes dos massacres

aos três milhões) foram mortas num dos piores massacres do século XX. Ao contactar líderes de esquadrões da morte dessa época, o realizador Joshua Oppenheimer não encontrou silêncios, portas fechadas e vergonha de falar do sucedido. Pelo contrário, os entrevistados relatam com orgulho o que fizeram, como o fizeram e que voltariam a fazê-lo se lhes fosse dada a oportunidade. Os comunistas foram os principais alvos, e a única preocupação que alguém parece ter durante o filme é se deviam contar certos pormenores pois as pessoas iam aperceber-se de que eram eles os cruéis e não os comunistas.

Este é um dos projetos mais surreais e crus que já surgiram no cinema. Ao ser pedido a esses líderes para recriarem episódios do massacre em diferentes gêneros, o filme torna-se um enorme *making of*, com as descrições dos participantes a enquadrarem o que será filmado em estúdio (interrogatórios como num filme de gangsters, momentos musicais porque, como diz um participante, "se o filme for sempre tenso e não tiver entretenimento, as pessoas fartam-se", e um sonho com assombrações das vítimas) ou em exteriores (exterminio de uma aldeia). O que choca em *O Ato de Matar*

é a trivialização da violência, a banalidade do mal em episódios, como Congo a mostrar com vaidade um sistema que usava para asfixiar as pessoas e evitar o sangue e o mau cheiro subsequente dos espancamentos; ou um editor de jornais a contar que o seu trabalho como jornalista era fazer o público odiar certas pessoas, e que só não matava pois era um trabalho cansativo e tinha quem o fizesse, bastando indicar os nomes às milícias.

"Será que pequei?", pergunta Congo. "Fiz isto a tantas pessoas... Parece estar tudo a virar-se contra mim. Espero que não esteja. Não quero que esteja." Quando um líder afirma que podem gravar algo mais sádico do que aquilo que o público vê em filmes sobre nazis porque foi isso que fizeram na vida real, e tudo é decorado com sorrisos e memórias de tempos felizes, é impossível não sentir o terror ao ver o mais negro que vive no Homem. **NUNO FARIA**

VEREDICTO

Só a realidade podia criar estas situações e personagens, o que o torna único e sinistro. ★★★★★



FRUITVALE STATION - A ÚLTIMA ESTAÇÃO

INFO Fruitvale Station/85 min./Já nas salas **REALIZAÇÃO** Ryan Coogler **ELENCO** Michael B. Jordan, Melonie Diaz, Octavia Spencer

→ **A ESTREIA NAS LONGAS DE RYAN** Coogler não podia ter corrido melhor. Com uma realização crua, numa coreografia de *street art* e subúrbios ao som do hip-hop, leva-nos até 2008, às 24 horas que antecedem a tragédia da estação de Fruitvale, Oakland, onde o jovem negro de 22 anos Oscar Grant (aqui interpretado por B. Jordan) perdeu a vida depois de ser baleado por um polícia de transportes públicos. Apelando ao nosso instinto de revolta e compaixão, Coogler transforma deliberadamente a vítima num herói, mas mesmo assim não vai deixar ninguém indiferente. **SA ★★★**



O SONHO DE WADJDA

INFO Wadja/98 min./Já nas salas **REALIZAÇÃO** Haifaa Al-Mansour **ELENCO** Reem Abdullah, Waad Mohammed, Abdullrahman Al Gohani

→ **É NOTÁVEL QUE O PRIMEIRO** filme rodado inteiramente na Arábia Saudita (que não tem cinemas) seja realizado por uma mulher. E o que é ainda mais agradável é que a sua protagonista seja uma pré-adolescente cuja recusa em aceitar as restrições às mulheres torna a história encantadora e subversiva. Ao ser-lhe negada uma bicicleta como a dos seus amigos, para não comprometer a sua virgindade, Wadja (Waad Mohammed) tenta juntar dinheiro entrando numa competição de recitação do Corão. O guião é ilusoriamente simples, mas as implicações sociopolíticas são devastadoras. **DP ★★★★★**



GLORIA

INFO Gloria/109 min./3 de abril **REALIZAÇÃO** Sebastián Lelio **ELENCO** Paulina García, Sergio Hernández, Marcial Tagle, Diego Fontecilla

→ **A MAGNÍFICA ATUAÇÃO DE** Paulina García domina este arguto estudo da luta da meia-idade para prevenir que o futuro seja enredado pelo passado. Sergio Hernández também impressiona como o divorciado cujos laços familiares o cegam enquanto o par tenta encontrar o amor. Capturando o otimismo de uma mulher que procura um parceiro que não se quer comprometer, García cria um improvável ícone feminista. Mas a sua vulnerável vivacidade abre espaço para a simpatia pela fraqueza de Hernández, que a desilude várias vezes por causa das filhas. **DP ★★★★★**



MÃE E FILHO

INFO Pozitva Copilului/112 min./Já nas salas **REALIZAÇÃO** Calin Peter Netzer **ELENCO** Luminita Gheorghiu, Bogdan Dumitrache, Ilinca Goia

→ **OS NOVOS-RICOS DA ROMÊNIA** são comparados, de forma não muito favorável, à elite comunista que um dia ditou a lei no país, nesta sátira soberbamente interpretada, apesar de um pouco óbvia. O diálogo é interessante, e Luminita Gheorghiu destaca-se no papel da matriarca Cornelia Keneres. Quando o filho de Keneres mata uma criança num acidente com o carro, cabe a ela fazer com que o assassino não vá parar à prisão, objetivo que a leva por um caminho de corrupção, poder e manipulação social, numa relação entre mãe e filho que se desenrola de forma única. **DP ★★★**



MR. PEABODY E SHERMAN

Dois gênios juntos no tempo

ESTREIA Já nas salas
TÍTULO ORIGINAL Mr. Peabody & Sherman
REALIZAÇÃO Rob Minkoff
ELENCO Ty Burrell, Max Charles, Stephen Colbert
DURAÇÃO 92 min.
ENREDO Mr. Peabody é um cão muito especial cuja vida muda no dia em que adota Sherman. Quando o rapaz mostra a máquina do tempo da família a quem não deve, os dois embarcam numa aventura inigualável para poderem voltar para casa, no presente.

→ E SE A REVOLUÇÃO

Francesa tivesse sido causada por um cão falante e o seu filho de seis anos? O novo filme de animação da Dreamworks, tem uma premissa algo ridícula, o que pode ser uma causa de distração para a real história que o filme quer contar. Mr. Peabody é um cão genial, vencedor de um Prémio Nobel, bom em tudo, desde o desporto à culinária, passando pela matemática, física, e a arte de servir um bom cocktail. A sua maior inspiração é Sherman, o rapaz que decide adotar e que o leva a criar uma máquina do tempo.

As viagens por diferentes épocas

da História são realmente o grande trunfo do filme, e quando vemos versões animadas de Einstein, Lincoln ou Leonardo Da Vinci, é impossível não sorrir.

E assim encontramos o lado didático do filme, que fará rir os adultos, enquanto a terna relação entre pai e filho promete deixar os mais novos a desejarem serem adotados por um cão.

As personagens têm carisma, e não só Mr. Peabody é o tipo de pai que gostaríamos de ter, como Sherman é o filho precoce que muitos pais desejam, mas a verdade é que é difícil acreditar que um miúdo de seis

anos sabe tudo o que Sherman sabe. Quando o sabichão Sherman se envolve numa confusão logo no primeiro dia de aulas, Mr. Peabody vê a adoção em risco, e quando dá por si está no Antigo Egipto.

O 3D acrescenta alguma magia a um filme muito colorido e ritmado, e a dobragem em português, como tem sido hábito, é exímia e muito engraçada, ao conseguir colocar expressões na nossa língua que se enquadram que nem uma luva nas aventuras da dupla.

Contudo, é um filme que não se destaca pela originalidade, que é previsível na resolução, e que acima de tudo, corre o risco de alienar as crianças, devido a alguns pormenores e piadas só perceptíveis pelos mais velhos.

Apesar disso, presenteia-nos com uma hora e meia divertida e, sem ser marcante, é uma história que se mantém conosco durante algum tempo. **MN**

VEREDICTO

As viagens no tempo compensam a premissa ridícula, mas este é um filme que agradará mais a pais do que a filhos. ★★★

NON-STOP

Decisão crítica

ESTREIA Já nas salas
TÍTULO ORIGINAL Non-Stop
REALIZAÇÃO Jaume Collet-Serra
ELENCO Liam Neeson, Julianne Moore, Michelle Dockery, Lupita Nyong'o
DURAÇÃO 110 min.
ENREDO Num voo, um agente [Neeson] tem de encontrar um terrorista que ameaça matar um passageiro a cada 20 minutos.

→ O FACTO DE LIAM NEESON se ter tornado uma estrela de ação é algo espantoso, tendo em conta que raramente lhe foi pedido para correr no grande ecrã, quanto mais para lançar um ataque digno de um mestre de artes marciais. Mas se *Busca Implacável* lhe permitiu dizer algumas piadas, o sub-hitchcockiano e parco em ação *Non-Stop* (poucas

vezes um título foi tão pouco exato) torna impossível a Neeson deixar alguém entusiasmado.

Como o agente disfarçado Bill Marks, a personagem é apresentada sentada num carro estacionado num aeroporto, bebendo whisky. "Detesto voar", rosna. "As filas. As pessoas. Os atrasos." Duas horas depois, é possível que partilhe da sua aerofobia. Um thriller bem feito pode espremer muito sumo de suspense de um único cenário claustrofóbico. Um thriller mal feito torna-se rapidamente interminável. Decorrendo quase exclusivamente num avião da "Aqualantic", *Non-Stop* é arruinado pelo conjunto de personagens monótonas – incluindo um polícia nova-iorquino em forma (Corey Stoll), uma passageira nervosa (Julianne Moore) e uma assistente (Lupita Nyong'o, de *12 Anos*



Julianne Moore e Liam Neeson analisam as hipóteses de refeições.

Escravo, aqui presa em *12 Palavras Num Papel*), para além do facto de, como policial, ter falhas fatais.

Em vez de interrogatórios e perseguições, na maior parte do filme, Neeson anda à roda das mensagens do telemóvel, atormentado por um sombrio adversário. Por vezes, o envio de mensagens ocorre na casa de banho; por vezes há uma gralha e tem de voltar atrás e corrigi-la. Nada disto torna as mensagens excitantes. Para piorar as coisas, o som estridente que o telemóvel do herói faz sempre que recebe uma mensagem torna-se tão irritante que é tentador torcer pelo assassino.

O realizador Jaume Collet-Serra, que fez o impressionante *Órfã* mas também *A Casa de Cera* e o pobre *Sem Identidade* (também com Neeson), tenta injetar energia com uma luta e uma mostra de CGI no último minuto. Porém, *Non-Stop* nunca sai da mediocridade que nem pesos pesados como Neeson e Moore conseguem salvar, e não é estranho que o mistério esteja muito para além da possibilidade de ser resolvido pelo público. **NDS**

VEREDICTO

O título deste filme deveria ser traduzido como "Não, parem", que seria bem mais adequado. ★

Siga-nos em Facebook.com/RevistaEmpirePortugal



“TORNEI-ME A MORTE, O DESTRUIDOR DE MUNDOS”

—J. Robert Oppenheimer

A RESSURREIÇÃO DE GODZILLA É UMA JOGADA ARRISCADA. MAS COM O TALENTOSO BRITÂNICO GARETH EDWARDS AO LEME, O REI LAGARTO ATÓMICO ESTÁ A SER LEVADO A SÉRIO. A **EMPIRE** VISITA AS FILMAGENS PARA DESCOBRIR UM MONSTRO MODERNO COM CEM METROS

“É UMA BOA NOITE PARA ESTAR AQUI”,

BRIEFING

ゴジラ

GODZILLA

ESTREIA: 15 de maio

REALIZAÇÃO: Gareth Edwards

ELENCO: Bryan Cranston, Aaron Taylor-Johnson, Elizabeth Olsen, Sally Hawkins, Ken Watanabe

ENREDO: Anos depois de um misterioso e mortal acidente numa central nuclear japonesa, o físico Joe Brody (Cranston) procura descobrir a verdade da tragédia. Juntamente com o seu filho Ford (Taylor-Johnson), descobre algo grande. Muito grande. Enorme... Godzilla.

O GODZILLA QUE CONHECEMOS, CERTO? Sim. Não há a loucura do ser que põe ovos. É feito com a aprovação dos estúdios Toho. Até tem um cameo de Akira Takarada do *Godzilla* original (1954).

diz Aaron Taylor-Johnson, parecendo em forma e enérgico, e vestido com o fato de combate do exército americano. “Vamos ver o Godzilla em toda a sua glória!”

É 01h30 e a *Empire* está em Burnaby, nos subúrbios de Vancouver, naquilo que é conhecido informalmente como “o set de *Watchmen*W”. Construído há cinco anos para representar uma rua de Nova Iorque na adaptação operática da BD por Zack Snyder, esta construção ‘temporária’ já foi alterada repetidas vezes para várias produções, e agora faz as vezes de uma Chinatown destruída numa São Francisco em guerra.

Lanternas vermelhas de papel estão suspensas em fios que cruzam a rua. Um dos fios partiu-se e as suas lanternas estão partidas e espalhadas pelo alcatrão destruído, lançando faíscas. No fim de uma rua flanqueada por veículos esmagados, que têm os tejadilhos e capôs compactados por placas de cimento, encontra-se um pagode coberto com azulejos de jade. Ornamentado com dragões e inclinado para um dos lados, o pagode forma um montículo de destroços que se eleva a seis metros da rua. Por detrás dele está montado o sempre presente ecrã verde, para que aí possam ser criadas digitalmente imagens de devastação inimaginável: uma enorme cratera, escavada no próprio leito rochoso da cidade.

Uma enorme ventoinha lança nuvens espessas de fumo no ar. Taylor-Johnson volta a juntar-se ao seu pelotão, perseguido por uma câmara, e a dúzia de homens andam cuidadosamente pela rua, passando por camaradas tombados, em direção ao monte que referimos. Com as armas preparadas, olham atentamente para cima e em volta. A *Empire* senta-se em frente a monitores com o realizador Gareth Edwards e o diretor de fotografia Seamus McGarvey. Edwards olha para um iPad com a pré-visualização da sequência e aproxima-se de um microfone.

“Estamos a ver o Godzilla...”, narra para os seus atores na zona de guerra através de altifalantes enquanto vê a ação no tablet, na qual uma versão cinzenta e algo quadrada da estrela com cem metros de altura se move acima de uma versão virtual da rua onde nos encontramos.

“A sua cauda está a mover-se”, entoa o realizador. “Agora estão a ver o resto dele a deslocar-se...” Edwards pausa dramaticamente e depois dá um toque no iPad. Como previsto, um rugido bestial e poderoso sai dos altifalantes, seguido de um trovão. Taylor-Johnson e o seu bando baixam-se, encolhendo-se, com os olhos a perscrutarem com medo o céu coberto de fumo. O realizador contempla o cenário e mostra à *Empire* um sorriso rasgado.

Para um homem que, há apenas três anos, disse com convicção, “Sempre quis fazer um filme de monstros”, deve estar a divertir-se imenso.



GARETH EDWARDS JÁ TEM UM FILME COM criaturas na bagagem: *Monsters – Zona Interdita*. Esta foi a sua estreia, um filme independente britânico com um orçamento de 500 mil libras no qual Edwards foi o diretor de fotografia, designer de produção e supervisor de efeitos visuais, para além de realizador e argumentista. É o mais impressionante e inspirador exemplo de filmagem a cargo de um só homem desde o início do século. As suas enormes estrelas alienígenas criadas em computador servem de pano de fundo para o drama humano e metáfora para as atrocidades cometidas pelo homem. São também apresentados como amantes em vez de lutadores. Apesar do título, *Monsters* é o contrário de um filme de monstros. *Godzilla*, pelo contrário, não podia ser mais comercial. Marca o regresso do gigantesco avô do género *kaiju*, a joia radioativa na coroa dos estúdios Toho, um ícone da cultura



japonesa que apareceu em 28 filmes desde a sua estreia em 1954 e que tem uma estrela no Passeio da Fama em Hollywood. Teve de ser ultrapassado muito ceticismo depois do pobre tratamento a que o monstro foi sujeito no seu último filme em Hollywood (*Godzilla*, de Roland Emmerich, de 1998), mas com a bênção da Toho, este é um projeto da Warner Bros. e da Legendary Pictures, os responsáveis pela trilogia *Cavaleiro das Trevas*, de Christopher Nolan, *Batalha do Pacífico* e *Homem de Aço*. Apesar do seu feito anterior, ainda assim há que perguntar porque é que os estúdios contrataram um realizador de 38 anos nascido em Nuneaton sem experiência na coordenação de uma equipa com 400 pessoas – incluindo o designer de produção de *Matrix* (Owen Paterson), o diretor de fotografia de *Os Vingadores* e o supervisor de efeitos visuais de *O Senhor dos Anéis* (Jim Rygiel).

Edwards também se questiona. Lembra-se de ir a “diversas

• **Ford (Aaron Taylor-Johnson) entre a destruição causada pelo monstro no set de São Francisco, em Vancouver.**

reuniões em Hollywood” depois de *Monsters* e de se dar bem com o diretor-geral da Legendary, Thomas Tull, enquanto discutiam outro projeto. “Nunca esperei que me dessem isto.” Edwards é um homem intocado pela pompa e presunção, que fala com voz baixa e quase hesitante, com uma tendência para a autocritica. Quando faz comparações com *Apocalypse Now* e *Encontros Imediatos do 3º Grau*, diz logo, “Não estou a sugerir que o nosso filme será tão bom quanto esses...” Da mesma forma, considerando a sua abordagem ao filme quanto fã do original de 1954, diz que “obviamente a aspiração é fazer como, por exemplo, o que o Christopher Nolan fez com *Batman*”, antes de a definir como uma “má analogia pois este não será nada como esses filmes...”

Ainda assim, ao vê-lo a trabalhar no set em Vancouver, e meses depois na montagem na Warner Bros. em Burbank, na Califórnia, Edwards está inteiramente confiante e certo



“O FILME ORIGINAL ERA TERAPIA PARA UMA NAÇÃO.” GARETH EDWARDS

da sua visão para este filme. “É um homem fantástico”, afirma a produtora Mary Parent. “E vê-se a sua paixão por Godzilla. Ele preocupa-se a sério com as personagens, cada detalhe é meticulosamente pensado. Ele trabalha mais arduamente do que qualquer pessoa que conheço. Tem uma energia adorável.”

O homem da Legendary no terreno, o produtor executivo Alex Garcia, concorda. “Ele tem sido espetacular. Encontrou uma forma de tornar este Godzilla estiloso e engenhoso, mas ainda assim, com o qual nos podemos relacionar.”

Durante os dois dias da *Empire* no set, é óbvio que o *Godzilla* da Legendary/Warner/Edwards segue o código pós-Nolan de manter o reboot tão longe do *kitsch* quanto possível.

“É muito real estilisticamente e visualmente”, diz Parent. “Não é engraçado.” O argumentista de *Batman – O Início* e *Homem de Aço*, David S. Goyer, deu uma volta ao guião na altura em que Edwards foi contratado, e apesar de Max Borenstein “ter feito o trabalho pesado”, Frank Darabont vai receber crédito pelas suas contribuições, principalmente num episódio que Edwards promete que “é uma das cenas mais fortes no filme”.

No início, a equipa principal juntou-se e perguntou-se: “O que faz de um filme de Godzilla um filme de Godzilla?” É uma pergunta difícil, diz Edwards. “O filme que mencionámos mais foi a versão original de 1954. Será que um monstro gigante alguma vez vai sair do oceano, destruir uma cidade e deixar um rasto de radiação? Não, mas será que uma cidade alguma vez vai ser destruída e lançar radiação para todo o lado? Sim. Portanto, os efeitos são reais e a devastação é real, apenas a sua causa é



mentira. Apesar de ser um filme de fantasia, não podem negar o que está por detrás.” Edwards é versado na abordagem do monstro como metáfora. “Na altura, não era permitido no Japão fazer filmes sobre como sofreram devido a acontecimentos como Hiroshima. No entanto, *podiam* fazer um filme com um monstro gigante no qual uma cidade era esmagada e radiação ficava para trás. Era terapia para a nação. Neste filme, devíamos abraçar isso. O nuclear está no centro do filme, e o tema é o abuso da natureza pelo Homem. E nesta luta entre Homem e natureza, a natureza vai sempre vencer.”

Os argumentistas estavam atentos às duas condições da Toho: que Godzilla devia nascer de um acidente nuclear, como no original de Ishiro Honda, e que devia decorrer maioritariamente no Japão. Edwards sublinha que isto foi antes do desastre nuclear de Fukushima, em março de 2011, e que tiveram o cuidado de respeitar essa tragédia. Assim, antes de uma sequência pré-título em 1954, a história passa para 1999

• **Topo:** A cauda...
Cima: Elizabeth Olsen e Carson Bolde como Elle e Sam Brody.



e lida com um desastre misterioso numa central nuclear japonesa fictícia chamada Janjira, que causa a evacuação de um distrito em Tóquio e tem impacto na família do físico americano de Janjira, Joe Brody (Bryan Cranston). Quinze anos depois, Brody continua obcecado em descobrir o que aconteceu, e volta a juntar-se ao seu filho, o tenente da marinha Ford (Taylor-Johnson). No elenco estão ainda Ken Watanabe e Sally Hawkins como intrépidos cientistas, David Strathairn como comandante e Elizabeth Olsen como a esposa de Ford.

Edwards confessa estar um pouco “embaraçado” pela qualidade do elenco e como conseguiu ter a primeira escolha para cada papel, principalmente Cranston, acabado de sair de *Breaking Bad*. “Não sabemos como as pessoas vão reagir, mas todas a quem perguntámos disseram sim”, diz o realizador.

O GODZILLA AINDA ESTÁ NA CARAVANA”, DIZ Bryan Cranston. Retrai-se um pouco e depois inclina-se de forma conspiratória. “Ele é um idiota. É um chato de todo o tamanho. Mas ele é bom. Quando trabalha”, Cranston levanta o queixo em aprovação, “percebem porque é que ele trabalha tanto. Mas”, acrescenta de forma completamente inexpressiva, “é um idiota.”

Faltam dois dias para a filmagem noturna no cenário de *Watchmen*, e é o último dia de Cranston no set. Dada a regularidade com que o vimos com o fato para produzir metanfetamina em *Breaking Bad*, é estranhamente adequado que o vejamos agora no equivalente feito em casa para uma situação de desastre: um macaco caqui selado com fita adesiva nos tornozelos e punhos, um capuz e um respirador.

A *Empire* passou a manhã aqui, em New Westminster, a ver Cranston e Taylor-Johnson numa cena num beco que parece pertencer a Tóquio e estar abandonado há 15 anos. A natureza tomou conta do lugar: trepadeiras abraçam placas de lojas, painéis publicitários e a humidade penetra tudo. É aqui, explica Cranston, que Brody regressou para procurar uma pista vital para o acidente de Janjira na sua casa há muito abandonada. Este é um momento de tensão e não de espetáculo. Godzilla não vai sair hoje da sua caravana.

NOTA: Estimativas dos orçamentos não ajustados em termos de inflação. *Não contamos com os cinco dias em Piranha II.

A SUBIR...

COMPARAÇÃO DOS ORÇAMENTOS ENTRE OS DOIS PRIMEIROS FILMES DOS REALIZADORES

OS WACHOWSKI

Sem Limites (1996)
\$6 milhões

Matrix (1999)
\$63 milhões



GARETH EDWARDS



Monsters - Zona Interdita (2010)
\$800,000

Godzilla (2014)
\$150 milhões

RUPERT WYATT

The Escapist - A Fuga (2008)
\$2 milhões

Planeta dos Macacos: A Origem (2011)
\$93 milhões



JAMES CAMERON

O Exterminador Implacável (1984)*
\$6.4 milhões



Aliens: O Reencontro Final (1986)
\$18.5 milhões

RIDLEY SCOTT

O Duelo (1977)
\$900,000

Alien - O 8º Passageiro (1979)
\$11 milhões



COLIN TREVORROW



Safety Not Guaranteed (2012)
\$750,000

Jurassic World (2015)
\$150 milhões

Quando Brody tira a máscara (“Está limpo, Ford, eu sabia! A radiação neste lugar devia ser letal, mas não há nada!”), Ford expressa espanto e irritação. Podem ser pai e filho, mas esta não parece ser uma parceria fácil. Ainda assim, quando a câmara não está a gravar, Cranston e Taylor-Johnson brincam e até, a certa altura, dançam ao som abafado de uma bateria cujo som vem de uma casa próxima. As melhores partes desta filmagem, diz Edwards, acontecem quando não estão a filmar e Cranston está a divertir-se. Heisenberg está muito contente por aqui estar.

“Sou um grande fã de Godzilla desde miúdo”, diz o ator. “Adorava o Godzilla mais do que o King Kong porque o Godzilla não se desculpava, apenas esmagava. Mas o que me entusiasmou neste guião específico é que se baseia nas personagens, e penso que isso é fascinante. É um filme de monstros grande e divertido mas há desenvolvimento das personagens em tantos níveis diferentes que permite à audiência ligar-se a elas. Torna o suspense, o drama e as sequências de ação mais gratificantes.”

Taylor-Johnson teve dúvidas quando abordado para o papel de Ford. “O meu primeiro pensamento foi: ‘A sério? Outro Godzilla?’”, mas ficou curioso com o envolvimento de Edwards. “Com alguém como ele, dizem: ‘Ok, vamos ver o que ele tem para dizer...’ E estava a ser filmado pelo Seamus McGarvey, com quem trabalhei várias vezes [em *Para Lá da Música* e *Anna Karenina*]... Percebi que ele tenta ultrapassar os limites do *blockbuster*!”

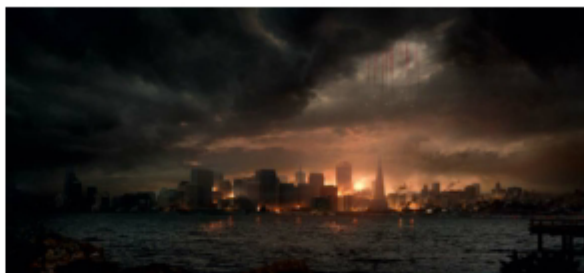
Mais tarde, Alex Garcia e Mary Parent mostram-nos a “Sala da Guerra” (onde estão todos os modelos e arte conceptual) e os sets no Canadian Motion Picture Park, em Burnaby. Aqui, mostram o vídeo que Edwards criou para a Comic-Con em 2012

“GODZILLA É UM GRANDE CHATO E UM IDIOTA...” BRYAN CRANSTON

com a produtora britânica de efeitos visuais MPC (que está a trabalhar no filme juntamente com a Double Negative) e duas sequências. A primeira mostra um grupo de soldados na selva que são perseguidos por algo enorme; o outro apresenta o salto de paraquedas que iria formar o impressionante trailer de Natal. Parent e Garcia também exibem orgulhosos um set no qual uma caverna subterrânea foi construída e que tem uma caixa torácica colossal, com cada osso a medir 7,5 metros. “Bem-vindos ao Museu de História Natural!”, brinca Garcia. Isto prova algo: Godzilla não é o único monstro neste filme.

DURANTE AS FILMAGENS TARDIAS DA CENA EM Chinatown, a resistência da *Empire* é quebrada. Temos de fazer uma pergunta a Edwards que, provavelmente, não devíamos mas que nos está a incomodar há algum tempo: Godzooky vai aparecer no filme? “Sim”, brinca ele, “vai aparecer não tarda.”

Uma geração inteira – e Gareth Edwards pertence a essa geração – foi apresentada a Godzilla em desenhos animados da Hanna-Barbera. Era um ser “que veio das profundezas e que tem 30 andares de altura”, acompanhado pelo seu primo trapalhão Godzooky, o memorável cómico da dupla. “Comprei todos os episódios em DVD”, admite Edwards, da série de 1978-1981. Lembra-se de como os seus amigos em Inglaterra o estavam constantemente a chatear para ele fazer um filme do Godzooky, ao ponto de, após a troca de vários e-mails a brincar,



• **A partir do topo:** Os homens de Ford saltam para São Francisco; Os cientistas de Ken Watanabe e Sally Hawkins numa mina; Uma cauda monstruosa abana lanternas chinesas; Las Vegas depois da visita do monstro.

o texto automático do seu telefone escolhia essa palavra em vez de Godzilla. “Por vezes enviava e-mails para o estúdio e o nome era alterado automaticamente para Godzooky. E então, tinha de lhes explicar porquê...”

Apesar da seriedade com que a Legendary lida com esta marca, há algo de *kitsch* que recua muito para além da besta de Emmerich e da Sony. Não são apenas os desenhos animados; são os títulos como *Ebirah, Horror dos Oceanos* (1966), *Godzilla vs. Mechagodzilla* (1974) e, claro, *King Kong vs. Godzilla* (1962). Depois da estreia sombria a solo da besta gigantesca e com bafo atômico (que terminou com Godzilla a ser “definitivamente” vaporizado), os filmes seguintes colocaram-no frente a frente a adversários igualmente titânicos com enredos cada vez mais ridículos. E até a versão original de 1954, na qual um homem num fato de látex era filmado a 240 fps com modelos à escala, pode ser cómica se for ignorado o contexto trágico. O supervisor de efeitos visuais, Jim Rygiel reflete que, “Sempre pareceu um bebé em ponto grande a andar...”

No entanto, tanto o monstro desajeitado original como os seus confrontos lendários com outros monstros gigantes estão de tal forma marcados no legado de Godzilla que a Legendary e Edwards abraçaram esse material para este remake épico. Ao contrário das criaturas em *Monsters*, Godzilla é um lutador, não um amante. E, como insiste qualquer fã, precisa de algo para combater.

Entre o brilho laranja das chamas e flashes brancos, >



• Gareth Edwards com Bryan Cranston na zona de quarentena de Tóquio.

O TAMANHO IMPORTA COMO GODZILLA CRESCEU



* Em *Godzilla, Mothra and King Ghidorah: Giant Monsters All-Out Attack* [2001] tem 60m, e em *Final Wars* [2004] tem 100m. ** Cresce de 80m para 100m durante este período.

Edwards volta à narração nos altifalantes. Algo está a agredir violentamente Godzilla. O monstro inclina-se para um dos lados da rua; o seu adversário gigantesco investe subitamente a partir do outro lado. Taylor-Johnson e os soldados voltam-se quando um novo rugido se segue ao rugido de Godzilla. “E então, choca contra o prédio!”, anuncia Edwards. Nesse momento, um membro da equipa que controla uma grua deixa cair uma grande quantidade de pedras e cimento que levantam uma nuvem de pó quando atingem o chão.

O intrometido destruidor de prédios não é, podemos confirmar, mais uma estranha incursão pela galeria de aberrações da Toho. Não será um cameo de Mothra ou King Ghidorah. As criaturas, descritas no guião como Mutos, mas cuja natureza e relacionamento precisos com Godzilla vamos manter diplomaticamente nas sombras por agora, são criações feitas de propósito para este filme. “Sim, começamos do início”, diz Edwards. “Tentar desenhar uma nova criatura que pareça algo que nunca viram e que tenha um bom visual é uma tarefa muito difícil. Decidimo-nos pela combinação dos nossos monstros favoritos de todos os filmes. É parte tubarão, parte rainha alienígena, parte *Soldados do Universo*, parte gorila...”

Por outro lado, Godzilla respeita o visual clássico: bípede, musculoso, de pele rugosa e placas vertebrais semelhantes a coral, como um estegossauro. A diferença mais notória é que, com uma altura um pouco acima dos cem metros, é a maior versão que já surgiu no grande ecrã. “Tentar criar a face correta foi o mais difícil”, reflete Edwards. “Penso que tem uma cara mais próxima de um urso, ou de um cão. Também usámos a águia. Há muita nobreza numa águia. Faz com que pareça muito majestoso e nobre.” Mais importante, Godzilla tem

“O MONSTRO RESPEITA O VISUAL CLÁSSICO.” GARETH EDWARDS

personalidade. E é por isso que sempre foi adorado nos filmes da Toho; a razão por que o homem dentro do fato era, e continua a ser, mais eficaz do que a versão redesenhada em 1998. “Ele é o herói! Ele é o vilão! É uma criação incrível e, ao mesmo tempo, conseguem relacionar-se com ele”, diz Mary Parent. Jim Rygiel teve o cuidado de imbuir Godzilla com um grau de expressividade. “Há momentos em que podem ler traços de compaixão em algumas expressões sem termos de exagerar”, diz Rygiel. “Sem dúvida que vão sentir a sua personalidade.” Apesar de Godzilla ser, maioritariamente, uma criatura gerada por computador, Rygiel refere que a produção está a consultar “uma certa pessoa muito famosa na captura de movimentos e que faz muita captura de movimentos para macacos...” A *Empire* recebe mais tarde a confirmação que, sim, Andy Serkis – Gollum, Kong, Caesar – e a sua empresa londrina de captura de movimentos, The Imaginarium, trabalhou com Rygiel e Edwards em certas sequências, “fazendo trabalho exploratório para a criação dos arcos emocionais de Godzilla e dos Mutos.” Ou, como diz Edwards, ajudar a “controlar as almas” das suas criações.

Também nos asseguram que as batalhas entre as criaturas vão parecer menos como os combates de luta livre da Toho. “Vimos muitos vídeos de animais”, diz Rygiel. “Ursos a lutar, morsas a lutar. O ponto em que o Gareth insistia, e sobre o qual concordo totalmente, é que quando eles lutam [na maioria dos filmes de Godzilla], é como um combate da WWE.



MONSTRO NOS EUA

ROLAND EMMERICH RECORDA O SEU PRÓPRIO FILME DE GODZILLA...

→ É PRECISO MUITO PARA PÔR AO DE cima o lado triste de Roland Emmerich, mas a referência a *Godzilla* costuma resultar. “*Godzilla* Foi uma daquelas coisas...”, suspira o habitualmente alegre realizador sobre o seu filme de 1998, “estranhas.”

Emmerich continua um pouco confuso por tê-lo feito. Saído de *Dia da Independência*, queria fazer *Ground Zero*, um filme de desastre que definiu como “*Os Eleitos* com um meteoro a dirigir-se para a Terra”. Dean Devlin, o seu produtor, alertou-o para uma oferta da Toho, que distribuiu *Dia da Independência* no Japão. O estúdio ainda estava a contar os milhões que Emmerich tinha dado a ganhar e estava ansioso por trabalhar com ele de novo. “Fomos abordados sobre *Godzilla* e o Dean queria fazê-lo. Eu disse: ‘Estás maluco? Viste algum filme do *Godzilla*? Como é o monstro? Eles colocam um tipo lá dentro.’”

Sem grande fidelidade ao monstro da Toho, e sem grandes expectativas de o criar com sucesso, Emmerich pediu ao designer Patrick Tatopoulos para criar um Gojira elegante e rápido quando o estúdio japonês lhe entregou um dossier de 75 páginas com o que podia e não

podia fazer. O monstro tinha de ser criado por um teste nuclear, ter as placas nas costas e quatro garras em cada membro. Não podia comer pessoas. E mais inquietante, não podia morrer.

Qualquer que fosse a ideia dos executivos da Toho para o fim do filme, tiveram a oportunidade de a partilhar antes de Emmerich e Devlin abrirem o jogo com a sua nova besta modernizada. “Quando mostrámos o novo *Godzilla*, estes 12 tipos japoneses olharam para ele e disseram: ‘Ok, comunicaremos a nossa decisão amanhã.’” De facto, o telefone tocou. “Tinha a certeza que eles iam dizer não, mas eles disseram: ‘Ok, podem fazer o novo *Godzilla*; nós mantemos o velho *Godzilla*.’ Pensei: ‘Oh raios!’”

Apesar de ter sido trucidado pela crítica e de a besta ter sido despida do seu prefixo “God”, sendo chamada apenas de “Zilla” nos futuros projetos da Toho, a única mágoa é nunca ter podido explorar aquele meteoro. “*Godzilla* foi divertido”, mas o Michael Bay [realizador de *Armageddon*] e a Mimi Leder [realizadora de *Impacto Profundo*] fizeram o filme que eu queria fazer. Podia facilmente tê-los batido!” **PDS**

Eles atiram-se de um lado para o outro e não é assim que os animais lutam.” Até nos confrontos entre os monstros, Edwards procura a veracidade e a diferenciação. “Não há tretas com o Gareth”, assegura Rygiel. “Sabem que ele está nisto a sério.”

NUM DIA SOLARENGO DE NOVEMBRO, GARETH Edwards acompanha a *Empire* pelo terreno da Warner Bros. em Burbank. Aponta com entusiasmo que alguns dos edifícios pelos quais passamos calmamente foram usados em *Blade Runner*. Depois mostra o local exato onde a capa de *Wish You Were Here*, dos Pink Floyd, foi fotografada. “São as minhas duas curiosidades.” Quando chegamos ao edifício de montagem, a *Empire* repara em mais um pormenor: o seu nome, estampado na berma. O rapaz de Nuncaton chegou de verdade.



• Taylor-Johnson e Edwards (com o diretor de fotografia Seamus McGarvey atrás do realizador).



Ford (Taylor-Johnson) na missão fatal no último ato do filme.

Pouco depois, na sala de montagem, Edwards e Bob Ducsay, o responsável pela montagem, mostram à *Empire* uma sequência de 15 minutos no Havai na qual Godzilla aparece pela primeira vez no filme. É tensa e exibida a partir da perspectiva humana – algo que só enfatiza o impacto cataclísmico da estrela. “O meu objetivo é ter uma viagem mais realista através de um mundo com Godzilla”, diz Edwards. “Mas como esta é uma marca tão importante e há tanto dinheiro investido, temos de apelar a todo o tipo de público. Tem de haver o equilíbrio entre o que sentimos que é artístico e queremos ver e o que vai apelar às massas.”

As imagens sugerem que Edwards está a andar na corda bamba com autodomínio. A escala é enorme, mas o mundo parece palpável, filmado a meia-luz perturbadora, ardente e enevoada que, de facto, faz lembrar *Apocalypse Now*, em especial o episódio infernal de Do Lung. Quando a criatura principal se move – a carnificina encarnada – tem o aspeto que devia: espetacular e terrível, chegando na esteira de um tsunami. Num mundo onde cada vez mais parece que a natureza se voltou contra o Homem, devido principalmente a razões originadas pela nossa própria falta de visão, este parece um Godzilla adequado para a sua época. Podemos não estar nos anos 1950, Hiroshima e Nagasaki podem não ser uma memória recente, e o cenário pode não ser Tóquio, mas há a sensação avassaladora que Edwards fez, finalmente, Godzilla regressar a casa. **DJ**

GODZILLA ESTREIA A 15 DE MAIO.

AS LISTAS DA NOSSA VIDA

OS MAIORES MARCOS DO CINEMA 1989-2014

Os 25 momentos que abalaram e mudaram o cinema durante os 25 anos da Empire...



1 EFEITOS VISUAIS ATRAVESAM O ABISMO 1989

Hollywood é a fábrica dos sonhos, mas se tudo está disponível nos nossos sonhos, o ecrã tinha limites... até *O Abismo* (1989). Os efeitos de *Parque Jurássico* podem ter deixado a audiência de boca aberta, mas foi a odisseia aquática de James Cameron que mostrou à indústria o que era possível fazer agora. *T2, Matrix, Avatar* – todos começaram aqui.

2 SODERBERGH DÁ FORÇA AO CINEMA INDEPENDENTE 1989

De Cassavetes a Corman, o cinema independente teve estranhas e diversas personificações, mas foi um jovem na casa dos vinte, de Baton Rouge, que juntou um título de *exploitation* com relações reais para criar um improvável sucesso comercial e de crítica sobre sexo, mentiras e vídeo – e influenciou o cinema indie nos próximos 20 anos. Harvey Weinstein credita Tarantino por ter feito a Miramax, mas foi Soderbergh que mostrou o caminho a seguir pela inexperiente produtora e pelas distribuidoras especializadas (Fox Searchlight, Paramount Vantage, etc.) que vieram depois, originando tigres e dragões, cisnes negros e bilionários indianos.



3 JOHN WOO REINVENTA O CINEMA DE AÇÃO 1989

Fazendo pela ação o que *O Dragão Ataca* fez pelas artes marciais, *The Killer* (1989) assegurou que a carnificina superviolenta e em câmara lenta de John Woo era implantada em Hollywood, abrindo caminho a *Matrix*. O filme também levou os realizadores a olharem para Este em busca de material, o que aconteceu em obras como *O Aviso*.

4 O PRIMEIRO BLOCKBUSTER MODERNO 1989

O nascimento do *blockbuster* está normalmente ligado a *Tubarão* ou *Star Wars*, mas com o seu icónico marketing e por ter aberto as portas a uma série de filmes, *Batman* de Tim Burton definiu o *blockbuster* nos 30 anos seguintes. Estava à frente do seu tempo, com grandes atores naquilo que, normalmente, era considerado um filme de série B, respeitando as fontes e tornando-se numa obra essencial. A DC não o aproveitou para explorar outros heróis, mas a Marvel estava atenta.

5 O TEASER DE T2 MOSTRA COMO SE CRIA EXPECTATIVA 1990

Agora temos teasers para teasers para trailers, mas em 1990, a noção de um aperitivo de celuloide era menos avançada. E então – boom – surgiu a apresentação de Cameron de um T-800 a ser montado: banda sonora forte sobre um endosqueleto e o olhar fixo de Arnie para a câmara. Ainda nos deixa arrepiados e continua a ser o padrão para deixar a audiência a querer mais.



6 TARANTINO INSPIRA TODA A GENTE 1992

Com *Cães Danados*, Quentin Tarantino canalizou o seu conhecimento cinematográfico enciclopédico para um sangrento e extraordinário filme de gangsters, indo buscar elementos de Kubrick a Ringo Lam e criando algo que parecia novo e estimulante. *Cães* fez de Tarantino algo raro: um nome conhecido por todos e, como o primeiro autor VHS, devorando filmes e literatura de cinema de uma forma que era impossível para a geração anterior, inspirou outros autores a seguirem o mesmo caminho, de Joe Carnahan a Edgar Wright.

8 ALIEN CRIOU FINCHER 1993

Em *Alien 3*, a Fox confiou a sua importante série ao bem sucedido realizador de videoclipes David Fincher. Com um guião em constante mutação, a interferência dos executivos e a inevitável curva de aprendizagem, Fincher passou um mau bocado e saiu pensando que nunca iria fazer outro filme. Mas fez, determinado a seguir o seu próprio caminho. O resultado – *Seven*, *Clube de Combate*, *Zodiac* – foi extraordinário, e tudo devido a este início monstruoso.

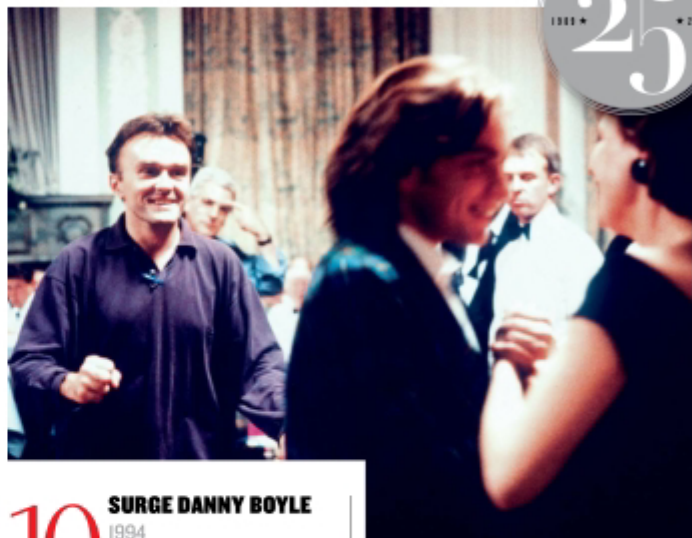


7 SPIELBERG REALIZA A SUA OBRA-PRIMA 1993

A *Lista de Schindler* não foi a primeira vez que Steven Spielberg trocou as pipocas por material mais sombrio, tendo feito antes *Império do Sol* e *A Cor Púrpura*, mas este filme assustava-o, já que era tão pessoal e, ao mesmo tempo, universalmente importante. Finalmente recebeu o Óscar de realizador, mas isso foi o menos – Spielberg fez o filme que justificou toda a sua carreira. Tudo o resto, de *O Resgate do Soldado Ryan* a *Lincoln*, foi um bónus.

9 UM NOVO TIPO DE PESADELO 1994

O progenitor do horror moderno não foi Kevin Williamson, com *Gritos*, mas sim Wes Craven. Tem de se conhecer as regras para as quebrar e foi em *O Novo Pesadelo de Freddy Krueger* que o realizador brincou ingenuamente com a noção de um filme de terror autoconsciente que joga com as expectativas da audiência e que levou não só à sua famosa série como a tudo desde *O Último Destino* a *Hostel*.



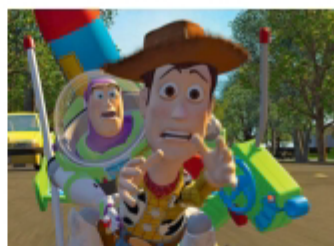
10 SURGE DANNY BOYLE 1994

Pequenos Crimes Entre Amigos podia ter passado despercebido, um filme confinado a um apartamento com personagens brutais. Mas Boyle deu-lhe vigor e inteligência visual e mostrou que o cinema europeu não precisa de se limitar a dramas de época ou miséria doméstica. Podíamos ser *americanos*. Boyle referiu a influência dos Coen, mas não se trata apenas de roubar, ou toda a gente o faria. Inspirar-se em *Sangue por Sangue* requer... sangue, mas também muito génio.



13 POTTER É PUBLICADO 1997

E se Enid Blyton tivesse escrito sobre feiticeiros? Não era uma questão que alguém tivesse lançado quando Joanne Rowling se sentou num café a escrever o livro *A Pedra Filosofal* e depois enfrentou diversas rejeições... até a Bloomsbury ter dito sim – por um adiantamento de 1500 libras – e o ter publicado em junho de 1997. Foi uma decisão que mudou a sua vida e a indústria de cinema britânica, com as adaptações a serem a série mais bem sucedida de sempre e mostrando aos investidores de todo o mundo a importância do Reino Unido.



11 A PIXAR REVOLUCIONA A ANIMAÇÃO 1995

Agora que John Lasseter manda não só nas sequelas da Pixar como nos projetos de animação da Disney, é fácil dar por garantido o visual luminoso e o humor dos estúdios. Mas em 1995, *Toy Story* foi um choque pois nunca se tinha visto nada assim. Com o impacto não só na animação mas na criação do mundo digital, fez-nos de facto ir até ao infinito e... oh, todos sabem o resto.

12 O DVD FORTALECE O CINEMA 1995

O DVD levou a experiência do cinema até à sala de estar e deu aos filmes uma segunda oportunidade. Séries como *Austin Powers* e *Velocidade Furiosa* teriam provavelmente morrido se não fosse este disco... Será que *streaming* e on-demand terão o mesmo poder?



14 O BLOCKBUSTER DOS MIL MILHÕES DE DÓLARES 1997

Deu-nos Leo, Kate e aquele discurso do "Rei do Mundo", protagonizado por James Cameron nos Óscares, mas *Titanic* é significativa por ter sido o primeiro filme a ultrapassar os mil milhões – algo que se tornou o graal para os estúdios, levando a triunfos (*O Senhor dos Anéis: Regresso do Rei*) e a desastres (*John Carter*). >



15 BLADE SALVA OS FILMES DE BD 1998
Adormecido em larga medida desde *Batman* de Tim Burton, os filmes baseados em BD ganharam credibilidade com *Blade*, que teve sucesso moderado mas mostrou que havia público para personagens menos conhecidas. Sem ele, não haveria nem *X-Men* nem, talvez, *Marvel Studios*. David S. Goyer acabaria por ter um papel fundamental nos acontecimentos de *Gotham* e de *Metropolis*.



18 OS SOPRANOS MUDARAM A TV 1999
Em 2014, toda a gente elogia a TV – como pode ser mais profunda do que o cinema e como os serviços de *streaming* (como Netflix) estão a revolucionar a forma como consumimos as séries e quem tem a liberdade para as criar. Tudo começou há 15 anos, quando a HBO deu a David Chase a oportunidade para combinar drama doméstico com ação mafiosa, criando a melhor personagem criminoso depois de Coppola e Scorsese. *The Wire*, *Deadwood*, *Breaking Bad* e *House of Cards* são todos filhos de Tony Soprano.

19 STAR WARS INVENTA O CONCEITO DE TRAILER COMO EVENTO NA INTERNET 1999
Provavelmente o filme mais aguardado de todos os tempos, *A Ameaça Fantasma* levou o público a pagar por filmes que não queria ver só para assistir ao trailer. E depois o trailer chegou à Internet. O site foi abaixo. Os fãs perderam a cabeça. O trailer foi examinado à exaustão (principalmente a personagem de Darth Maul). O trailer como evento na Internet tinha nascido.



16 TRÊ FILMES PARA TODOS DOMINAR 1998
Foi no verão de 1998 que Peter Jackson, tentando encontrar uma casa para os seus dois *Senhor dos Anéis* (depois da Miramax lhe dizer que só podia fazer um), conheceu Robert Shaye, da New Line... que lhe sugeriu fazer três. Uma das melhores trilogias de sempre evoluiu, levando à loucura nas bilheteiras e nos Óscares, e à expansão da Weta Digital (de Jackson) e à revolução FX...

17 A GUERRA TORNA-SE REAL 1998
O cinismo e o heroísmo dos homens em combate foi brilhantemente capturada por veteranos como Sam Fuller em *O Sargento da Força Um*, mas nenhum filme mergulha no horror como *O Resgate do Soldado Ryan*. O desembarque na praia de Omaha é uma das mais impressionantes cenas do cinema. Com a sua distinta (mas agora comum) imagem granulada e mudanças bruscas de planos, mudou a forma como vemos a guerra no grande ecrã.



20 MATRIX TORNA OS GEEKS DEUSES 1999
Os filmes de ação e ficção científica dos irmãos Wachowski foram um veículo brilhante para as esperanças e sonhos de todos os *nerds*, já que o seu herói era um empregado de escritório com poderes sobrehumanos com os quais era possível criar uma ligação. Não tinha grandes bíceps; a era do herói de ação musculado terminara. O músculo de Neo era a sua mente...



22 SERKIS DÁ VIDA AO MO-CAP 2002

Vislumbrámo-lo em *Irmãdade*, mas só foi em *As Duas Torres* que o verdadeiro ator principal de *O Senhor dos Anéis* foi revelado: Gollum. Um enorme salto em termos de efeitos fotorrealistas, o seu efeito era incrível, mas o que espantou foi a captura da atuação de Andy Serkis. Serkis fundou o estúdio de captura de movimentos The Imaginarium e levou as suas habilidades aos novos filmes de *Planeta dos Macacos*. Contamos com um Óscar que reconheça a sua contribuição para a sétima arte.

21 BLAIR WITCH É O PRIMEIRO BLOCKBUSTER CASEIRO 1999

É difícil exagerar o impacto de *O Projeto Blair Witch* no público e na indústria. Foi um filme criado, de facto, por um de nós: uma equipa de homens comuns com pouco dinheiro e muita imaginação. Um passo significativo na democratização dos filmes, o seu legado perdura em títulos como *Atividade Paranormal* e projetos de baixo orçamento. E provou que com pouco se consegue voar bem alto.



24 AVATAR COLOCOU O 3D NA ORDEM DO DIA 2009

O mundo parece ter a obrigação de duvidar de Jim Cameron, pelo que antes de cada filme, circulam rumores de derrapagens orçamentais e de como Cameron é um ditador prestes a enfrentar o seu Waterloo. E então, ele faz o filme mais bem sucedido de sempre. *Avatar* criou um mundo e mitologia que rivalizam com *Senhor dos Anéis* em termos de detalhe, e levou a captura de movimentos para um novo patamar, fazendo do 3D algo relevante. Poucos filmes desde então igualaram o uso desta técnica.

O mundo parece ter a obrigação de duvidar de Jim Cameron, pelo que antes de cada filme, circulam rumores de derrapagens orçamentais e de como Cameron é um ditador prestes a enfrentar o seu Waterloo. E então, ele faz o filme mais bem sucedido de sempre. *Avatar* criou um mundo e mitologia que rivalizam com *Senhor dos Anéis* em termos de detalhe, e levou a captura de movimentos para um novo patamar, fazendo do 3D algo relevante. Poucos filmes desde então igualaram o uso desta técnica.

25 NOLAN TORNA-SE O MODELO A SEGUIR 2010

Os cinéfilos adoram-no por *Memento*, o público por *Batman*, mas a questão com *A Origem* é se o seu nome valia tanto quanto o do Cavaleiro das Trevas. Parece que sim, e de que maneira. DiCaprio tem o seu peso, mas ninguém poderia adivinhar um sucesso assim para um filme de ficção científica complexo e original. As pessoas ligam-se agora a Christopher Nolan como se ligavam a Spielberg no seu auge comercial. A Warner Bros. foi recompensada por apostar no talento, e Nolan tem um cheque em branco para o futuro. Literalmente, as estrelas são o limite.





HAVERÁ CHUVA

DEPOIS DE 16 ANOS,
DARREN ARONOFSKY ESTÁ POR
FIM A REALIZAR A SUA VERSÃO EM
GRANDE ESCALA DO ÉPICO DO ANTIGO,
TESTAMENTO, NOÉ, MAS NÃO SEM
ATRAIR UM DILÚVIO DE CONTROVÉRSIA...



BRIEFING

NOÉ

ESTREIA:
10 de abril

REALIZAÇÃO:
Darren Aronofsky

ELENCO: Russell Crowe, Jennifer Connelly, Emma Watson, Logan Lerman, Douglas Booth, Ray Winstone, Anthony Hopkins

E DEUS DISSE A NOÉ, VAIS FICAR COM ÁGUA ATÉ AO PESCOÇO...
Por favor, este é um tema sério: a abordagem de Aronofsky ao dilúvio do Antigo Testamento tem uma componente ecológica relevante.

E ENTÃO A CHUVA COMEÇOU A CAIR E FICOU TUDO ENLAMEADO...
Bem, esta parte é verdade. Na visão de Aronofsky, a Terra Santa não é limpa mas sim sinistra e primitiva.

UANDO O MONUMENTAL ÉPICO bíblico de Darren Aronofsky finalmente der à costa num cinema perto de si em abril, esteja atento a um senhora de idade que faz de uma velha com um só olho. Pode ter apenas uma fala e é fácil perdê-la entre todas as estrelas do filme (Russell Crowe como Noé, Jennifer Connelly como a sua esposa Naameh, Anthony Hopkins como Methuselah, e Ray Winstone como o rei perverso Tubal-cain), o exército de extras, todos os animais e a escala avassaladora dos acontecimentos, mas a sua importância é enorme. O seu nome é Vera Fried. É uma professora reformada de um liceu nova-iorquino que um dia, no início dos anos 1980, disse a Aronofsky, então com 13 anos, e à sua turma do sétimo ano, que escrevessem algo sobre a paz. Aronofsky escreveu um pequeno poema sobre as pombas que Noé libertou para procurarem terra. “Venceu um concurso das Nações Unidas”, diz Aronofsky. “Li-o nas Nações Unidas, e vencer o concurso fez-me pensar na hipótese de me tornar escritor.”

O poema também lhe transmitiu um fascínio pela história do dilúvio do Antigo Testamento. “Não sei o que tem Noé, mas penso que todos os miúdos se sentem fascinados pela sua história, pelos animais a entrarem dois a dois. É por isso que sempre houve tantos brinquedos da Arca de Noé e há Arcas feitas à mão com centenas de anos. Mas quando a analisam, veem que não é uma história para crianças; é sobre a maldade no Homem e a destruição da raça humana”.

É também uma história que Aronofsky queria trazer para o grande ecrã desde o início da sua carreira. Fez a primeira tentativa em 1998, após o sucesso de *Pi*, o seu filme de estreia, mas em vão.



“NOÉ É O SUPER-HERÓI ORIGINAL.” **DARREN ARONOFSKY**

Nove anos depois, tentou de novo, produzindo um guião com o seu parceiro de escrita, Ari Handel, para a Universal, que ficou enclachado não nas escarpas da inviabilidade financeira mas de Steve Carell e da sua barba falsa. “O guião estava pronto na mesma semana que *Evan, o Todo-Poderoso* estreava”, diz Aronofsky. “Toda a gente sabia que ia ser um fracasso. Apesar de o nosso filme ser completamente diferente, não fazia sentido realizá-lo na Universal nessa altura.”

Sem se deixar desencorajar, Aronofsky e Handel desviaram as suas ambições artísticas para um romance gráfico.

Este permitiu que Vera Fried fosse recompensada pelo seu papel essencial em tudo isto (depois de lhe dedicar o livro, que também se chama *Noé*, Aronofsky convidou-a a visitar o *set* e deu-lhe um papel) e formou a base para a visão de *Noé* que acabou por realizar e que está atualmente a dar os últimos retoques.

NO OUTONO de 2012, no *set* de Nova Iorque de *Noé*, construído no Planting Fields Arboretum, um retiro pastoral a 30 quilómetros de Manhattan, a enormidade dessa visão é evidente



de forma arrebatadora. A Arca, uma enorme estrutura de madeira entrelaçada com andaimes e guindastes, eleva-se com uma solidez monolítica numa clareira. É iluminada por cima por um enorme conjunto de luzes suspensas de gruas que se elevam acima das árvores circundantes (diz-se que há mais gruas aqui do que no estaleiro do World Trade Center). Outras gruas suportam uma matriz de canos de água num sistema que, quando ligado na força máxima, consegue enospar uma área equivalente a oito campos de futebol em minutos. Russell Crowe, com a sua barba e cabelo cortado muito

curto, diz com respeito, “Oito campos de futebol. É a maior queda de água criada para um filme. Maior do que a de *Tempestade!*”

O que também é evidente na visão de Aronofsky é que é categoricamente sua. As suas raízes distantes podem estar na sala de aula do sétimo ano, mas não existe aqui qualquer traço de Noé enquanto história infantil: a arca não é uma versão gigante de um navio mas sim uma enorme caixa de madeira (“Um dispositivo de armazenamento”, diz Aronofsky, tal como a Bíblia o descreve). Não existem túnicas bordadas, barbas brancas ou

• **Ham (Logan Lerman) e Noé (Russell Crowe) afastam-se da Arca.**

sandálias à vista. Até a paisagem é diferente do épico bíblico tradicional. Em vez de desertos e cordilheiras áridas, o chão é negro, o ar é espesso e carregado, e sombras espreitam das árvores.

“Havia uma peça britânica sobre Noé que definiu muitos dos componentes da história”, explica Aronofsky. “Mas começámos por ler as palavras da Bíblia, da mesma forma que fariamos com qualquer livro que estivéssemos a adaptar para o grande ecrã. Na Bíblia, vai-se da história da criação para o pecado original, o primeiro assassinato e Noé em quatro histórias. Isso dá-nos um >

• Isto não é nada;
têm OITO CAMPOS
DE FUTEBOL
de chuva.



contexto muito interessante – estamos apenas a dez gerações do Jardim do Éden; a criação era uma memória recente. É uma época fantástica que exige uma abordagem diferente.”

Um princípio fundamental dessa abordagem foi assegurar que este mundo não se iria assemelhar ao moderno Médio Oriente. “Na história, temos os primeiros arco-íris. Assim, quem nos diz que eles tinham céus azuis antes do dilúvio? Como eram os animais nesses tempos? Era um mundo que se parecia com a Terra Santa atual? O objetivo era ser tão único quanto a Terra Média; sem dúvida que olhámos para *O Senhor dos Anéis*. Queria criar um mundo de fantasia que fosse baseado na Bíblia e noutros livros escritos na mesma altura que não são canónicos. Lemos o *Livro de Enoque* e outros textos sobre aquele mundo e criámos o nosso mundo com pistas que retirámos deles. Há coisas como os gigantes, anjos com seis braços que percorriam a Terra. No filme surgem como personagens. O dilúvio é muito curto [ocupa uns meros quatro capítulos no Antigo Testamento], mas há tantos pontos de interrogação, tantas formas de interpretá-lo.”

“É uma história emocionante e poderosa”, diz Jennifer Connelly, que se parece com a matriarca bíblica que estávamos à espera, com um vestido e lenço na cabeça e carrega uma pequena criança (é a sua própria filha, Agnes). “É complexo e negro. Ocupa apenas algumas páginas na Bíblia, mas captura



• Tubal-cain
(Ray Winstone),
não precisa de
capacete.

a nossa imaginação há milhares de anos. Fiquei muito entusiasmada para ver o que o Darren ia fazer. Ele é um realizador ousado. Criou uma obra espetacular que se mantém fiel à história, mas que também é um drama humano que se foca no que significa para estas pessoas terem de carregar este peso.”

Toda a gente fala sem parar sobre o drama humano no centro do filme, mas ninguém revela muitos detalhes sobre o que implica esse drama. O que sabemos é que Emma Watson interpreta a filha adotiva de Noé, Ila, uma personagem que não está na Bíblia e que chama a atenção

do filho mais velho do patriarca, Shem (Douglas Booth). O seu lugar na Arca é questionado pelo facto de não poder ter crianças. “Alerta de spoiler!”, ri Watson. “Ila consegue um lugar na Arca. Ela é uma jovem cuja família foi morta num ataque [de Tubal-cain]. É salva por Noé e tratada por Naameh. À medida que o tempo vai passando, Noé acaba por vê-la como sua filha. É um filme muito negro, e a história de amor entre Ila e Shem e os sacrifícios que fazem um pelo outro torna-o um pouco mais leve”.

Para complicar ainda mais as coisas está o facto de o filho do meio, Ham

Aronofsky
prefere a
funcionalidade
à elegância.

“NÃO É UMA HISTÓRIA PARA CRIANÇAS. É SOBRE A MALDADE NO HOMEM”

ARONOFSKY

(Logan Lerman) estar interessado, por razões mais do que evidentes, em ter uma mulher a bordo, um plano que encontra a firme oposição de Noé. Isto parece ser o suficiente para criar um drama, para além de serem os únicos humanos vivos no planeta e das óbvias pressões que se fariam sentir na unidade familiar.

“Todas as grandes cenas estão lá”, diz Aronofsky, “o dilúvio e a destruição da humanidade. Mas o drama familiar está no centro do filme; intensifica os temas.” Apesar de Aronofsky afirmar que respeitou tanto o texto bíblico como respeitou o romance de Hubert Selby Jr. quando realizou *A Vida Não é Um Sonho*, está a tomar certas liberdades justificadas. A Bíblia é algo vaga quanto ao que aconteceu na Arca e sobre quem Noé era exatamente. Em qualquer filme, estes aspetos precisam de ser desenvolvidos. “Somos apresentados a um homem que tem uma mulher linda e três filhos lindos”, diz Crowe. “Ele está a lidar com o mundo que o rodeia e a tomar

decisões. A sua relação com o Criador é bastante simples, mas vai-se tornando mais complexa quando começa a ouvir vozes e a ter ideias. Na verdade, não podemos ter a certeza absoluta de que é Deus que está a falar com ele. Durante uma boa parte do tempo, é provável que Noé sinta que está a ficar maluco. Penso seriamente que o filme não vai ao encontro da versão que as pessoas têm de quem Noé era e do que ele fez.”

Neste ponto, Aronofsky é um pouco mais aberto. “Quero que as pessoas vejam o Noé como um homem”, diz o realizador, “e não apenas como um profeta. Quero que as pessoas vejam como lida com esta tarefa incrível que lhe foi confiada, como lida com a destruição da humanidade e o que isso lhe faz enquanto pessoa. Se lerem a Bíblia, a segunda coisa que faz depois de descobrir terra firme é embebedar-se. É uma escolha com muito significado. Ele tem sérios problemas de culpa por ter sobrevivido”. >

VIDA NA ARCA

A EMPIRE PERGUNTA A UM A ZOOLOGO QUÃO EXEQUÍVEL ERA O PLANO DE CONSERVAÇÃO DE NOÉ...

→ AS INSTRUÇÕES

de Deus sobre como Noé devia povoar a Arca eram muito específicas: “De todos os animais limpos tomarás para ti sete e sete, o macho e a sua fêmea.” Os pássaros também eram sete pares enquanto os animais impuros [segundo a lei kosher] serão apenas um par. Quanto à arca, tinha 137 metros de comprimento, 23 metros de largura e 13 de altura. “Tínhamos de recolher todas as espécies do mundo”, pondera Christoph Schwitzer, o diretor de pesquisa da Sociedade Zoológica de Bristol, “mas também as subespécies. Se os zoológicos do mundo trabalhassem juntos numa emergência que não destruísse grandes partes do planeta, nem sequer conseguiríamos salvar todos os mamíferos.”

Precisariamos de jaulas

individuais. “As gazelas e os antílopes, por exemplo, são muito nervosos e têm chifres. Podiam matar-se por acidente...”

Além disso, sete pares de cada animal está longe de ser suficiente para salvar uma espécie. “Precisamos de uma população entre 250 e 500 para se conseguir sustentar sem perder variabilidade genética”.

E quanto ao pessoal? A família de Noé não seria suficiente. “Demorou muito tempo até chegarmos a um ponto onde podemos dizer que conseguimos salvar mil espécies da extinção se fosse preciso”, admite Schwitzer. “E precisaria de muito esforço e dinheiro que não está disponível para estes fins...” OW





“NOÉ OUVI VOZES. PROVAVELMENTE PENSA QUE ESTÁ A FICAR MALUCO.” RUSSELL CROWE

A JULGAR PELOS 40 minutos de filme, exibidos por Aronofsky na Paramount, *Noé* presta um tributo espetacular à sua imaginação inigualável – o céu cheio de bandos de pássaros até ao horizonte, Noé num sonho febril a afundar-se até ao fundo do oceano, os animais da Terra, a subirem na água à sua volta – mas nada, nem a Arca deselegante, a ausência de longas barbas e das roupas faustosas, é suscetível de perturbar os puristas. “Não sou um homem religioso”, diz Aronofsky. “Mas como intérprete do texto, queria honrá-lo. Queria certificar-me que as pessoas que

acreditam na palavra escrita aprovam o que estão a ver. E penso que o vão fazer.”

No entanto, e com alguma enfadonha inevitabilidade, parece que isso não vai acontecer. O seu revisionismo, o conceito moderno da culpa por ter sobrevivido, irritou aqueles para quem a Bíblia é a palavra imutável de Deus.

Segundo algumas fontes, incluindo o *The Hollywood Reporter*, visionamentos para grupos religiosos nos EUA (cristãos e judeus) geraram reações quase hostis. É esta reação, e a recusa de Aronofsky em aplacá-la, que, a acreditar nas notícias, levaram o realizador a entrar em conflito com a Paramount, o estúdio que está

• **A família de Noé, (incluindo Gavin Casalegno como o jovem Shem, Nolan Gross como o jovem Ham e Jennifer Connelly como Naameh) antes da catástrofe.**

a pagar a maioria da conta de mais de cem milhões de dólares. Como seria de esperar, Aronofsky não comenta o assunto. Mas parece que o ponto da discórdia, o que está entalado nas gargantas dos crentes e dos conservadores, é Aronofsky ter recrutado Noé para a causa ambientalista. Segundo Aronofsky, o Senhor não soltou a sua ira na humanidade por causa da sua maldade mas por ter maltratado o seu presente mais generoso: a própria criação. Isto, como se pode compreender, é uma tentativa flagrante de transformar a palavra de Deus em propaganda de esquerda ou eco-Nazi... Aronofsky, habituado à controvérsia

É SÓ JUNTAR ÁGUA

COMO A CHUVA PODE DAR AOS FILMES UMA DIMENSÃO EXTRA



ÀS PORTAS DO INFERNO (1950)

→ Um lenhador (Takashi Shimura) e um padre (Minoru Chiaki) abrigam-se da chuva. A eles junta-se um homem (Kichijiro Ueda) a quem contam uma história.

Significado: A chuva representa a moral sombria que inspira o início da história. O tempo melhora quando as personagens atingem finalmente a clareza de mente.



SERENATA À CHUVA (1952)

→ Cheio de talento e de amor, Don Lockwood (Gene Kelly) anda na rua quando começa a chover mas decide não se abrigar e canta e dança numa cena imortal.

Significado: A chuva é a forma perfeita para demonstrar a descontração de Lockwood. Além disso, o filme não se poderia chamar apenas *Serenata à*.



BLADE RUNNER (1982)

→ Escapando do replicant Roy Batty (Rutger Hauer), Rick Deckard (Harrison Ford) acaba pendurado num edifício. Batty salva Deckard e faz um discurso sobre as memórias se perderem “como lágrimas na chuva”.

Significado: A chuva tem a ver com a natureza transitória da vida, a purificação de Batty antes de acabar por morrer.



• Ray Winstone com Darren Aronofsky.



• Ila (Emma Watson) e Shem (Douglas Booth).

e pouco habituado a transigir, não se arrepende. Para ele, foi o dilúvio, o expoente da mudança climática catastrófica, que tornou a história de Noé intemporal e própria para interpretação. “É óbvio”, diz ele. “Toda a gente está a falar sobre o degelo e a subida dos níveis da água. A rodagem foi interrompida pelo furacão Sandy, e percebemos a ironia. A imprensa internacional também a percebeu. Não é apenas a subida da água e a destruição de supertempestades como Sandy e Katrina; é também o impacto global que a humanidade tem no ambiente. Como disse, não sou uma pessoa religiosa. Não o vejo como um castigo de Deus pela maldade do homem, mas penso que os humanos são totalmente responsáveis pelo impacto que tivemos no nosso meio ambiente”.

É por esta razão que Aronofsky sentiu uma afinidade tão forte pela figura de Noé, apesar de afirmar que, de todos os seus filmes, é a personagem mais diferente de si mesmo. Foi por isso que criou o primeiro verdadeiro épico bíblico desde os dias de DeMille, Chuck Heston e *Os Dez Mandamentos*. “Bem”, ri, “O John Huston fez *A Bíblia* em 1966. Interpretou Noé! Mas isso foi um pouco ridículo. Na verdade, foi terrível. Estava sentado num celeiro com algumas cabras atrás dele. Mas essa é outra razão por que foi tão óbvio – ninguém o fez durante 50 anos! Temos 50 anos de evolução de efeitos especiais. Podemos fazer um filme como *Confronto de Titãs* a partir de Homero e com os deuses gregos, ou *Thor* com os deuses nórdicos, e porque não um filme com o Deus hebraico? Noé é o super-herói original. É-lhe dada uma tarefa monumental para realizar e ele ultrapassa obstáculos enormes para o conseguir fazer. Ele salva o mundo, literalmente”. **SB**

NOÉ ESTREIA A 10 DE ABRIL.



PARQUE JURÁSSICO (1993)

→ Os carros pararam junto ao recinto do T-Rex e uma cabra é usada para atrair a besta. Mas Dennis Nedry (Wayne Knight) desativou as cercas eletrificadas!

Significado: Pode acenar aos trovões e relâmpagos dos filmes de terror. Pode ser parte do tema “não controlamos a natureza”. Ou pode alguém ter deixado o telhado aberto.



OS CONDENADOS DE SHAWSHANK (1994)

→ Depois de ser acusado injustamente pelo assassinato da esposa, Andy Dufresne (Tim Robbins) escapa da prisão pelos canos do esgoto numa sequência que culmina com Robbins a abrir os braços para a chuva.

Significado: A chuva muitas vezes representa o batismo. Com a pose de Cristo, este é um renascimento.



QUATRO CASAMENTOS E UM FUNERAL (1994)

→ Depois da relação com “Duckface” (Anna Chancellor), Charles (Hugh Grant) abre a porta ao seu verdadeiro amor, Carrie (Andie MacDowell). O par acaba à chuva e declara os seus sentimentos um pelo outro debaixo de relâmpagos.

Significado: Estava a chover? Desculpem, não reparámos.



CAMINHO PARA PERDIÇÃO (2002)

→ O chefe da máfia John Rooney (Paul Newman) anda à chuva com os seus capangas. Um assassino abate todo o gang. Michael Sullivan (Tom Hanks) sai das sombras e aponta a metralhadora ao seu mentor, Rooney. “Ainda bem que foste tu”, diz o homem condenado.

Significado: Tiroteio à chuva! **IF**



“É UM GÉNERO DIFERENTE DE FILME DE MONSTRO...”

HEISENBERG FICOU PARA TRÁS E GODZILLA ESTÁ À FRENTE: BRYAN CRANSTON DOMINA A ATUALIDADE

AVISO! CONTÉM SPOILERS DE BREAKING BAD!

VERDE. COM ESCAMAS. COM TENDÊNCIA PARA A destruição. Já adivinhou, estamos a falar de Snizard, o híbrido de cobra e lagarto que ameaçou os Power Rangers no início dos anos 1990. Não é claro que pobre alma estava a suar dentro do fato da personagem, mas a voz fina de Snizard – cujas diabólicas expressões incluíam a grande “Agora vais sentir todo o poder da minha Zapper Apple!” – pertencia ao ator de 37 anos Bryan Cranston.

“Era material do bom”, ri agora a estrela, falando com a **Empire** a partir de Nova Iorque. “Era um ator promissor e tinha de fazer dobragens, anúncios, filmes industriais, tudo o que fosse preciso para pagar as contas e ter experiência. Mas nunca o vi, apenas algumas cenas enquanto estávamos a dobrar. Fiz tantos episódios que deram o meu nome ao Power Ranger azul: ele chama-se Cranston!”

Duas décadas depois, deixou de fazer uma imitação de Godzilla e vai enfrentar o próprio monstro atómico, apesar de quase ter dito não. Após *Breaking Bad*, o ator não precisava de se preocupar mais com contas, e o papel de um cientista no rasto de Gojira parecia algo parolo. “Recusei-o”, admite. “Pensava que Godzilla não devia estar no meu currículo. Mas o meu amigo Bill Timoney, um historiador de cinema, ficou muito entusiasmado e contou-me, de memória, a história da série, que tem 27 ou 28 filmes. Pensei novamente e apercebi-me que era um género diferente de filme de monstro. Normalmente são ‘enredo, monstro, monstro, enredo, fugir, fugir. Mas este não era assim.”

Afinal, Cranston acabou por fugir tanto de explosões e de patas gigantes que acabou com distensões musculares. Teve também o inconveniente de ter de colocar uma peruca todas as manhãs, já que o cabelo ainda não cresceu desde *Breaking Bad*.

Mas o maior desafio foi – ironicamente para um homem que encontrou o sucesso na química – o cheiro. “As maiores seqüências de corrida foram filmadas numa estação de tratamento de águas residuais em Vancouver. Dizer que o cheiro era nojento é pouco. Mas pior do que isso eram os químicos que usavam para esconder esse cheiro. ‘Oh meu DEEEEEUS!’”.

Cranston contacta regularmente com o parceiro de laboratório de *Breaking Bad*, Aaron Paul, que também tem participado em feitos enérgicos em *Need For Speed: O Filme*. Em setembro, partilharam uma das noites mais surreais das suas vidas ao ver o final da série projetado num mausoléu num cemitério de Hollywood, rodeados por quatro mil fãs. “Foi comovente ver-me morrer entre as lápides”, lembra “Heisenberg”. “Foi uma boa noite, com 25 graus. Toda a gente tinha cadeiras. Foi como um grande piquenique mórbido.”

Agora, com um papel monumental atrás de si, já aceitou outro: o do Presidente Lyndon B. Johnson, na peça da Broadway *All The Way*. Com espetáculos de três horas, oito vezes por semana, durante cinco meses, é um enorme desafio, e Cranston é obrigado a usar próteses faciais e a recitar diálogo complicado com um sotaque texano. Admite estar assustado. “Estou preocupado com a minha resistência. É uma personagem dinâmica, quase como o Rei Lear. Para conservar a minha energia, instituí que às segundas-feiras não falo.”

Felizmente, apanhámo-lo a uma sexta-feira. **NDS**

GODZILLA ESTREIA A 15 DE MAIO.

VIRE PARA VER O QUE JESSE FEZ A SEGUIR

“TÊM DE DAR O VOSSO MELHOR E DIVERTIREM-SE!”

DE JESSE PINKMAN PARA “O NOVO STEVE McQUEEN”, AARON PAUL ESTÁ AO VOLANTE DE *NEED FOR SPEED: O FILME*

AVISO! CONTÉM SPOILERS DE BREAKING BAD!

A ÚLTIMA VEZ QUE VIMOS AARON PAUL COMO o fabricante de metanfetamina Jesse Pinkman em *Breaking Bad*, estava atrás de um volante, a acelerar a fundo e a desaparecer na noite. Não podia ser mais adequado que o seu primeiro papel no grande ecrã pós-*Bad* – no lugar de protagonista – seja ao volante para o thriller automóvel de Scott Waugh, *Need For Speed: O Filme*.

O chefe da DreamWorks, Steven Spielberg, foi fundamental na escolha de Paul: os produtores e o realizador sabiam que o queriam *algures* no elenco, mas foi o fanatismo de Spielberg por *Breaking Bad*, juntamente com o discurso sentido de Paul ao aceitar o Emmy, que lhe deu o papel principal (a DreamWorks é uma das produtoras do filme). “O Steven disse que não se podia fingir aquilo que o Paul tem”, recorda o produtor Mark Sourian. “O rapaz tem uma autenticidade real, e um carisma que faz parte de quem ele é.”

“Estavam a trocar vídeos onde eu entrava”, pasma-se Paul. “É de loucos ouvir isso.”

“Não tivemos um Steve McQueen desde que o Steve McQueen faleceu, não tivemos mesmo”, acredita o realizador Scott Waugh, “mas, pessoalmente, penso que o Aaron tem essa qualidade. As estrelas nessa altura eram tão *cool*, e eu pensava, ‘Como é que conseguimos um daqueles?’ O Paul é um homem que não tem de dizer muito e, ainda assim, comunica tudo. Primeiro, pensámos nele para o vilão, mas vi muitos vídeos dele e pensei que ele seria fantástico e inesperado como Tobey. É um herói *sexy*, mas também é perigoso, e essa era uma qualidade que não conseguia encontrar na sua faixa etária. O seu grupo etário costuma ser divertido e amável, e não perigoso e *sexy*.”

O campo de treinos de condução teve lugar na pausa antes

da última temporada de *Breaking Bad*, e a *Empire* encontrou-se com Paul no set de *Need For Speed* pouco depois da conclusão da série. “Os últimos dias foram muito emotivos”, diz-nos Paul. “Fomos todos fazer tatuagens iguais depois de terminarmos, que dizem ‘No Half Measures’. É uma frase da série. Há um episódio chamado *Half Measures* e outro chamado *Full Measure*, e significa que nunca devemos dar metade mas sim 100% em qualquer altura. Acredito mesmo nisso. Têm de apreciar o que têm, arriscarem, darem o vosso melhor e divertirem-se!”

Paul tem à sua volta uma produção de um grande estúdio avaliada em dezenas de milhões de dólares, mas o ator está genuinamente mais interessado na qualidade do trabalho que faz do que no potencial estrelato.

“Nem tudo tem a ver com ser o número um”, reflete. “Tem a ver com atingir os vossos objetivos. Se tudo correr bem, poderei continuar a fazer coisas nas quais acredito e a divertir-me a fazê-las. *Breaking Bad* abriu-me muitas portas e será difícil de bater. O que é excelente na TV hoje em dia é que podem ser contadas histórias lindas e complexas em cinco temporadas; não é preciso compactar tudo em duas horas. Há um lugar muito especial no meu coração para a TV, mas adoro o cinema. Fizemos *Smashed* em 19 dias e sinto-me atraído por esses pequenos projetos independentes. *Need For Speed: O Filme* apareceu do nada, e tive de pensar bem sobre ele. Concluí que era uma boa decisão de carreira para mim e representava um desafio diferente. Talvez me deem um Koenigsegg como prenda de casamento!” **OW**

NEED FOR SPEED: O FILME JÁ ESTREOU.





MARRETAS

CONTRA-ATACAM

QUANDO OS MARRETAS TOMARAM A TORRE DE LONDRES
NO SEU FILME DE ASSALTO EUROPEU, A EMPIRE ESTAVA PRESENTE
PARA TESTEMUNHAR A LOUCURA E A MAGIA





Miss Piggy mostra o seu charme na Torre de Londres com a Tower Bridge em segundo plano.

N

as ameias, uma porca está a cantar. Levitando pelas muralhas da Torre de Londres, Miss Piggy plana em direção à câmara entoando uma balada. Se não acredita que os porcos voam, tem de reavaliar as suas crenças sobre suspensão; ao contrário de atrizes menores, quando as pernas de Piggy não estão no enquadramento, são removidas e colocadas, possivelmente, numa almofada de angorá. À distância, no ecrã, ela voa com uma estranha elegância de fantasma. Segundo o produtor Todd Lieberman, esta é a primeira vez que é permitido a uma equipa filmar dentro da Torre, mas a fortaleza continua aberta ao público. Os visitantes vieram pelos fantasmas decapitados e recebem uma porca voadora.

A cena que está a ser gravada faz parte de um duelo titânico entre Piggy e outra superdiva... Toda a sequência é uma mostra extravagante de glamour agressivo. Em *Marretas Procuram-se*, Miss Piggy tem 22 mudas de roupa. É, com ou sem pernas, porco ou não-porco,

a personagem mais bem vestida. "Aquele vestido de tweed que ela está a usar hoje", diz Rahel Afiley, a responsável pelo guarda-roupa, "foi especialmente desenhado para nós por Vivienne Westwood. Queria-o num número para humanos, mas o que fica bem em nós não funciona na Piggy. Westwood disse que têm sempre um cliente difícil por ano. Podem adivinhar quem foi."

Inevitavelmente, Piggy vai mudar de roupa outra vez hoje, marchando numa capela num leve vestido de noiva. O seu passo é demasiado apressado. "Abraudem, abraudem!", diz Bobin. "Ninguém se devia apressar para se casar!"

PASSOU UMA DÉCADA

desde que a Disney adquiriu os direitos dos Marretas da The Jim Henson Company. Em 2004, estavam avaliados em 90 milhões de dólares, mas a Disney conseguiu que tivessem de novo um valor incalculável. A campanha furtiva começou em novembro de 2009, quando um cover de *Bohemian Rhapsody* surgiu no YouTube. Teve dez milhões de visualizações na primeira quinzena. Como disse Eric Jacobson, o marionetista de Piggy diz, "Foi muito inteligente



O realizador James Bobin e a equipa.

— fez com que uma nova geração sentisse os Marretas como se fosse dela e não que os descobriu através dos pais."

Com uma nova audiência, *Os Marretas* (2011), uma reintrodução em vez de um *reboot*, quase quadruplicou em receitas de bilheteira o seu orçamento de 45 milhões de dólares. 27 milhões dos 165 milhões de dólares que gerou vieram do Reino Unido. "A série de TV foi gravada aqui durante tantos anos que o Reino Unido considera os Marretas como seus", diz Lieberman. "*Marretas Procuram-se* está a ser filmado em Pinewood, não Elstree, mas gostamos de pensar que eles estão de volta à sua casa espiritual."

Como outros filmes os levaram



para o espaço e em viagens no tempo, o realizador James Bobin (que dirigiu o filme anterior) podia ter tomado vários rumos (exceção possível: *Marretas Debaixo de Água*). “Sempre quis fazer um filme sobre um grande diamante e um roubo e desenvolvi a ideia de forma independente dos Marretas”, explica Bobin. Mas por capricho, “marretisou” o conceito e, com o coargumentista Nicholas Stoller, foi acrescentada a ideia de um duplo: “Um duplo de Cocas a juntar-se aos Marretas sem eles repararem. Isso fez-nos rir.”

Excepcionalmente para uma dupla de argumentistas, Stoller e Bobin escreveram juntos no mesmo quarto. Claramente, gostaram um do outro – o guião do filme teve 30 versões.

Procuram-se começa no fim. A cena de abertura, recriada em Hollywood Boulevard, sobrepõe-se ao final do seu predecessor e tem uma canção sobre os Marretas fazerem uma sequência. Chama-se *Estamos a Fazer Uma Sequela*. Mas não é uma sequência. Gary (Jason Segel), o humano principal do filme de 2011, não vai regressar, ao contrário do seu irmão Walter. “O Jason sentiu que a história da sua personagem tinha terminado”, diz Bobin. “Mas é tradição dos Marretas que cada filme seja independente.”

Inspirado pelos filmes de assalto dos anos 1960, com um argumento secundário de filme na prisão, *Procuram-se* envia os Marretas numa tournée pela Europa organizada pelo seu novo e algo duvidoso empresário. Mal chegaram a Berlim (“A capital mundial da comédia!”) quando Cocas é enviado para um gulag siberiano. No seu lugar:

“ESTAR NESTE FILME É COMO VENCER UM CONCURSO!”

RICKY GERVAIS

o duplo Constantine, que se infiltra nos Marretas para executar uma série de roubos elaborados.

“*Os Marretas Contra-Atacam* é o meu filme preferido dos Marretas, e do James”, diz Stoller. “Queremos atingir esse espírito: menos sentimental e mais cómico. O mais difícil foi cortar tantas coisas boas.”

Cada um dos três protagonistas humanos – todos comediantes – faz dupla com um Marreta. Tina Fey é a guarda prisional russa de Cocas. Ty Burrell é um agente francês da Interpol que entra em conflito com Sam a Águia, um agente do FBI. E Ricky Gervais é Dominic Badguy, o referido empresário que é o número dois de Constantine. “O Ricky é um grande fã dos Marretas”, diz Stoller. “É um género de Marreta vivo.”

Durante uma pausa, Gervais, de óculos escuros, fala com a *Empire* num banco de jardim, como se fosse um encontro secreto. “Como é que um ladrão britânico que faz de agente de LA se junta a um sapo russo?”, ri. “Nunca tinha pensado nisso, e não sei se devia. Garanto que há pessoas em sites de fãs a dizer: ‘Nunca encontrariam um sapo que falasse russo.’” Gervais trabalhou com os Marretas em 2009 (na *Rua Sésamo*, com Elmo) e em 2011 (um *cameo* em *Os Marretas* que foi cortado).

Gervais descreve que ter ficado com

o papel foi como “vencer um concurso”. “*O Conto de Natal dos Marretas* é um dos meus filmes favoritos”, diz Gervais. “Há apenas uma forma de melhorar uma das melhores histórias já contadas: introduzir Marretas.” Gervais sugere outros filmes que podiam ser melhorados introduzindo os Marretas, e todos são impossíveis de repetir aqui.

Antes de Gervais ser contratado, os marionetistas tiveram o seu próprio *casting* com Constantine. Matt Vogel acabou por ficar a cargo do criminoso. Gervais e Constantine não tiveram problemas em formar um par como Bucha e Estica. “Não é muito diferente do que normalmente faço”, diz Gervais. “Há um tipo de comédia em *Marretas* que percebo muito bem. Lembra-me *Extras* ou *Life’s Too Short*.” Passou um mês desde que Gervais gravou a sua música com Constantine, um dueto escrito por Bret McKenzie (*Flight of the Conchords*), e ainda a tem na cabeça. “Especialmente a letra, ‘Não acredito que estou a trabalhar com um anfibio’ – que, sejamos realistas, é verdade.”

DE REGRESSO À TORRE,

as coisas estão a ficar estranhas. No pátio interior, Fozzie e Cocas estão sentados num carro minúsculo. Este é o Le Maximum, um carro da Interpol >

BRIEFING

MARRETAS PROCURAM-SE

ESTREIA:
24 de abril

REALIZAÇÃO:
James Bobin

ELENCO: Cocas, Ricky Gervais, Miss Piggy, Sam a Águia, Tina Fey, Ty Burrell

HISTÓRIA: Os Marretas veem-se emburalhados num roubo de joias durante uma viagem pela Europa depois de Cocas ser preso num gulag e de ser substituído pelo duplo maléfico Constantine.

**“É COMO CRIAR
UMA ILUSÃO,
UM TRUQUE
DE MAGIA...”**

JAMES BOBIN



que, normalmente, é conduzido por Ty Burrell. Ty Burrell tem 1,83 metros.

Procuram-se está recheado de piadas visuais – ver o esforço requerido para fazer uma delas é testemunhar uma demonstração épica de ingenuidade cinematográfica. Na cena que está a ser gravada, Fozzie, frustrado pelo facto de o motor mais pequeno do mundo não arrancar, atravessa o chão do carro com os pés e começa a correr ao estilo do carro dos Flintstones.

Primeiro, o minicarro é substituído por uma minirréplica. Lá dentro estão um Cocas e um Fozzie controlados remotamente. Duas estacas azuis estão fixadas nas laterais. Um ator criança nas calças de urso agacha-se dentro do carro. Quando Bobin grita ação, dois homens cobertos de azul agarram as estacas e o ator de nove anos enfia os pés pelos buracos no chão do veículo e começa a correr. O azul é eliminado na pós-produção e a cena fica pronta. Durante a tarde, o miúdo com as calças de urso sente-se como a estrela do filme.

“É apenas mais um dia normal com os Marretas”, ri Bobin. “Há coisas destas todos os dias. Passamos meses a imaginar estas cenas, mas quando vemos o resultado final, é como criar uma ilusão, um truque de magia.” Ouvimos muitas vezes essa palavra no *set*. Magia. Não magia de efeitos especiais, mas magia dos Marretas. Quanto não estão a atuar,



os Marretas são cuidados, reparados e alisados. Quando Sam a Águia está na sua pausa, é colocado num poleiro e coberto com um lençol, como as senhoras de idade fazem com os periquitos. Em parte isto serve para proteção – numa rodagem pública, não querem que os mais pequenos vejam um Sam inanimado.

Ainda bem que nunca veem um camarim dos Marretas. É como um massacre de Marretas. Numa mesa estão membros da Piggy, sobrancelhas da Águia e, mais estranho, a cara de Fozzie (não a cabeça, mas a cara) – um pedaço de pelo sorridente. Nicholas

• **Topo:** É hora de dar início ao espetáculo... de novo! **Acima:** Tina Fey como a guarda prisional russa Nadya.

Stoller diz que ver os Marretas assim, sem alguém a controlá-los, é algo grosseiro.

Mas onde estão os verdadeiros Marretas?

A *Empire* encontra-se com Cocas. O sapo está vestido com um smoking para uma cena de casamento. Steve Whitmire, o assistente de Cocas, não faz qualquer tentativa para se esconder. E não tem de o fazer. No momento em que pega no Cocas, desaparece por completo. Tudo o que vemos é Cocas. É magia. Aqui está um exemplo de uma conversa típica: **Empire:** Londres mudou muito desde a última vez que aqui esteve?

Cocas: Há muitos mais edifícios de vidro. Há um perto da A4 que parece uma arca.



próprias cenas arriscadas, responde: "Claro que não. Nem sequer faço o meu próprio papel." Quando lhe perguntamos sobre o seu papel, diz-nos: "Bem, contei todas as minhas linhas. Há um duplo? Tipo, *dois* Cocas?" Piggy pausa, pensativa. "Na verdade, isso parece muito bom." Ao longo da entrevista, Piggy afirma que Steven Spielberg está a realizar o filme e pede-nos que as suas citações apareçam numa fonte maior do que o resto do texto. É a entrevista mais à estrela de cinema a que a **Empire** teve o prazer de sobreviver.

PROCURAM-SE É A

resposta anárquica ao seu predecessor, mas seguindo a tradição dos Marretas. Não faltam os cameos: Salma Hayek, Ray Liotta, Lady Gaga... Qual é que mais surpreendeu Bobin? "Escrevi uma piada há muito tempo sobre um espetáculo na Alemanha com Sweetums a dançar a valsa com Christoph Waltz", diz Bobin. "Pelo que gostei bastante desse *cameo*. Já agora, o Christoph Waltz consegue dançar a valsa – como um profissional."

Depois de vermos Bobin no *set*, temos de perguntar: como, exatamente, é que dirige um Marreta? "Os atores usam a cara para transmitirem emoções. Os marionetistas só têm as mãos. É aí que me concentro, enquanto os marionetistas imaginam o que o Marreta pensa. O meu trabalho é apresentá-los de forma realista, mas são os marionetistas que são responsáveis pelas emoções que sentem."

O que nos leva à questão: são reais? Bobin ri. "Sinto como se conhecesse o Cocas. E também conheço o Steve Whitmire. É como quando trabalhei com o Sacha Baron Cohen. Conhecia o Sacha, mas também conhecia o Borat. Eles são marionetas, feitas de feltro, fios e pelo, mas mesmo depois de quatro anos, é prodigioso vê-los."

Um ano mais tarde, a **Empire** encontra-se com Gervais no dia seguinte ao ator ter visto *Procuram-se* e está radiante com o resultado. "Bem, acreditei que era real durante seis semanas", diz Gervais. "Ainda penso no Constantine, sobre o que ele estará a fazer. Não está numa caixa em Nova Jérсия; está a ver televisão algures. No *set*, cheguei ao ponto de parar de olhar para o Matt (Vogel) e falar com o sapo. Sobre o que tinha sido o almoço dele. Conversa de ocasião. Com um sapo." Parece que está com síndrome de abstinência. "Adorava juntar-me de novo com o Constantine para os comentários no DVD", diz Gervais. "Podemos ver o filme juntos e falar mal dos Marretas." **SC**

MARRETAS PROCURAM-SE ESTREIA A 24 DE ABRIL.



Ou será a A40?

Empire: Como é que sabe tanto sobre autoestradas britânicas?

Cocas: Quando se é um sapo, temos de conhecer as estradas – ou acabaremos por fazer parte delas.

Empire: Não o conduzem, e a Piggy, desde o hotel?

Cocas: Não sei se é possível coabitar com sucesso com uma porca, pelo que fico num lago.

Empire: Isso é um pouco sovina, tendo em conta o que recebe pela sequência...

Cocas: Querem dizer que as pessoas estão a ser pagas para fazerem isto?

E por aí adiante. Cocas não tem um

complicado arco de personagem.

O Cocas é o Cocas, e tem sido há quase 60 anos. Não parece que é magia dos Marretas; parece realidade dos Marretas. Quando Steve Whitmire reaparece, a ilusão esfuma-se.

O nosso próximo encontro é muito diferente. "Têm estado bastante esquivos hoje", diz Piggy. "Quem têm estado a entrevistar?"

Cedo percebemos as regras. 1) Lisonjear. 2) Lisonjear ainda mais. 3) Nunca, mas nunca, discordar. Conhecer Piggy num estado de completa diva é hilariante e um pouco assustador.

Quando lhe perguntamos se faz as suas

• **Ty Burrell e Sam a Águia** partilham aventuras.

PARNASSUS: O HOMEM QUE

OS LADRÕES
DO TEMPO
12 MACACOS

BRAZIL:
O OUTRO
LADO DO

SONHO

SUPRIMINDO
NEMENHES



QUERIA ENCONTRAR O DIABO

AS FANTÁSTICAS
AVENTURAS DO
BARÃO

THE
ZERO
THEOREM

COM UM ORÇAMENTO GRANDE OU PEQUENO, OS FILMES DE TERRY GILLIAM ULTRAPASSAM A PRÓPRIA VIDA. O REALIZADOR E A EMPIRE FAZEM UMA VISITA AO SEU UNIVERSO.


OS LADRÕES DO TEMPO

(1981)

"Construí o barco em barro e dei-o ao departamento de arte. O que adorei no barco final é que o balançávamos e fazíamos a vida negra à tripulação! Para mim, *Os Ladrões do Tempo* foi sobre dar às pessoas mais baixas do que o Alan Ladd a oportunidade de serem estrelas de um filme... ou o Tom Cruise! [risos] Foi tão divertido. Agora estamos num mundo de CG e é mais barato fazer efeitos em computador."


BRAZIL: O OUTRO LADO DO SONHO

(1985)



"Em *Os Ladrões do Tempo*, viajamos pela História e depois saltamos para a Terra das Lendas, que me deu a oportunidade de trabalhar com ogres e outros seres. Roubei isto do [ilustrador] Brian Froud. Num dos seus grandes e lindos desenhos, havia um gigante na água com um barco na cabeça. A minha esposa [Maggie Weston] tratou da maquilhagem e demos-lhe umas orelhas grandes de Buda... Gosto da minha lente grande angular, e queria contratar alguns tipos muito altos. Mas se colocarmos ali uma grande angular, acabamos por gravar o pé de feijão e não o gigante. Por isso, contratei um lutador [Ian Muir], que era tão largo quanto alto, e bingo! Podíamos gravar. Adoro brincar com escala. Escala e justaposição são as minhas duas maiores armas."

"Tínhamos de acertar na escala da água. Isto foi antes de *Titanic* e da água CG. Este é um tanque real, em Pinewood, e a espuma era leite condensado que foi despejado na água. Depois gravamos a 96 frames por segundo - quatro vezes mais depressa. Os truques das filmagens à moda antiga!"



"Fomos nós que criámos tudo isto, à exceção de uma chucha. Há um close-up dela noutra cena. Era uma mistura de coisas feitas por nós, alguns instrumentos médicos esquisitos e brinquedos de crianças, porque a Holly, a filha do Jack [Michael Palin], brincava ali e tinha deixado lá alguns brinquedos. Ou talvez seja a derradeira tortura - usar um brinquedo que guincha e apertá-lo 'ee ee oo ee ou' até eles confessarem! [risos]"




"Estava a ver jovens atores [para o papel de Sam Lowry] porque a personagem estava na casa dos vintes. A minha diretora de casting, Margie Simkin, disse-me para ver um filme chamado *Negócio Arriscado*, e lá estava o Tom Cruise a dançar de tuecas e eu disse: 'Este miúdo é fantástico, é uma estrela!'. Não havia dúvidas. Quer dizer, uau! Disse: 'Ele vai fazê-lo', mas eles dificultaram as coisas. No final, recebi um telefonema do Tom, que estava quase a chorar. Disse-me: 'Não posso, o meu pessoal não me dá a fazê-lo.' Quem eram estas pessoas? Não perguntamos! E foi isso. Não ficou com o papel. E depois o Jonathan [Pryce], que eu conhecia, disse: 'Vá, dá-me uma oportunidade.' Disse-lhe que ele era demasiado velho, mas ele fez um teste e fiquei com ele."

"Este era um dos maiores edifícios religiosos que existiam. Foi deitado abaixo para fazerem um IKEA e outras coisas mais importantes. Era a Croydon Power Station, dentro de umas torres de refrigeração cujo interior sempre quis visitar. Foram aquelas torres que criaram as nuvens do mundo. Quando estão dentro delas, olham para cima e é vasto, e no final há um círculo perfeito de céu azul. Costumava ir para lá sozinho no final do dia porque acusticamente é incrível. Fazem o menor barulho e o eco... Via-o como um verdadeiro templo. Um grande espaço."

"Aqui, estamos dez metros acima do chão. Quando aqueles tipos fazem papel do topo - e fizeram-no a sério -, aterram nestes espigões usando máscaras parvas e carregando armas. Pessoas doidas."

"Isto era sobre as minhas experiências dentárias. O dentista e a cadeira - essas coisas sempre foram dolorosas, especialmente enquanto miúdo pois, a tentar provar a minha masculinidade, não tomava novocaína. Eles esburacavam sem anestesia. Penso que a dor persiste de alguma forma, e é desta forma que a descrevo. *Brazil* tem a ver com a forma como compreendo o mundo e reajo a ele. E está tudo ali. Parecia que o tinha expulsado do meu sistema, ou pensava que sim até ler algumas críticas ao *Zero Theorem!* [risos] Os meus filmes são políticos, com uma capa de entretenimento. Falam do sistema, da nossa relação com ele, quem somos. Alguns, como o Sam, ficam loucos. Na altura, pensei que era um final muito feliz. De todos os possíveis finais naquele mundo específico que criámos, aquele era um final feliz."



"Basicamente isto era roupa interior feminina que me intrigava na minha juventude - não para vestir mas para insuflar o melhor que conseguisse! (risos) Queria uma coisa grande, mole e deselegante que fosse feita de cuecas. Digamos que há um lado feminino nisto. Flutuou até à lua, que é o sítio correto se os deuses femininos olharem por vocês!"

"A melhor parte foi embarcar num avião [da Cinecittà em Roma para Espanha], olhar pela janela quando o avião descolava e ver os cestos - cestos com roupa! 'Vão no próximo avião, não te preocupes.' E quando chega o próximo avião, há uma greve da alfândega em Barcelona e os fatos ficam parados lá. Estamos em Cabo de Gata, na praia, onde estavam todas as coisas - não temos nenhum dos fatos principais e tudo o que temos são 400 fatos do exército turco que deviam ser usados em Belchite, numa cena que deveria ser filmada muitas semanas mais tarde no norte de Espanha. O que raio fazemos agora? Decidimos gravar a grande batalha, apesar de não a termos planeado. Na noite anterior à filmagem, tivemos de planeá-la! Foi tudo um pesadelo. Foi pior do que um pesadelo. Mas não se conseguem aperceber disso vendo o filme."

AS FANTÁSTICAS AVENTURAS DO BARÃO

(1988)

12 MACACOS (1995)

"É real. Tudo o que veem aqui. Oh não. Não veem isso... Não [Agarra a imagem e vê de perto]. O que é isto? Não, não, alguém meteu isto aqui com Photoshop.

Uma parte disto (aponta para a esquerda) está em Cabo de Gata em Espanha! Alguém fez uma montagem. Não vi este plano. Isto é muito estranho. Pensava que tivéssemos criado esta cena... Belchite é uma cidade onde decorreram várias batalhas sangrentas da guerra civil espanhola, e construímos... Penso que não construímos [a torre de cerco] em Belchite; penso que isso foi em Cabo de Gata... De qualquer modo, foi tudo... uma grande mancha! Munchausen é o maior mentiroso da História, e esta imagem é uma mentira! [risos]

"Tudo o que podia correr mal num filme, correu - ou pensava que sim até *Delírio* [em Las Vegas]! Um mês antes de começarmos a filmar, o David Puttnam tinha saído da Columbia e não havia ninguém para nos defender no estúdio. Duas semanas antes os cavalos treinados adoeceram e não puderam ser usados. Estes cavalos são bons, mas não foram treinados como Bucephalus [o cavalo do barão], que tinha de saltar de janelas altas..."



"Construímos este túnel; é um set. Mas em *12 Macacos* voltámos às centrais elétricas, desta feita em Filadélfia e Baltimore em vez de Croydon. As centrais elétricas são recordações de um tempo passado, em que precisávamos desse tipo de energia. Na minha opinião, são como catedrais à tecnologia. Estou fascinado por elas, e se gostam de amianto, este é o local certo para visitarem! [risos]"

"A SIDA alastrou-se nos anos 1960 e 1970. A pilula abriu as portas ao amor, sexo e diversão. A SIDA aparece e o medo entra na equação. Queria que este 'fato espacial' fosse um preservativo humano. Estava obcecado por isto: o medo de contacto entre corpos nus. O Bruce não teve problemas [em usá-lo] - uma vez disse-lhe: 'Sexualmente estás seguro [risos]. Ouvi dizer que és um pénis, Bruce, mas não vais apanhar nada!'"

"Originalmente, pensei no Jeff Bridges porque tínhamos acabado de fazer *O Rei Pescador* e trabalhámos muito bem juntos. Mas o estúdio disse: 'O Jeff Bridges dá azar aos filmes.' Cada vez que te cruzas com uma destas pessoas - e infelizmente elas respiram - não consegues acreditar no que elas dizem. O nome do Bruce veio à baila. Conheci-o quando fiz *O Rei Pescador* [para o papel de Jeff Bridges] e gostei dele. Gostei da cena de *Assalto ao Arranha-Céus* em que tira o vidro dos pés e fala ao telefone com a esposa enquanto chora. Disse-me que foi ideia dele. Insisti que ele não podia usar nenhum dos seus truques e ele foi fantástico. O Bruce nunca tinha feito um papel como este antes. Não tinha muitas falas e era bastante introspetivo."

PARNASSUS: O HOMEM QUE QUERIA ENGANAR O DIABO (2009)

"Há cor neste mundo, e quando leio que alguém diz que é, 'distópico', pergunto, 'O que tem de distópico? É colorido, tem luz, as pessoas fazem compras... E o mundo em que vivemos! Onde está a distopia? A menos que pensem que estamos a viver numa distopia. Se assim for, vão gostar deste filme!' Penso que o filme é quase islâmico. É sobre submissão. Ou é zen. Se forem budistas, é sobre aceitação. Será que as pessoas vão compreender? Alguns dos meus filmes chegam ao grande público, outros as pessoas consideram-nos aborrecidos. Adoro uma frase que ouvi quando estávamos a trabalhar no som. Um homem disse: 'É extraordinário, adoro' - e era genuíno, não apenas porque estava a ser pago - 'é sobre tudo e sobre nada ao mesmo tempo.' Ai têm!"

"Identifico-me com as personagens do filme. Transformo-me nelas. Eu sou Parnassus [Christopher Plummer] durante o filme. Fui Anton [Andrew Garfield] numa altura da minha vida [risos]. Nos momentos em que minto e engano para obter dinheiro, sou a personagem do Heath [Ledger]."

"Isto foi um regresso a Inglaterra, o retorno a algo do passado - fuga de LA! É, para mim, foi o regresso a fazer algo próximo de *Os Ladrões do Tempo*, o mesmo espírito de fantasia e saltar entre diferentes tipos de mundos. E teatro... Em *Os Ladrões do Tempo*, temos um grande teatro. Em *Barão*, um grande teatro. Ou um teatro não tão grande! Teatro em tempos difíceis..."

"Desenhei isto, e depois tivemos de construí-lo! É fácil desenhar, e depois começamos a construí-lo e, 'Oh raios, vai desabar!' Mas adoro a ideia de uma caixa itinerante que se abre. Estava a pensar em *A Estrada* [de Fellini], mas eles nunca abrem o seu teatro. E então apercebi-me: 'Oh, também é *O Sétimo Selo*.' Os atores itinerantes sempre me intrigaram, e também a ideia de algo vir de outro tempo para, neste caso, o mundo contemporâneo, e não ser apreciado ou ter reconhecimento. Parece apenas um simples espetáculo de feira, mas continuo a pensar que estas coisas mais antigas têm algo mais profundo, seja um conto de fadas ou outra coisa qualquer. O que me deixa louco é que penso que este é um dos melhores filmes que já fiz, mas continuo a ler que não fiz um bom filme desde *Brazil*. Mas o que raio estão eles a dizer?! Não sei. E cada vez mais difícil julgar o que eu faço. Fico contente se puder fazer mais um ou dois filmes antes de morrer."

THE ZERO THEOREM

(2014)

"A maior parte do filme decorre num único set, pelo que pensei, 'Vamos criar um set muito bom!' Adoro-o. O Dave [Warren, o designer de produção] e eu estávamos sempre a adicionar coisas. É protestante, católico e ortodoxo ao mesmo tempo. [Este filme] não me permitiu usar a escala e a justaposição que uso para me esconder quando tenho dúvidas (risos); upa, salto para outro lugar e deixo-os a pensar que está tudo bem!"

"Auschwitz cruza-se com *Brazil*! Nem pensei nisso até estarmos a filmar, mas de repente notei: é *O Rapaz do Pijama às Riscas!* Qohen [Christoph Waltz] é um prisioneiro, mas o interessante é que é uma prisão autoimposta. Ele escolhe esta prisão. Enchemos o cenário de simbolismo. Aquela [foto] foi algo em que não pensei até ter acontecido. *The Zero Theorem* foi, de certa forma, uma experiência para ver se conseguia fazer algo depressa que não era meu, sem estar anos a desenvolvê-lo e a conseguir trabalhar a um ritmo elevado. E dar liberdade ao Christoph, porque é o filme dele."

"Se tenho medo de tecnologia? Não receio a tecnologia em si. É o que *fazem* com ela. Adoro a Internet porque posso navegar e encontrar informação muito depressa. Mas a maior parte está lá por uma razão - já não estamos no tempo do Andy Warhol com os 15 minutos de fama, estamos no tempo dos 15 megabytes de fama. Estava na [sala de espetáculos] Roundhouse e um tipo estava a tirar fotos dele e a enviá-las pelo Twitter. Portanto, este grande espetáculo que está a acontecer é secundário para ele. E eu penso: 'O que raio estás a fazer?' Compreendo a necessidade das pessoas de serem alguém, mas é quase às custas de viverem no presente. De certa forma, isso é o que o Qohen é. Está tão preocupado com o sentido da sua vida que não vive nada. Até a vida o apanhar."

THE ZERO THEOREM AINDA NÃO TEM DATA DE ESTREIA ANUNCIADA.

A man in a muddy arena, shouting and holding a wooden staff, with another person's arm visible in the foreground. The scene is filled with mud and action, suggesting a gladiatorial or combat setting.

LUTANNA



LAWMA
DEPOIS DO INTENSO E ESPETACULAR FILME DE AÇÃO
INDONÉSIO THE RAID, O REALIZADOR GARETH EVÂNS
PODIA TER IDO PARA HOLLYWOOD. EM VEZ DISSO,
CONTINUOU EM JACARTA, ONDE A **EMPIRE** O ENCONTROU
NO MEIO DA VIOLÊNCIA DE **THE RAID 2: BERANDAL**



A

estrela de ação Iko Uwais está no chão, agarrado à barriga, com a cara distorcida pela dor. Podemos dizer que não estávamos à espera disto.

Se viu *The Raid*, o violento filme de ação de Gareth Evans, sabe uma coisa: Uwais sabe tomar conta de si com as mãos e com os pés. Sendo assim, porque está no chão? Quem o conseguiu derrubar?

O seu realizador.

Está uma húmida e enevoada manhã em Jacarta e a *Empire* cruzou os oceanos para estar no set de *The Raid 2: Berandal*, a sequência para o filme de combate de Evans.

Estamos com um jet lag monumental, mas não é nada comparado com Evans. Este é o centésimo dia de rodagem, com mais 30 marcados, e o realizador galês está exausto. Ontem foi, supostamente, um dia de folga, e apesar de ter passado algum tempo com a sua esposa, Maya, e a sua filha mais nova num dos cinemas de Jacarta ao estilo de Mega-City One (para ver *Monstros A Universidade*), esteve também várias horas em reuniões de produção. Entra no set com os olhos vermelhos e o cabelo comprido afastado da cara. Parece-se com a forma como nos sentimos. “Estou lixado!”, anuncia.

Não há tempo para fadiga. Isso virá depois. Hoje é filmada a principal cena de luta: um combate entre Rama (Uwais), o herói de *The Raid*, e um polícia infiltrado que combate gangsters indonésios e japoneses, e um assassino mortal conhecido como... The Assassin. Evans decidiu que a luta teria lugar na cozinha de um restaurante (“Há uma cena em que o Iko bate com a cabeça numa superfície que eu queria que fosse de metal. Então disse, ‘Ok, na cozinha!’”) e anda pelo set com o seu diretor de fotografia, Matt Flannery, e com o coreógrafo de lutas, Yayan Ruhian (mais conhecido como Mad Dog do primeiro *Raid*), vendo as opções à sua disposição, decidindo quais as melhores bancadas e armários com os quais os lutadores devem chocar.

Enquanto o fazem, membros da equipa andam por todo o lado, terminando a construção do set. Um deles tem uma câmbria quando está a fixar luzes, mas continua o seu trabalho enquanto alguém lhe massaja o pé. É apenas uma das muitas diferenças entre um set indonésio e qualquer outro set no qual a *Empire* tenha estado. Quando entramos no estúdio, somos cumprimentados por duas coisas: música dos Linkin Park que é despejada por altifalantes e nevoeiro

BRIEFING

THE RAID 2: BERANDAL

ESTREIA: Não disponível

REALIZAÇÃO: Gareth Evans

NÃO DEVE SER CONFUNDIDO COM: Gareth Edwards. (“Nunca o conheci”, diz Evans. “Muitas pessoas dizem-me que estão ansiosas para ver *Godzilla*... Sinto-me como o tipo que vai para uma casa de estudantes e está sempre a receber as cartas dos outros.”)

ELENCO: Iko Uwais, Julie Estelle, Cecep Arif Rahman, Very Tri Yulisman, Yayan Ruhian

HISTÓRIA: Tendo aberto o caminho à pancada para sair de um arranha-céus em *The Raid*, o polícia de Jacarta Rama (Uwais) tem a sua família ameaçada e infiltra-se no submundo do crime para eliminar de vez as forças que o controlam.

criado por fumo de cigarro. Praticamente todos os membros da equipa são chaminés. As coisas são mais relaxadas por aqui.

Então, através das portas no final, entra Uwais, com as vestes de Rama: camisola preta e calças de ganga rasgadas. Estes rasgões não são de moda; foram feitos numa luta anterior, tal como os cortes na sua face. É óbvio que Rama já sofreu duras provas – as mãos de Uwais estão cobertas de sangue seco.

Não que isso preocupe Evans, que sorri quando vê o seu amigo. Faz uma vénia e aperta-lhe a mão... e então, sem aviso, dá-lhe um soco nos testículos. Uwais faz uma excelente imitação de saco de batatas e vai ao chão. Evans e Flannery riem alto. Passados alguns segundos, Uwais junta-se a eles, e depois passa o resto do dia a tentar vingar-se, sem sucesso, do homem a quem chama “Crazy Bule” (“Crazy White Guy”). Há uma relação invulgar, quase fraternal, entre Evans e o seu protegido. É difícil imaginar outra dupla de realizador e estrela a comportar-se desta maneira. É pouco provável que Scorsese tenha dado um soco nos testículos de De Niro antes do discurso “estás a falar comigo?”.

“Pensam que ele nunca bateu no Joe Pesci?” ri Evans. “O Iko gosta que façamos



• Rama (Iko Uwais) e The Assassin (Cecep Arif Rahman) preparam-se para o combate.

isto. Incentivou-nos a isto desde o início. Foi o primeiro a fazê-lo, e depois de abrirem as portas a isto, nunca mais para. Este tipo de rodagem tem um ambiente de tal forma repleto de testosterona, com homens a lutarem contra outros homens, que é bom aliviar as coisas e apercebermo-nos que, na verdade, somos todos miúdos.”

THE RAID NÃO abriu apenas as portas para Evans – deitou-as abaixo com estrondo. Implacável, visceral, intenso, recebeu elogios da crítica e foi um sucesso de bilheteira (só no Reino Unido gerou mais de um milhão de libras, um número impressionante para um filme indonésio). Evans era, de repente, o realizador de ação na ribalta, com a sua habilidade para criar sequências de ação complexas e claustrofóbicas, apresentadas de uma forma que era fácil de seguir, a ser bastante requisitada. Foi cortejado por Hollywood e ofereceram-lhe diversos guiões de ação. No entanto, ficou na sua pátria adotiva para fazer *The Raid 2*.

“Não quero parecer pretensioso, mas estou a tentar encontrar a minha voz enquanto realizador”, explica Evans. “Foi importante para mim não aceitar já



• O realizador Gareth Evans com o diretor de fotografia Matt Flannery.

“ESTE FILME É SOBRE TOMAR DECISÕES ERRADAS.”

GARETH EVANS

estes projetos dos grandes estúdios quando ainda não provei a mim mesmo aquilo que sou capaz de fazer. Deram-me guiões que me despertavam a atenção, e talvez as primeiras 30 ou 40 páginas fossem excelentes, mas continuava a ler e via que o filme era o início de uma série. Existia sempre uma fala sobre isso e sabia que iam insistir nisso, e que tinha de gravar essa fala. Sou a pessoa errada para esse trabalho. Recusava o guião mesmo que fosse apenas uma fala.”

Evans também está a criar uma série com *The Raid 2*, mas aqui tem controlo criativo total. E este filme significa mais para ele do que qualquer série genérica de filmes. De certa forma, foi onde tudo começou para Evans. Quando se mudou para a Indonésia, fê-lo por algumas razões: para estar com a sua namorada (que agora é a sua esposa e produtora Maya) e para fazer um documentário sobre a relativamente obscura arte marcial *silat*. Aí, descobriu Uwais, um tímido

vendedor de telemóveis que se movia mais depressa que o 4G.

A musa acordou, Evans escreveu e realizou um filme de artes marciais ao estilo de Jackie Chan chamado *Merantau*, que mostrava as habilidades de combate de Uwais. Mas o projeto seguinte era mais ambicioso: um drama negro de crime inspirado nos filmes japoneses sobre a Yakuza que, a certa altura, Evans criticava para um site de cinema. Iria chamar-se *Berandal* (“bandido” em indonésio) e acompanharia essa personagem ao submundo de Jacarta. Evans terminou o guião e, com Ruhian e Uwais, coreografou as cenas principais.

E aí, o financiamento falhou. Frustrado, Evans fez algo mais pequeno e exequível. Esse filme foi um thriller tenso sobre um grupo de polícias emboscados por um exército de criminosos num arranha-céus. “A experiência em *The Raid* ajudou-me a definir-me como realizador. Passaram dois anos desde *Merantau*, pelo que ia lançar tudo ao ar e ver o que funcionava.”

Enquanto criava *The Raid*, Evans teve uma epifania. *Berandal* ia ter como protagonista Uwais, portanto, porque não recalibrar o filme para se tornar uma sequência direta de *The Raid*? “Reescrever o filme foi um processo muito longo. Cada vez que mudava algo pequeno, para acrescentar uma nova personagem ou cena, tinha de verificar 90 páginas para me certificar que não havia nada contraditório. O processo de escrita foi como jogar Jenga.”

Com a escrita terminada, Evans tinha >

LONGE DAS CÂMARAS

CECEP ARIF RAHMAN É PROFESSOR DE INGLÊS DE DIA E "THE ASSASSIN" À NOITE. MAIS UMA ESTRELA DE CINEMA QUE FAZ BISCATES...



HARRISON FORD: CARPINTEIRO

→ Ford apareceu em pequenos papéis no cinema e na TV durante anos, mas pagava as contas como carpinteiro quando teve a sua grande oportunidade. Construir armários para George Lucas e um escritório para Francis Ford Coppola acabou por ser um eficaz, se bem que invulgar, caminho para o estrelato.



NIKKI BLONSKY: VENDEDORA DE GELADO

→ A estrela de *Hairspray* (2007) vendia gelados na Cold Stone Creamery quando soube que tinha ficado com o papel de Tracy Turnblad no musical de Adam Shankman. Seguiram-se outros papéis, mas voltou ao mundo real, trabalhando como esteticista e cabeleireira.



KEN JEONG: MÉDICO

→ Jeong doutorou-se em medicina em 1995 e continua a ter a licença de médico na Califórnia. A comédia stand-up e alguns papéis ocasionais estavam em segundo lugar até Judd Apatow e *Um Azar do Caraças* lhe terem permitido dar o salto a tempo inteiro para o cinema. Seguiram-se *A Ressaca* e *Community*.



GABOUREY SIDIBE: RECECIONISTA

→ Sidibe estudava psicologia e trabalhava como rececionista para a organização de caridade nova-iorquina The Fresh Air Fund, quando participou na audição para *Precious*, de Lee Daniels. Depois desse filme, teve um papel regular na série *O Grande C* e entrou em filmes como *Alta Golpada* e *Sete Psicopatas*.



BARKHAD ABDI: CHAUFFEUR

→ O chefe dos piratas de *Capitão Phillips* Muse cresceu na Somália e no Irã quando ele tinha 14 anos. Abdi não tinha ambições de ser ator e durante um ano foi motorista na empresa de um familiar até surgir um casting para o filme de *Greengrass*. **OW**



• The Assassin e Rama lutam na cozinha.

criado um cenário onde Rama, forçado a trabalhar na clandestinidade para manter a sua família segura, é apanhado numa guerra entre gangs indonésios e japoneses, com o ambicioso Uco (Arifin Putra) a puxar os cordelinhos enquanto Rama se afunda cada vez mais na teia criminosa. "O filme é sobre as pessoas tomarem decisões erradas e cometerem erros", diz Evans. "Rama sofre muito neste filme."

Evans queria criar um filme que tivesse algumas personagens do filme anterior (a maioria não aparece muito tempo já que o protagonismo é dado às novas personagens) mas que, de resto, fosse completamente diferente. Aqui existe pouco raide e muito banditismo. Se *The Raid* era definido visualmente por corredores compactos, *Berandal* é ambicioso e espaçoso. O filme tenta também que Uwais torne Rama uma personagem mais dramática. "Penso que várias cenas são muito mais desafiantes do que as cenas do primeiro filme", diz Uwais. "É quase como se fosse outro Rama, outra personalidade, e ele tem de lutar consigo mesmo."

NÃO SIGNIFICA ISTO

que *Berandal* esteja repleto de monólogos dramáticos. Evans está perfeitamente consciente que a sequela precisa de ultrapassar o primeiro filme em termos de ação, pelo que Rama, reprimido durante tanto tempo, vai lançar a sua fúria numa miríade de inimigos em tiroteios, lutas corpo a corpo e perseguições automóveis.

E tudo desemboca aqui. O plano de Evans para o confronto entre Rama e *The Assassin* é simples: vai ter seis minutos e meio (no final, fica com pouco mais de sete minutos). Vai ter 191 planos. Vai demorar dez dias. E não vai, ao contrário da batalha final de *The Raid* entre Rama, Andi e Mad Dog, ter cortes intermédios. Quando começar, não volta atrás. No final da cena, o chão branco do set da cozinha estará manchado de sangue, o vidro que separa a cozinha da garrafeira será destruído



• Hammer Girl (Julie Estelle) prova que dá conta do recado.

e um dos adversários não sairá vivo. Vai ser esgotante.

Com o início da contagem decrescente para o primeiro muro, o primeiro assistente de realização guiou os presentes, incluindo uma perplexa *Empire*, numa prece por boa sorte. Depois, saímos do set e sentamo-nos ao lado de Evans. À sua frente tem um portátil que usa para editar as imagens, fazendo a correspondência cuidadosa com as imagens de teste (de Ruhian e Uwais numa luta nos escritórios da produção da Merantau Films, de Evans) que foram coreografadas e filmadas há três anos. Depois de cada *take*, compara as imagens com as do seu sistema. Quando está contente, grita, 'Próxima!', e a equipa ri e aplaude. "Tivemos momentos em que gravámos 51 ou 52 *takes*", diz Evans. "Eles sabem que continuo até ficar bem."

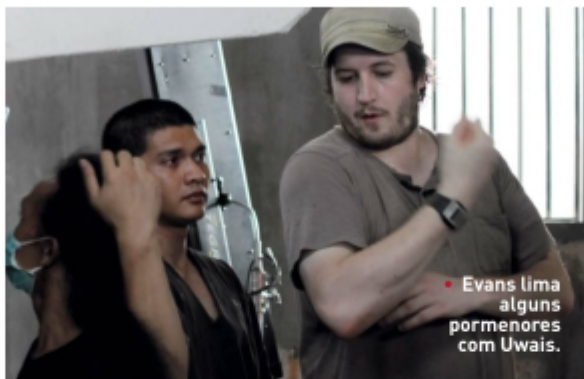
Mas agora, isso ainda está para acontecer. A primeira cena, na qual Rama e *The Assassin* se observam, vai ser gravada. Uwais entra no quarto por um lado. O seu adversário, Cecep Arif Rahman (um professor de inglês), entra pela outra porta. O pessoal da cozinha foge rapidamente. Evans corta: "O tipo dos pimentos não está a olhar para o Iko!"

Um novo *take*. Problema técnico.



Outro novo *take*. Os dois olham um para o outro – um olhar com significado, cheio de significado subjacente – e então começam a lutar. “Corta!”, grita Evans. “Não pensava que fossem começar a lutar.” No sétimo *take* conseguem, com Rama a lançar-se a Uwais e, a partir daqui, a cena flui para uma grande luta, com cada um (ambos da mesma escola de *silat* que devia ter sido alvo do documentário de Evans) a esquivar-se com mestria dos socos e pontapés do outro. Evans, sempre meticoloso, filma a ação em planos muito curtos – o mais longo tem dez segundos – e escrutina o filme, apontando pormenores a que nós, os leigos, não prestamos atenção. Um pouco menos de intensidade? Reset. Um pequeno desvio da coreografia definida? Reset. “De novo”, diz a certa altura. “Mais poder no pontapé à perna. É demasiado brando.” Reset.

Enquanto a luta continua, e Rama e The Assassin se pontapeiam, Evans dá mais intensidade à cena. Antes de cada *take*, Uwais e Rahman colocam um ar ameaçador à espera do início da filmagem, mas assim que Evans grita “Corta!”, surge de imediato um sorriso e o ocasional *high five*. Rahman em particular está radiante, quase como se não acreditasse na sua sorte... Mesmo quando falha Uwais



• Evans lima alguns pormenores com Uwais.

“ESTE FILME FOI MUITO MAIS DESAFIANTE DO QUE THE RAID.” IKO UWAIS

num *take* e bate com força numa mesa com o seu pé.

Com os socos nas partes íntimas de Uwais suspensos temporariamente, Evans fá-lo em sentido figurado. Na 14ª cena, a equipa aplaude depois do primeiro *take*. “Esperem até eu o ver”, anuncia Evans. “O Iko pode tê-lo estragado!” Uwais aproxima-se dos monitores e as imagens revelam um pequeno erro. Depois de uma breve conversa com Ruhian sobre como evitar o erro, volta ao cenário. E é filmado o segundo *take*. E o terceiro. E o quarto. E então... o ator recebe acidentalmente um golpe nos testículos e vai ao chão num segundo. Evans está encantado. “Passem essa cena!”, diz rindo ruidosamente. “De imediato!”

Mais tarde, ao almoço, enquanto um pequeno grupo de membros da equipa forma uma banda improvisada e começa a cantar uma versão de *Zombie*, dos Cranberries, *Empire* encurrala Uwais. Como é que ele tolera ser pontapeado e esmurrado nos testículos quando podia dar cabo de todos à nossa volta apenas com um soco? O ator ri e responde “Depois do filme!” Muito inteligente. **CH**

THE RAID 2: BERANDAL AINDA NÃO TEM ESTREIA NACIONAL AGENDADA.

≡ *a* **EMPIRE** *entrevista* ≡

KEVIN

SPACEY

DO JOHN DOE DE *SEVEN: 7 PECADOS MORTAIS* E RICARDO III DE SHAKESPEARE A FRANK UNDERWOOD DE *HOUSE OF CARDS*, KEVIN SPACEY É UM MESTRE A EXPLORAR OS RECANTOS MAIS NEGROS DA ALMA. MAS O ATOR INSISTE: “NÃO VOU INTERPRETAR O VILÃO EM TODOS OS FILMES QUE ME OFERECEREM”



Como Frank Underwood em *House of Cards*, Kevin Spacey manipula, aterroriza

e coage toda a gente no seu caminho, demonstrando a compaixão de um tubarão tigre. Como a *Empire* passou a noite antes da entrevista numa maratona da primeira temporada, é natural que nos sintamos um pouco intimidados quando Spacey entra na sala.

Como Underwood, desloca-se rapidamente e pondera as opções na suite do hotel londrino – mesa de reuniões ou sofá? – antes de tomar uma decisão (mesa). Como Underwood, tem um MacBook prateado. Ao contrário de Underwood, segura o seu laptop com dificuldade com uma só mão (tem um café gelado na outra mão). O MacBook não tem segredos de Estado mas sim o novo trailer do seu documentário, *Now*, que Spacey nos quer mostrar. “Não estou a pesquisar-me no Google”, assegura-nos enquanto escreve. “Onde é que coloquei o raio do trailer?”

Spacey tornou-se conhecido em Hollywood por interpretar homens ambiciosos, seja um executivo monstruoso da indústria cinematográfica, um assassino em série meticuloso ou um detetive de uma brigada antidroga, as suas personagens têm um instinto feroz. O mesmo pode ser dito sobre a estrela: é quase único por nunca ter feito uma sequência de um dos seus filmes (apesar de ter um cameo em *Chefes Intragáveis 2*). Em 2003 afastou-se de uma vida fácil de *blockbusters* para se tornar o diretor artístico do Old Vic, em Londres. Agora, está ansioso por regressar aos filmes a tempo inteiro.

O ator é intenso, batendo com os punhos na mesa e mantendo contacto visual ao fazer valer o seu ponto de vista. Mas na maior parte do tempo, quando imita sem esforço os seus colegas e se desmancha a rir a meio da brincadeira, é o mais oposto a Underwood quanto possível.

Empire: O seu perfil no Twitter diz: “Antigo vendedor de sapatos, agora a ter sucesso no cinema e no teatro”...

Spacey: Eu era vendedor. Vendi sapatos na loja da Gallenkamp em dois verões quando estava no secundário. Era um trabalho *terrível*. Na altura fazia *stand-up*, e a única forma de aguentar o trabalho era a fazer imitações todo o dia. Vendia sapatos como o Jimmy Stewart ou Johnny Carson. As pessoas percebiam o que eu estava a fazer ou não faziam ideia e pensavam que eu era completamente excêntrico. Tive um trabalho numa loja de calças de ganga e durante uns tempos vendia ON Subscription Television, um dos primeiros serviços por cabo na Califórnia.

Empire: Era porta a porta?

Spacey: Porta a porta em Orange County. Batíamos à porta, e como a nossa frase de apresentação – porque era a ON Subscription Television – devia ser, “Olá, já mudou para a On [N.R.: em inglês, “turned on”, que significa ficar excitado]”? Fechavam-me a porta na cara! Por isso, sim, tive muitos trabalhos estranhos.

Empire: Teve *Chefes Intragáveis*?

Spacey: Tive alguns, mas não tão maus quanto os do filme. Eram idiotas. Como não eram bons no que faziam, faziam a vida negra aos subalternos.

Empire: Fez-lhes frente?



Spacey: O meu problema é que faço frente a toda a gente. Por vezes é bom e por vezes meto-me em sarilhos.

Empire: Como era a rotina de comédia do Kevin Spacey?

Spacey: Com muitas imitações. Adoro imitações. Descobri o que significavam para mim quando me apercebi que conseguia fazer rir a minha mãe. Foi uma das melhores coisas que ouvi. Depois descobri que tinha talento. Comecei a estudar. Até hoje, adoro tentar descobrir como imitar alguém com quem estou a trabalhar ou alguém que admiro.

Empire: Quem é o último no seu repertório?

Spacey: Morgan Freeman. Porque o Morgan Freeman... percebe a arte da... pausa. E ele consegue... fazer com que quase tudo... soe a poesia (risos).

Empire: Isso é perturbador.

Spacey: Tem estado a ser trabalhado há algum tempo.

Empire: Quem faz o melhor Kevin Spacey?

Spacey: Vi um tipo muito engraçado no YouTube, um imitador que faz vários atores. Ele faz o Harrison Ford e o Brad Pitt. Quando me imita, é muito irónico. É estranho pois penso que não tenho nada distintivo, mas deve haver algo. As pessoas ficam sempre surpreendidas quando imito o William Hurt.

Empire: Qual é a essência do William Hurt?

Spacey: (Rouco) A essência de William Hurt é que tudo é *difícil e doloroso* de dizer. Já é difícil respirar, quanto mais falar... (De regresso à sua voz normal) Sempre pensei que ele teria sido uma boa escolha para *O Homem das Estrelas*. O Jeff Bridges era bom, mas pergunto-me se o William Hurt teria sido... *melhor*.

Empire: O seu Pacino é lendário.

Spacey: O Pacino é divertido. Surpreendi-o recentemente no David Letterman. Telefonaram-me no ano passado e disseram,

NOTAS

1 Ross Marquand, provavelmente, cuja imitação de John Malkovich é muito boa. Procure por “Impress-A-Vention!”.

2 Referido de modo mais formal por Henry Stafford, Segundo Duque de Buckingham. Apoiou a subida de Ricardo ao trono.

3 Spacey interpretou Mel Profit, um traficante de armas viciado em heroína e com uma fixação pela irmã.



• Esquerda: Com Robin Wright em *House of Cards*. Cima: Com Mena Suvari em *Beleza Americana*; Com Richard Pryor e Joan Severance em *Cegos*, *Surdos e Loucos*; Com Jason Bateman e Charlie Day em *Chefes Intragáveis*. Baixo: No documentário *Now*.



“O Dave está a gravar dois episódios num dia. O Pacino está presente e vai falar sobre atores que fazem imitações dele. Podes vir e ser a surpresa?” E então, o Letterman diz: “As pessoas fazem imitações de ti. O Kevin Spacey faz uma muito boa.” O Al diz: “Não, penso que ele não é bom. As pessoas parecem gostar, mas é má.” E então apareci no palco, sentei-me ao lado do Al e imitei-o. O que fiz foi o que ele fez nas entrevistas: parecer um professor com a cabeça na lua. O Al adorou. Ri-me imenso.

Empire: Os dois têm algo em comum: uma obsessão por Ricardo III, de Shakespeare.

Spacey: Sim, fui o seu pequeno Buckingham! E depois fui promovido e fiz de Ricardo. Estava muito grato ao Al, não apenas por me ter pedido para entrar no seu filme, *A Procura de Ricardo III*, mas também por ter ido a Londres há dois anos ver-me a fazer de Ricardo numa peça. Temos isso em comum. É estranho: o seu documentário era sobre uma peça que ele nunca fez. E depois eu fiz a peça e tenho agora o meu documentário.

Empire: É sobre o quê?

Spacey: Quando o Sam Mendes e eu começámos o *The Bridge Project*, com o objetivo de juntar britânicos e americanos em trabalhos clássicos. Uma das razões é que só há 40 anos é que temos companhias que viajam por todo o mundo. Olivier levou *Ricardo III* à Austrália e muitos outros países em 1948, mas a noção de andar em tournée, em vez de levar a peça à Broadway ou a Pequim durante duas noites, desapareceu. A ideia de levar esta grande peça a 12 cidades em todo o mundo era sedutora. Fizemos um filme que chamei *Now* porque é a primeira palavra da peça – “Agora é o inverno do nosso descontentamento” – e porque o teatro é isso. É agora [N.R.: now, em inglês]. Isto não é um filme caseiro, é uma perspectiva íntima de como funciona aquela família. Eu trato da distribuição e vai estar disponível em exclusivo no meu site esta primavera.

Empire: O esqueleto de Ricardo foi encontrado no ano passado num parque de estacionamento em Leicester. Onde pensa que devia ser enterrado?

Spacey: Vi esse documentário. Foi muito interessante eles terem encontrado o Ricardo que [os membros da Sociedade Ricardo III] não queriam que fosse encontrado – o homem deformado. Há muitas questões: uns pensam que devia ser mantido onde foi encontrado, outros que devia ser noutra parte. Penso que não vão fazer um funeral real, mas é interessante. Depois de 200 atuações, é uma surpresa não terem encontrado os meus ossos no raio de um parque de estacionamento.

Empire: *House of Cards* também deve ser esgotante...

Spacey: Para a segunda temporada, penso que gravei 115 dias. Nunca fiz um filme com uma rodagem com mais de 40 dias pois não faço esse tipo de filmes. E antes, a única experiência em televisão que tive foi numa coisa chamada *Wiseguy*, em que só entrei em sete episódios. Mas cheguei à *Temporada 2* com um maior conhecimento da energia que é necessária. Levo aquele papel muito a sério, e não quero que a equipa me veja a dormir numa cadeira. Gostei mais de fazer a segunda temporada mas diverti-me muito na primeira.

Empire: Vai muito ao ginásio quando está a filmar?

Spacey: Jogo muito ténis. Tenho um grande treinador e nos últimos tempos tem sido uma obsessão. Sempre joguei, mas nos últimos dois ou três anos tenho seguido o Andy Murray à volta do mundo como um groupie. Este ano vou estar em Indian Wells e Sony. Não pude ir a Melbourne pois era demasiado longe.

Empire: Fez algum turismo durante a tournée?

Spacey: Tivemos, sem dúvida, muitas aventuras fora dos palcos. Subir a ponte de Sydney foi incrível. Conduzir jipes nas dunas de Doha. Andar de barco em Nápoles. Sinto-me muito afortunado porque muitas vezes é o trabalho que me leva a esses lugares fantásticos. E nos últimos seis anos, consegui tirar mais tempo para mim. Vou fazê-lo mais vezes com o passar dos anos.

Empire: Há algum sítio para onde escapa quando está cansado?

Spacey: Há vários sítios. Adoro ir à Cidade do Cabo. Gosto >

muito do Brasil. E adoro desaparecer em Paris.

Empire: Já foi ao carnaval do Rio?

Spacey: Fui, um ano. Foi um espetáculo completamente doido. Jesus Cristo. Acredito que éramos molestados apenas por andarmos na rua. Foi de loucos: uma rua cheia de malucos, bêbados e pessoas lindas a divertirem-se ao máximo.

Empire: Carnificina total?

Spacey: Carnificina total. Mas é épico. Gostei muito.

Empire: Vamos levá-lo de volta ao seu primeiro filme.

Fez de Ladrão do Metro em *A Dificil Arte de Amar* (1986), um papel que exigiu que piscasse o olho a Meryl Streep...

Spacey: Sim, foi uma cena que tive de gravar no metro em Nova Iorque. Foi no meu 26º aniversário. E estava tão nervoso que não conseguia piscar o olho. Estava sempre a fazê-lo mal.

Empire: É um problema se a única função é piscar o olho.

Spacey: É um grande problema se estão a ser pagos para piscar o olho à Meryl Streep. O realizador, Mike Nichols, foi muito paciente comigo. Deu-me uma grande oportunidade quando me tornei um substituto de ator em *Os Vícios da Cidade*, uma peça que ele encenou e no qual, mais tarde, tive um papel na adaptação para filme. Mas sim, estava muito nervoso. E no final do dia, estava a andar pela rua quando alguém me agarrou o braço esquerdo, alguém me agarrou o outro braço, e era a Meryl Streep e o Mike Nichols. Levaram-me para um jantar de aniversário no restaurante Joe Allen.

Empire: E o piscar de olho funcionou?

Spacey: Está tudo bem com o piscar de olho.

Empire: De seguida fez-se a outra famosa atriz em *Uma Mulher de Sucesso...*

Spacey: Oh, Jesus.

Empire: Como é que acabou a apalpar Melanie Griffith como o corretor viciado em cocaína Bob Speck?

Spacey: Têm de compreender o contexto de como isso aconteceu. Cheguei a casa às 9h45 depois de passear o meu cão em Washington Square Park e o meu telefone tocou. Era o Mike Nichols. Ele disse: "Estou nos estúdios Silvercup. Estamos quase a terminar este filme chamado *Uma Mulher de Sucesso*. Está a correr muito bem, mas tive de despedir um ator hoje de manhã. Adorava que viesses aqui e fizesses a cena porque, de contrário, não posso apanhar um avião para Paris amanhã para casar com a Diane Sawyer." Então fui, maquilharam-me à pressa, atiraram-me para um carro e lá estava a snifar coca do colo da Melanie Griffith. Pensava: "Não supunha que o meu dia fosse acabar nisto!"

Empire: Pouco depois fez de vilão em *Cegos, Surdos e Loucos*. Foi divertido?

Spacey: O Richard Pryor estava a passar por uma situação muito difícil. Não sei se ele já tinha revelado que sofria de esclerose múltipla, mas tinha um aspeto muito frágil. No entanto, fez-me rir muito e eu era um grande fã dele. Vi recentemente um extraordinário e brutal novo documentário sobre a sua vida. Não sei se o viram – é pungente. O Richard era único.

Empire: Pensamos que esse filme marca a sua primeira morte no grande ecrã: assassinado com um tiro...

Spacey: A sério? Nunca o vi, pelo que não faço ideia.

Empire: *Sucesso a Qualquer Preço* é mais um ponto alto no seu CV, mas disse que "Foi deprimente gravar um filme no qual os grandes atores da época me chamavam de medricas todos os dias durante seis ou sete semanas..."

Spacey: Oh não. Fiz uma piada sobre isso mas foi uma experiência incrível. Tive duas audições. Duas semanas depois, pediram-me para fazer uma leitura no escritório do Al [Pacino], para a qual o Jack Lemmon tinha apanhado um avião. Disse, "Por favor, não digam ao Jack que eu vou ler." Isto porque nessa altura tínhamos feito *Long Day's Journey Into Night*, fizemos um filme da NBC chamado *The Murder of Mary Phagan*, e fizemos um filme chamado *Meu Pai*. Nunca me vou esquecer: entrei no escritório do Al num sábado, o Lemmon já estava lá, sentado num canto



“O Jack Lemmon disse-me que eu nasci para ser ator.”

a fazer as palavras cruzadas do *New York Times*, olhou para mim e disse: "Jesus, consegues arranjar um trabalho sem a minha ajuda? Estou farto de te apoiar."

Empire: Ele era o seu mentor, não era?

Spacey: Era um mentor, um colaborador, um amigo e uma figura paternal. Quando tinha 13 anos, fui a um workshop dado por ele. Elogiou-me e disse-me que eu nasci para ser ator. Sugeriu-me que fosse a Nova Iorque para estudar. Não há um dia que passe que não esteja grato por tudo o que fez por mim e em que não sinta que ele me diz: "Faz o teu trabalho, miúdo!"

Empire: Quem é mais intimidante a gritar consigo: Ed Harris ou Al Pacino?

Spacey: O Pacino. Foi isto que ele me fez. Sabem aquela cena onde lhe estrago o negócio e ele me prega um sermão? Não sabia que o Al tinha dito ao departamento de som: "Não gravem." E, de repente, no meio da cena, começa a dizer-me: "Pensas que não sabemos como é que ficaste com este trabalho, Kevin? Porque eu sei como é que conseguiste este filme." Começou a falar sobre mim e a fazer acusações horribes. Quando terminámos a cena, disse-lhe: "Não sei o que raio foi aquilo." O Al respondeu: "Oh, foste tão bom. Foi uma reação tão boa. Olha, se me viesses amanhã na 57ª Rua e me gritasses do outro passeio, 'Ei, Al, ouvi falar sobre o que fizeste ontem à noite!', eu dava um salto. Porque somos todos culpados de algo." Penso que foi



NOTAS

1 **Richard Pryor: Omit the Logic**, realizado por Marina Zenovich.

2 **David Fincher** considerou que a interpretação de R. Lee Ermey era demasiado "seca".

3 **Spacey** produziu outros filmes com a sua Trigger Street Productions como **Loucos e Fãs**, a comédia de **Star Wars**, e **Safe - O Intocável**, com Jason Statham.

extraordinário ele ter feito isso para que eu pudesse ter a reação apropriada. E esse é o *take* no filme, literalmente. Pareço um acidente de carro.

Empire: Já se vingou dele por causa disso?

Spacey: Continuo a vingar-me.

Empire: Os dois papéis que mudaram a sua vida surgiram em 1995: John Doe e Keyser Soze. Sabia nessa altura o que tinha em mãos?

Spacey: Não. É muito engraçado. Filmei primeiro *Os Suspeitos do Costume*. Fiz *A Comédia dos Infiéis*, *Os Suspeitos do Costume*, *Fora de Controlo* e depois *Seven: 7 Pecados Mortais*. Não sabia se alguém ia perceber *Os Suspeitos do Costume*, porque tive de ler algumas vezes o guião até se fazer luz. No final decidi que queria interpretar o Verbal, porque o Bryan me disse: "Escolhe o papel que quiseres." Eles tinham escrito o Verbal para mim, mas eu não sabia. Não fazia ideia se o filme ia funcionar ou não. Era incrivelmente complicado, mas a rodagem foi fantástica e passámos uns tempos espetaculares. Depois fiz *Fora de Controlo* e voltei para Nova Iorque. Tinha feito uma audição para *Seven*, mas não tinha ficado com o papel. E a 31 de dezembro, recebi um telefonema de Howard Kopelson, o produtor. Ele disse: "Olá, Kevin, como estás? As coisas com o outro ator não funcionaram 1, pelo que queremos que voes até cá no domingo, vás à maquilhagem na segunda e começas a gravar na terça."

Li o argumento de novo e lembro-me de dizer ao meu agente: "Penso que gostava de fazer isto, mas há um problema. Se algum dos filmes que fiz agora tiver sucesso, vou ter um peso no cinema que não tenho agora. E se anunciarem que vou entrar neste filme, as pessoas começam a unir os pontos e adivinham que eu sou o John Doe." Disse que não queria o meu nome nos cartazes, não podiam usar a minha fotografia e não podiam publicitar o meu nome de nenhuma forma. Foi uma luta difícil que durou 48 horas. E no final levei a melhor porque eles estavam entre a espada e a parede, já que queriam começar a gravar na terça.

Empire: Funcionou. Lembramo-nos de ver o filme pela primeira vez e de ficarmos chocados quando entrou na esquadra...

Spacey: Quando o vi pela primeira vez, também fiquei chocado! Pensei, "Este filme vai afundar-se. É tão negro, e como é que podem fazer um filme no qual o Morgan Freeman e o Brad Pitt perdem?" Mas acabou por ser um êxito gigantesco. (Risos) Por isso, afinal o que é que sei que vai funcionar, certo?

Empire: Recebeu o seu primeiro Oscar por *Os Suspeitos do Costume*. O segundo chegou em 2000 por *Beleza Americana*. Ambiciona conseguir fazer o *hat-trick*?

Spacey: Isso não é algo em que pense.

Empire: Esses prémios estão expostos?

Spacey: Ocasionalmente estão, sim. Por vezes olho para o outro lado da sala e penso: "Oh... lá estão eles."

Empire: Alguma vez o sucesso lhe subiu à cabeça?

Spacey: Claro. Passei por aquilo a que chamo o meu período de mau comportamento. E isso tem um custo. No final, concluí que esse custo não valia a pena. Então tomei uma decisão que, apesar de na altura as pessoas olharem para mim como se eu tivesse caído de uma árvore, compensou. No ano 2000 decidi mudar-me para Londres e iniciar uma companhia de teatro no Old Vic. Senti que não devia ser um ator que faz filmes através de filmes para ter prestígio e dinheiro. É interessante: há cinco anos as pessoas começaram a parar-me na rua e a dizer: "Ei, sinto a tua falta nos filmes." Estar na situação em que estou agora, para os meus últimos 18 meses no Old Vic, é perfeito. Sei que as experiências que tive aqui me tornaram um ator melhor. Não seria capaz de interpretar Frank Underwood há dez anos. Não podia imaginar algo exigir tanto de mim como *House of Cards*. É um grande aquecimento para regressar ao grande ecrã.

Empire: Que tipo de papéis vai procurar quando regressar a Hollywood?

Spacey: Estou interessado em fazer personagens que nunca fiz. Não vou interpretar o vilão em todos os filmes que me oferecerem.

Empire: Falando nisso, tem algum conselho para Jesse Eisenberg, a quem vai entregar o testemunho de Lex Luthor para o filme *Batman vs. Superman*?

Spacey: Tive conhecimento disso há pouco tempo! Antes de mais, ele é um ator extraordinário. Ele vai dominar completamente o papel. É uma grande ideia e desejo-lhe tudo de bom para o papel. Diverti-me imenso a fazer de Lex, mas agora quero explorar um terreno diferente. Estou muito orgulhoso dos dois filmes incríveis que produzi, *A Rede Social* e agora *Capitão Phillips* 1. Estou muito orgulhoso de ter estado envolvido nesses dois projetos. Há muitas outras coisas que quero fazer.

Empire: *House of Cards* reuniu-o com pessoas como David Fincher e James Foley. Quais os realizadores com os quais nunca trabalhou que estão na sua lista?

Spacey: No ano passado escrevi uma carta ao Woody Allen e disse-lhe que estava muito interessado em fazer algo com ele. E ele respondeu-me, de modo encantador, pelo que agora estou na lista dele! Arranjei-lhe uma subscrição do Netflix, mas não se ele a usou. Seria muito bom se isso acabasse por acontecer. E sim, vou escrever ao Scorsese. Há muitos realizadores a quem tenho de enviar cartas... **NDS**

HOUSE OF CARDS: TEMPORADA 2 PASSA NO TVSÉRIES AOS SÁBADOS ÀS 22H00.

FOX MOVIES

21.15

**TOURO
ENRAIVECIDO**
DOMINGO, 20 ABRIL



COM ROBERT DE NIRO,
VENCEDOR DO ÓSCAR DE MELHOR ACTOR

foxmovies.pt
[/foxmovies.pt](https://www.facebook.com/foxmovies.pt)

cabovisão

MEO

optimus cliX

vodafone

ZON

34

63 e # 64

95 e # 98

92

68 e # 92

IREPLAY



GRAVIDADE

P98

Um dos melhores filmes de 2013, agora em DVD e Blu-ray.



100



103



104



108



112

≡ DVD, BLU-RAY, DOWNLOADS, TV, ETC. ≡

O VERÃO DA MINHA VIDA

2013. JÁ DISP. DVD



→ Uma comédia agradável que se centra em Duncan (Liam James), um adolescente pouco sociável rodeado de adultos que adoram festas. Num verão, o seu trabalho num parque aquático e novos amigos excêntricos encorajam-no a enfrentar o grotesco namorado da mãe num desfecho divertido e agradavelmente estranho.

EXTRAS Nenhum. **HOH****FILME** ★★★**O PASSADO**

2013. JÁ DISP. DVD



→ Após *A Separação*, o realizador Asghar Farhadi volta à análise das relações humanas, num filme honesto, e por vezes brutal, no seu retrato intimista que consagrou Bérénice Bejo com o prémio de melhor atriz na última edição do festival de Cannes. Esta é uma obra que apela à atenção aos pormenores para se conhecer tudo o que "o passado" esconde, e que recompensa quem se deixa levar.

EXTRAS Trailers. **NF****FILME** ★★★★★ **EXTRAS** ★**O COZINHEIRO, O LADRAO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA**

1989. JÁ DISPONÍVEL. DVD



→ O magnífico filme de Peter Greenaway fala-nos da sádica relação do mafioso dono de restaurante com a sua mulher, e todos os seus danos colaterais. Espantosos Michael Gamon e Helen Mirren, captados pela plasticidade de Greenaway, que conjugou a fotografia de Sacha Vierny, o guarda-roupa de Jean Paul Gaultier e a sombria banda sonora de Michael Nyman.

EXTRAS Nenhum. **FTS****FILME** ★★★★★**GRAVIDADE**

Perdidos no espaço 2013. JÁ DISP. DVD/BD/BD 2D+3D



→ "GRAVIDADE É O FILME NÚMERO um de 2013, hahaha", escreve o utilizador Azzurro06, o orgulhoso descendente do senhor e da senhora 06, sobre a escolha da *Empire* para a melhor experiência cinematográfica do ano passado. "Parece que um guião, uma história, um enredo e diálogo inteligente não é necessário num bom filme, de acordo com a *Empire*." Entre todos os planos virtuosos (ver à direita), liberdades científicas, o charme de George Clooney, poesia fetal e a batalha de Sandra Bullock para chegar à Terra depois da destruição do vaivém espacial, a obra-prima de Alfonso Cuarón tem substância na beleza e terror que os negativistas são demasiado cegos para ver. No argumento de Cuarón e do seu filho Jonás, a componente que apela à reflexão está tão bem orquestrada quanto a ação, apresentando grandes temas (o impacto da perda, a vida como a luta contra a inércia) em imagens ao invés de palavras vulgares. *Gravidade* mostra uma inteligência cinematográfica que vai muito além de aparatosas reviravoltas no enredo e retóricas espertas.

Há vários candidatos para o prémio de jogador mais valioso – Bullock, cuja viagem é tanto física quanto emocional, o diretor de fotografia Emmanuel Lubezki, que descobre uma fantástica paleta



• Matt Kowalski (George Clooney) e Stone no trabalho.



ANATOMIA DE UMA CENA



• Sandra Bullock como a azarada Ryan Stone.



• George Clooney com o fato em frente do ecrã.



• Graças à magia da Framestore, está no espaço!



• Filmar esta cena demorou três meses.

nas profundezas do espaço, os génios da produtora de efeitos visuais Framestore, liderados por Tim Webber, cujo trabalho resiste ao escrutínio, e o compositor Steven Price, que não toca qualquer nota da partitura convencional dos filmes no espaço. Mas o verdadeiro herói continua a ser Cuarón. A sua realização é audaciosa, visionária, emocionalmente inabalável e repleta de alma. O resultado é um filme não só para a época de prémios mas para a vida.

===== **EXTRAS** ===== Uma sequência de desafios, criatividade sem precedentes e ingenuidade, *Gravidade* é uma das maiores histórias de *making of* dos últimos anos, e as dezenas de *featurettes* fazem justiça à narrativa. Da escrita à ciência, do processo de efeitos visuais ao inovador uso do som (os únicos sons exteriores que ouvimos aparecem quando os astronautas tocam em algo), todos os campos são cobertos. Para além disto, temos análise detalhada de sequências, Clooney e Bullock a brincarem, a curta *Aningaaq*, realizada por Jonás Cuarón e que mostra o outro lado da conversa por rádio de Stone com um pescador esquimó, e um documentário sobre detritos espaciais, narrado pela voz do espaço, Ed Harris. IF

FILME ★★★★★ EXTRAS ★★★★★

A cena de abertura

A CÂMARA

→ A cena que dá as boas-vindas a *Gravidade* é uma sequência única com 12,5 minutos que apresenta os astronautas Ryan Stone (Sandra Bullock) e Matt Kowalski (George Clooney), que trabalham fora do vaivém espacial Explorer. "Quando fazemos grandes planos, favorecemos as personagens", diz o realizador Alfonso Cuarón. "Quando nos afastamos, favorecemos o cenário. Aqui passamos de forma fluida de um para o outro e registamos tudo em tempo real."

A INSPIRAÇÃO

→ Cuarón afirma que *Um Assassino Pelas Costas*, de Spielberg, e *Fugiu Um Condenado à Morte*, de Robert Bresson, influenciaram fortemente *Gravidade*, mas talvez a maior inspiração tenham sido as imagens do espaço da NASA. "Queríamos dar a sensação que a câmara estava simplesmente ali a filmar o que acontecia." Cuarón não olhou para 2001.

OS EFEITOS

→ A duração das cenas tornou as coisas duplamente difíceis para a equipa de efeitos da Framestore. "Da perspectiva dos efeitos visuais, há muitos truques que podemos fazer num plano de três a cinco segundos, e de repente não os podemos fazer porque é um close-up, um plano aberto e um plano de ação", diz o supervisor de efeitos visuais Tim Webber. "Tudo tem de ser mais credível." Cuarón é mais franco: "Foi uma tremenda chatice."

AO CONTRÁRIO

→ No último dia da pós-produção, uma sequência inicial foi rodada a 180°. "Algo que fazemos nos efeitos especiais é ver cada cena ao contrário porque nos dá uma perspetiva diferente", diz Webber. "Decidi que aquela parte ficava espetacular de cabeça para baixo. E o Alfonso disse: 'Sim, vamos alterá-la.'" Esta mudança originou o acréscimo de três meses ao calendário de produção.

**KILLING SEASON
- TEMPORADA DE CAÇA**

2013. JÁ DISP. DVD



→ Dois veteranos da guerra na Sérvia defrontam-se numa luta homem a homem nas inóspitas montanhas Apalaches. De Niro é

o americano eremita e Travolta o sérvio em busca de vingança. Um conceito simples que se poderia traduzir num simples e divertido filme de ação, mas que se revela antes um drama medíocre e profundamente enfadonho.

EXTRAS Nenhum. **MO****FILME** ★★**O JOGO FINAL**

2013. JÁ DISP. DVD



→ Uma estranha mistura de *Soldados do Universo* e *Harry Potter*, *O Jogo Final*, baseado no livro de Orson Scott Card, nunca consegue

levar à aceitação do seu conceito central. Porque é que as crianças são recrutadas para as forças militares para combaterem alienígenas? E porque é que Ender (Asa Butterfield) é "o tal" quando o herói de guerra de Ben Kingsley está presente?

EXTRAS Nenhum. **DJ****FILME** ★★**PLANO DE FUGA**

2013. JÁ DISP. DVD



→ Stallone! Schwarzenegger! Finalmente juntos (a sério) num filme! Uma combinação que devia ter sido

histórica chega duas décadas atrasada. Stallone rosna ao longo do filme, deixando Schwarzenegger destacar-se como o único que parece estar a divertir-se.

EXTRAS Comentário de Mikael Häfström (realizador) e de Miles Chapman (argumentista), três *featurettes* e cenas eliminadas. **JD**

FILME ★★ **EXTRAS** ★★★**A VIDA DE ADÈLE:
CAPITULOS 1 E 2**

Amor controverso 2013. JÁ DISP. DVD

→ **DE INÍCIO FOI**

uma história de triunfo. Em maio de 2013, o festival de Cannes atribuiu em conjunto ao realizador franco-tunísino

Abdellatif Kechiche e às suas duas atrizes principais, Adèle Exarchopoulos e Léa Seydoux, a Palma de Ouro por *A Vida de Adèle*. As atrizes foram apenas a segunda e terceira mulheres a receber este prémio e Exarchopoulos, aos 19 anos, foi a vencedora mais jovem de sempre. Houve ovações de pé e elogios à história de Adèle (Exarchopoulos), que luta com a sua identidade sexual e relações quando se apaixona pela estudante de arte Emma (Seydoux) e, nos anos seguintes, tenta assentar na idade adulta.

Depois, algo correu mal. Kechiche foi acusado de abusos laborais por membros da equipa. Exarchopoulos e Seydoux juntaram-se às queixas, dizendo que nunca mais colaborariam com ele. Entretanto, o filme cujo chefe de júri de Cannes, Steven Spielberg, louvou como "uma grande história de amor" foi ridicularizado pela

autora do romance gráfico no qual se baseava. Julie Maroh criticou em particular a cena principal de sexo de seis minutos e meio, apelidando-a de "ridícula". E Kechiche disse que o filme estava com tão má reputação que queria retirá-lo de circulação.

É triste, mas estranhamente apropriado, como se o filme se apropriasse de parte da vida da sua protagonista. Esta é, afinal, uma história sobre encontrar o amor e aceitá-lo, qualquer que seja o custo – antes de o estragar e perder.

Adèle começa como a maioria de nós, levada pelas expectativas triviais do grupo de amigos, encorajada pelos outros a aceitar um encontro com um galã da escola. As suas conversas que não dão em nada e a relação sem interesse não podia contrastar mais perfeitamente com o que vem mais tarde, depois de Adèle se ligar a Emma, uma mulher por quem já tinha ficado interessada depois de passar por ela na rua.

Interpretada por Exarchopoulos como maleável, sensível, indecisa e dolorosamente em conflito, é uma das mais convincentes personagens de um filme alguma vez criada.

Kechiche consegue um nível de intimidade que raramente é mantido de forma tão eficaz com esta proximidade. Quase se sente a respiração de Adèle na nossa face. E não falamos apenas das cenas de sexo. O filme é um agregado de close-ups: Adèle a comer, a seguir uma conversa, a ensinar crianças em idade pré-escolar, a implorar por perdão – e a dormir (aqui parece que se está a observar sequências de sonho a partir de fora). É tão pessoal que é quase esgotante. As três horas do filme fazem-no sentir que acabou de viver aqueles anos, mas no bom sentido.

Adèle é alguém que não consegue sentir-se confortável numa comunidade. Quando era mais nova, sentia-se afastada dos seus colegas de escola. Uns anos depois, mesmo tendo o estatuto de ser a musa de Emma, é pouco mais do que a cozinheira e a criada para a sua artística parceira, vagueando com ar estranho pelas receções desta com uma bandeja de aperitivos nas mãos. Adèle possui a tendência para se prejudicar, afastando aqueles que lhe são mais próximos, e como isso nos inclui,



• Adèle Exarchopoulos e Léa Seydoux.

a componente emocional parece ainda mais pesada.

O título *Capítulos 1 e 2* torna compreensível a presença de uma conclusão elíptica. É uma pena que, tanto quanto nos é dado a perceber, não veremos mais capítulos; nunca apanharemos Adèle noutra altura da sua vida. Mas assumindo que Kechiche nunca se vai reconciliar com o seu elenco nem vai recuperar do que ele diz que manchou esta experiência, o seu filme mantém a sua posição como, possivelmente, uma obra-prima inacabada. Se o realizador mantém a sua opinião, está errado. O filme está intocado pela amargura que se seguiu à sua estreia, e chegou muito longe, a um lugar onde se pode mostrar como sincero, puro e agradavelmente em bruto.

EXTRAS
Entrevista com Exarchopoulos e Kechiche, *masterclass* de Kechiche no Lisbon & Estoril Film Festival, cenas cortadas, fotos, artigos publicados na imprensa. DJ

FILME ★★★★★ EXTRAS ★★★



THOR: O MUNDO DAS TREVAS

Noir nórdico

2013. JÁ DISP. DVD/BD/BD 2D+3D

• Thor (Chris Hemsworth) preparado para mais um dia de marteladas.



→ DEPOIS DE TODA A DIVERSÃO

(e receitas colossais) de *Os Vingadores* e *Homem de Ferro 3*, em *Thor 2* a máquina da Marvel vacila um pouco. De fora, na maior parte do filme, está a comédia do herói desambientado do original: a sequela é sombria e o enredo é mais intrincado, com

a Bifrost aqui, o Aether ali e os Dark Elves no topo do bolo. A diversão continua a estar garantida, com Tom Hiddleston a levar Loki para um novo patamar e a batalha pelos Nove Reinos em Greenwich.

EXTRAS O principal é *Saudar o Rei*, uma curta de 15 minutos realizada pelo coargumentista de *Homem de Ferro 3*, que traz de volta Trevor Slattery, a personagem de Ben Kingsley daquele filme, que continua completamente doido. Há outros extras que são menos inspirados, mas destaca-se ainda uma sequência com piadas e erros nas filmagens, e o comentário com o realizador, o produtor e Hiddleston está repleto de curiosidades, incluindo referências a *A Grande Evasão*. NDS

FILME ★★★ EXTRAS ★★★★★



A típica imagem dos amantes junto de água.

O DESCONHECIDO DO LAGO

O outro verão azul

2013. JÁ DISP. DVD

→ FOI DOS FILMES MAIS FALADOS

de 2013 e por onde passou deixou marca. *O Desconhecido do Lago* fala-nos de um verão onde num lago, diversos homens se encontram diariamente para um envolvimento sexual. Franck apaixona-se por Michel, um homem atraente e... fatal. Apesar de Franck saber isso, a força do desejo cega-o. O drama do realizador Alain Guiraudie tem uma ideia sólida, mas a estrutura de um castelo de cartas. O filme veste-se de um assunto (e imagens) maduras, mas tem personagens cujo lado emocional é mais fino que uma folha de papel, trocam frases superficiais e são investigadas por um detetive moral e fisicamente caricato. Demasiado alarido e poucos vestígios de cinema. O que existe em demasia é algo explícito e despido de valor. Poderia ter sido um Hitchcock (está lá tudo), mas ficou-se por uma versão *hardcore* com toques de Nicholas Sparks.

EXTRAS Acesso à *masterclass* que Guiraudie deu na passada edição do Lisbon & Estoril Film Festival, que é bastante informativa. A juntar a isso, o trailer. FRANCISCO TOSCANO SILVA

FILME ★★ EXTRAS ★★★

FOX MOVIES



1. PROFISSÃO: DURO

Patrick Swayze é um porteiro de bar com um passado misterioso, que se muda de Nova Iorque para uma pequena cidade do Missouri, Jasper, para se proteger de um corrupto homem de negócios.

EXIBIÇÃO: DOMINGO, 6 ABRIL | 21H15



2. EXTERMINADOR
IMPLACÁVEL 2

Um cyborg como o que falhou em matar Sarah Connor deve agora proteger o seu filho John, de um robô mais avançado.

EXIBIÇÃO: SEXTA, 25 ABRIL | 21H15



3. ESTADO DE SÍTIO

O rapto secreto de um suspeito de terrorismo, e líder muçulmano, nos Estados Unidos, leva a uma onda de ataques terroristas em Nova Iorque, que dá origem à declaração da lei marcial.

EXIBIÇÃO: DOMINGO, 27 ABRIL | 21H15



ORCA: FÚRIA ANIMAL

O fim do SeaWorld?

2013. 2 DE ABRIL. DVD

A orca: linda e condenada.



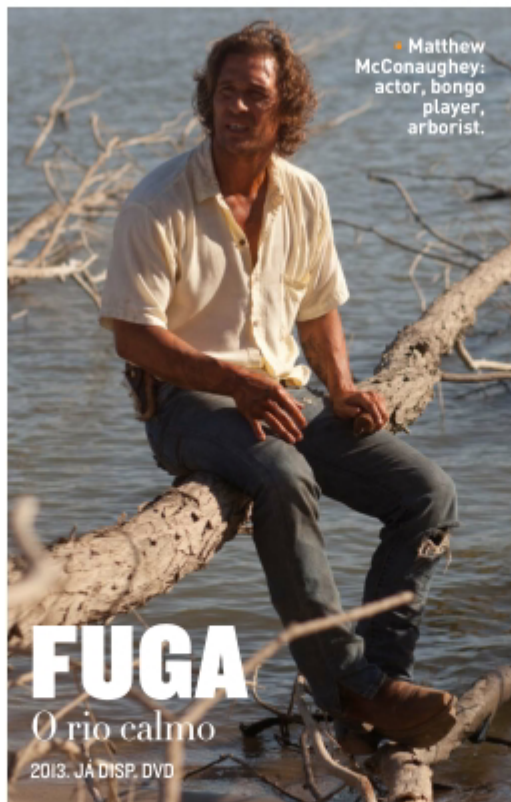
→ O PRIMEIRO filme que devia mostrar a qualquer pessoa que acredita na possibilidade de algum tipo de comunhão mágica e espiritual com animais selvagens é *Grizzly Man*, de Werner Herzog (que conta a história do admirador de ursos Timothy Treadwell, que foi morto e comido por um urso-pardo). O segundo é *Orca: Fúria Animal*. Ambos revelam que compreender mal

o comportamento animal pode ter consequências trágicas.

A realizadora Gabriela Cowperthwaite começou a investigar o ataque fatal da orca Tilikum à treinadora do SeaWorld Dawn Brancheau, como parte de um estudo sobre como interagimos com animais em cativeiro. Mas ao entrevistar ex-treinadores do Sea World, peritos e testemunhas, ao mesmo tempo que a direção do parque temático da Florida lhe criava obstáculos, *Orca* tornou-se

“um documentário totalmente diferente”. O filme representa uma condenação justificada do cativeiro e do entretenimento com cetáceos. Já se tornou um estandarte dos ativistas pelos direitos dos animais e até a Pixar terá sido inspirada por *Orca* para alterar a sua apresentação de um parque aquático no filme *Finding Dory*.

EXTRAS
Nenhum. DJ
FILME



Matthew McConaughey: actor, bongo player, arborist.

FUGA
O rio calmo

2013. JÁ DISP. DVD



→ O ÚLTIMO FILME DE JEFF

Nichols é ilusoriamente simples: dois rapazes, chamados Ellis e Neckbone, que crescem nas margens sujas e pobres do braço do Mississippi no Arkansas, encontram um fugitivo chamado Mud que tem uma arma e um barco destruído, e são atraídos para a sua história enigmática. *Fuga* deve muito à magia à beira-rio de *As Aventuras de Huckleberry Finn*, mas também usa fontes cinematográficas: o Sul surreal de *A Sombra do Caçador* vem à memória, e não é surpreendente ver o nome da produtora de longa data de Terrence Malick, Sarah Green, nos créditos.

Nichols faz com que os seus géneros se misturem: realismo mágico, gótico sulista, ritual de passagem, thriller com um fugitivo e comentário sobre a atualidade presa ao dinheiro. Mas, no fundo, *Fuga* é sobre o coração. O amor pode ser tão traiçoeiro quanto as correntes do rio, e todas as personagens estão à deriva: Matthew McConaughey cria em Mud um fascinante turbilhão de identidades, a sua antiga namorada Juniper (Reese Witherspoon) é uma personagem em conflito, e Neckbone (Jacob Lofland) está a ser criado por um tio complicado (Michael Shannon). A vida e a história colidem. O que devia correr de certa forma, descarrila. Como no amor, não se pode confiar que as coisas vão dar certo.

EXTRAS
Nenhum. IN
FILME



A GUERRA DOS TRONOS: A TERCEIRA SÉRIE

Westeros a ferro, fogo e sangue 2013. JÁ DISP. DVD

• Entre vivos e mortos, a terceira temporada foi uma das mais marcantes.

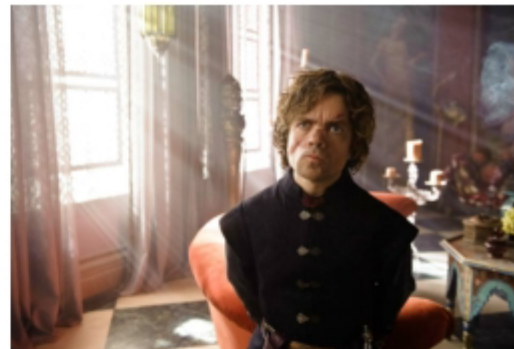
→ **A TERCEIRA** temporada de *A Guerra dos Tronos* tem a sua génese em *The Storm Of Swords*, o terceiro livro da série criada por George R.R. Martin.

No entanto, ao contrário das temporadas anteriores, que se mantiveram relativamente fiéis ao primeiro e ao segundo livro, os argumentistas começam aqui a tomar certas liberdades. Não só focaram a narrativa desta temporada na primeira metade de *The Storm Of Swords*, como anteciparam linhas narrativas que nos livros só aparecem em volumes posteriores. Decisões que deram frutos e fizeram desta a melhor temporada de uma das melhores séries televisivas de que há memória.

EXTRAS Em Portugal apenas encontrará a edição em DVD. Edição esta que é consideravelmente mais pobre em extras do que a edição em Blu-ray. Mais pobre, tanto em quantidade como em qualidade, mas apenas no que se refere a featurettes, porque no que toca aos 12 comentários áudio, estes são transversais às duas edições e destacam-se como o principal



foco de interesse. De facto, apenas o primeiro dos dez episódios carece de comentário áudio. Todos os restantes vêm bem servidos e alguns dos episódios têm até direito a dois comentários distintos. Junte-se a isso o facto de cada comentário contar com a participação de vários envolvidos na série, desde atores a técnicos, passando pelo próprio George R.R. Martin, e o resultado é uma impressionante avalanche de informação sobre cada pormenor desta série. Quanto às referidas featurettes, existem 4 nesta edição, mas apenas uma ultrapassa os 10 minutos de duração (e não chega aos 15). Assim, no Disco 1 encontramos "New Characters" e



"Gathering The Storm", a primeira, tal como o nome indica, apresenta as caras novas desta terceira temporada. A segunda, a mais extensa de todas, recapitula os eventos da segunda temporada que nos trouxeram até aqui. É verdade que a quantidade de personagens e a complexidade narrativa de *A Guerra dos Tronos* são muito fora do comum, mas, ainda assim, estes dois segmentos não deixam de ser algo redundantes. Restam outras duas featurettes, que se podem encontrar no Disco 5: "Inside The Wildlings" e "The Politics of Marriage". A primeira debruça-se sobre os Wildlings, o povo que vive a norte da muralha, e apesar dos seus curtos 6 minutos de

duração, é informativa e bem estruturada. A segunda, sobre as jogadas políticas por detrás dos matrimónios, umas mais óbvias que outras, é, definitivamente, a mais interessante de todas as featurettes presentes nesta edição. Mais uma vez, peca apenas pela sua curta duração, pouco mais de 8 minutos, uma vez que também esta deixa a sensação de haver muito mais por explorar. Para terminar, neste mesmo Disco 5, encontramos ainda as habituais cenas eliminadas ou alargadas. São curiosidades que não trazem grande valor acrescentado à série ou à edição DVD. . DAN JOLIN

FILM EXTRAS

REPLAY



EMPIRE clássico #24

GRITOS

Um susto de filme 1996. JÁ DISP. DVD

→ NOS 25 ANOS DE VIDA DA EMPIRE, UMA das maiores queixas em relação à secção do Re.Play é a ocasional diferença de classificação face à secção Nos Cinemas. Um filme pode receber elogios rasgados quando estreia e ter uma recepção menos efusiva quando chega ao DVD/Blu-ray, e vice-versa. “Críticos diferentes, opiniões diferentes”, podem dizer alguns, mas nem sempre tal é verdade. Ao atingir o estatuto de Clássico da Empire, *Gritos* ganha as cinco estrelas, algo que até o crítico original seria obrigado a dar. Quase duas décadas depois de estrear, o filme de terror de Wes Craven mudou tudo no género e merece a quinta estrela que lhe escapou em 1996.

Curiosamente, o filme cuja ironia inteligente e cheia de referências à cultura pop penetrou indelevelmente no género dos filmes de terror para adolescentes, não foi a primeira tentativa de Wes Craven numa obra com esta estrutura. Em 1994, regressou à série que ajudou a definir o género *slasher* (*Pesadelo em Elm Street*) com *O Novo Pesadelo* de Freddy Krueger, um filme pós-modernista no qual Wes Craven e Robert Englund entravam fazendo o papel deles mesmos. *O Novo Pesadelo*, que foi apresentado ao público baseando-se de forma demasiado óbvia no desdém que Craven sentia pela forma como Freddy foi tratado depois da sua partida (para não referir que, depois de problemas na questão dos direitos, ganhou muito

depois do falhanço de bilheteira de *O Novo Pesadelo*. Em termos de elenco, Craven fugiu aos desconhecidos e de talento duvidoso que normalmente povoavam o género *slasher*, preferindo fazer uma incursão às séries de televisão do momento – Courteney Cox, de *Friends*, como a jornalista Gale e Neve Campbell, de *Adultos à Força*, como a vítima principal Sidney –, enquanto atores talentosos como Matthew Lillard, David Arquette e Skeet Ulrich permitiram a Craven gozar com os clichés do género, evitando-os.

É aí que reside o génio de *Gritos*: a transposição ininterrupta da mestria técnica de Craven para a abordagem inteligente e sexy de Williamson ao *slasher*. A sequência de abertura, uma pequena obra-prima por si mesma, consegue em primeiro lugar corroer e depois restabelecer de forma brilhante o medo primitivo de uma casa assaltada, antes de executar outra inversão de marcha e concluir com um golpe que tem consequências no resto do filme. Sinceramente, depois de ver a pobre Drew Barrymore pendurada como uma carcaça de um animal depois de dizer as últimas palavras aos pais pelo telefone, todos os risos são tingidos com ansiedade.

As reações foram variadas, com muitos críticos a rejeitarem-no como um típico filme sangrento de exploração adolescente enquanto aqueles que gostaram

“Restabelece de forma brilhante o medo primitivo de uma casa assaltada.”

pouco dinheiro com a sua criação), não conseguiu estabelecer uma relação com a audiência. Parte do problema foi que, apesar de Craven ter sido sempre um mestre na componente técnica – capaz de orquestrar uma carnificina perfeita – as suas personagens nunca foram particularmente geradoras de simpatia, quanto mais divertidas. *A Última Casa à Esquerda* e *Os Olhos da Montanha* basearam-se muito na vontade de Craven de ir sempre um pouco mais além para conseguir assustar, mas foi sempre difícil sentir algo pelas vítimas. Mas em Palm Springs, um jovem argumentista chamado Kevin Williamson estava prestes a resolver isso.

Tendo em conta que *Gritos* brincava com a linha entre “realidade” e “ficção”, é estranho que não se aproveite mais do facto de ser baseado numa história verídica: a do estripador de Gainesville, um assassino em série que aterrorizou estudantes universitários no final dos anos 1980. Ao ver um documentário de má qualidade sobre as mortes, Williamson, que estava sozinho em casa, reparou numa janela aberta. Depois de espreitar debaixo da cama, começou a meditar sobre os filmes *slasher* que tinha apreciado nos anos 1980 mas cujas convenções se tinham tornado tão cliché que voltar a elas sem provocar gargalhadas parecia impossível. Mas se o objetivo fosse mesmo provocar gargalhadas e gritos?

O guião resultante, então intitulado *Scary Movie*, provocou uma violenta guerra de licitações, tendo sido adquirido pela Dimension, uma subsidiária da Miramax, por 400 mil dólares, onde Harvey Weinstein o deu a Craven para que o realizasse, uma decisão ousada

ignoravam como seria recebido e que efeito iria ter no género. Afinal, é difícil sobrestimar a influência subsequente de *Gritos*, um filme que levou o género de terror para novasse surpreendentes direções. Com as vulgares normas do *slasher* adolescente cortadas aos bocados como a vítima de um desses filmes, os argumentistas e realizadores de terror tiveram de inovar. Os filmes de imagens perdidas (que agora precisam do seu próprio carrasco) ganharam sucesso com *O Projeto Blair Witch* e, mais tarde, *Atividade Paranormal*. Eli Roth e James Wan aventuraram-se em torturas sangrentas nas séries *Saw* e *Hostel*. As histórias de fantasmas foram revigoradas juntamente com um interesse bem-vindo do ocidente no terror oriental (*Ringu*, *Águas Passadas*), enquanto os filmes de vampiros saíram do caixão (*Deixa-me Entrar*), o género dos zombies reanimou-se (*28 Dias Depois*) e uma grande quantidade de remakes de *slashers* dos anos 1980 (*Sexta-Feira 13*, *Halloween*) mostraram porque é que o género precisou de ir ao tapete em primeiro lugar. O filme foi também fundamental para um renascimento adolescente que originou *American Pie* e *Juno* no grande ecrã, e *Dawson's Creek* (também de Williamson), *Smallville* e *O. C. – Na Terra dos Ricos* na TV.

“Os filmes não criam psicopatas; os filmes tornam os psicopatas mais criativos”, afirma Billy Loomis em *Gritos*. Na verdade, *Gritos* fez com que toda a gente que trabalhava em filmes de adolescentes fosse mais criativa. É por tudo isto que, quase duas décadas depois da sua estreia, *Gritos* surge como uma obra-prima incontestável dos anos 1990 e um clássico do género. **AS**

• A “cara” que inspirou milhares de fatos de Carnaval.

GANHE 10 DVD

12 Anos Escravo

O filme que ganhou três Óscares na última cerimónia da Academia (incluindo o Oscar de Melhor Filme) vai chegar em breve ao cinema em casa. Para se habilitar a ser um dos primeiros a ter um DVD de *12 Anos Escravo*, só tem de nos dizer porque é que este filme suplantou todos os outros nomeados para o Óscar de Melhor Filme.



CÓDIGO DE PARTICIPAÇÃO: 12ADVD36

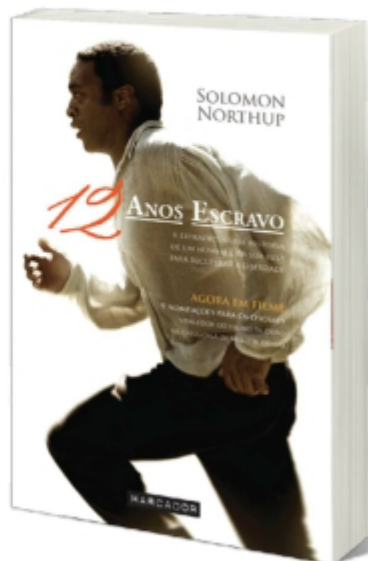


GANHE 5 LIVROS

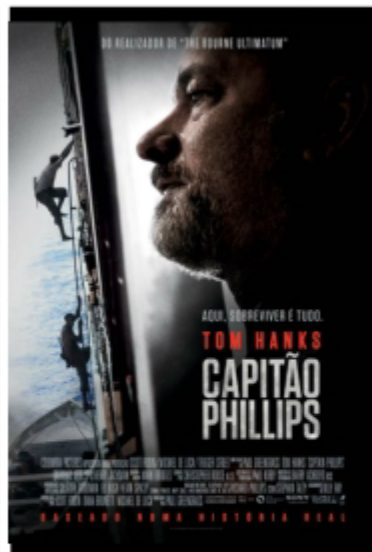
12 Anos Escravo

A história de Solomon Northup ficou conhecida no mundo inteiro através do filme realizado por Steve McQueen e que contou com interpretações de Chiwetel Ejiofor, Lupita Nyong'o, Benedict Cumberbatch, Michael Fassbender, Paul Dano e Brad Pitt. Mas o filme *12 Anos Escravo* baseou-se no livro homónimo escrito por Northup, e para ganhar um destes exemplares só tem de nos dizer qual foi para si o momento mais marcante do filme e porquê.

CÓDIGO DE PARTICIPAÇÃO: 12ALIV36



Data limite de participação: 25 de abril (16 de abril para o curso de cinema). Os dados de morada completos são de preenchimento obrigatório.



GANHE 5 DVD E 5 BLU-RAY Capitão Phillips

Em abril de 2009, o navio norte-americano Maersk Alabama é abordado por quatro piratas somalis que tomam como refém o capitão Richard Phillips. A crise dura cinco dias até Phillips ser salvo pela marinha dos EUA. Este filme recria esses acontecimentos. Temos para oferecer 5 DVD e 5 Blu-Ray de *Capitão Phillips*, e para ganhar um destes exemplares só tem de nos dizer de que maneira bem à portuguesa é que o navio seria resgatado se, em vez de pertencer aos EUA, hasteasse a bandeira nacional. Deve também indicar qual das versões do filme pretende receber.

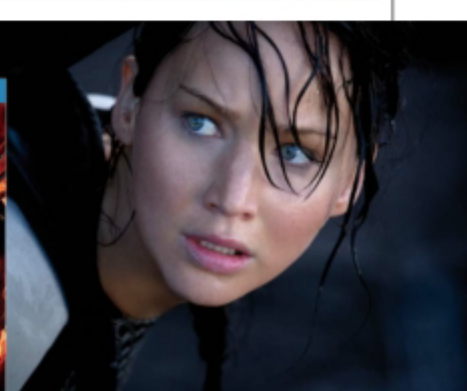
CÓDIGO DE PARTICIPAÇÃO: CAPITA36



GANHE 3 DVD E 3 BLU-RAY The Hunger Games: Em Chamas

Mal recuperada dos seus primeiros jogos, Katniss (Jennifer Lawrence) volta a competir numa edição onde se confrontam antigos vencedores. O filme conta também com Philip Seymour Hoffman, ator falecido em fevereiro. Para ganhar um dos prémios, diga-nos que ator deveria substituir Hoffman nos dois *Hunger Games* que faltam e porquê. Deve também indicar qual das versões do filme pretende receber.

CÓDIGO DE PARTICIPAÇÃO: HUNGER36



GANHE 1 CURSO DE CINEMA Caminhos do Cinema Português

A **Empire** e os Caminhos do Cinema Português dão-lhe acesso aos módulos: **Edição de Som & Imagem**, com João Braz (26 e 27 de abril e 1 de maio); **Direção de Fotografia 2 – Pós-Produção**, com Telmo Martins (3 e 4 de maio); **Design de Títulos**, com Filipe Mesquita (24 de maio); **Direção de Som 2 – Composição Musical**, com Pedro Janela (25 de maio). O valor comercial dos módulos em oferta é € 275. O curso decorre em Coimbra. O percurso da equipa de futebol da

Associação Académica de Coimbra na Taça de Portugal e o seu envolvimento nas manifestações da crise académica de 1969 foram os principais meios de comunicação dos estudantes em relação ao que acontecia no país. **Para ganhar este prémio**, diga-nos: como se chama o documentário português debruçado sobre esta época histórica? Saiba mais em www.caminhos.info.

CÓDIGO DE PARTICIPAÇÃO: CAMINH36



NOVAS REGRAS

REGRAS DE PARTICIPAÇÃO

Aceda à nossa página de Facebook em www.facebook.com/RevistaEmpirePortugal, procure a tab **Passatempos Revista** e preencha o formulário com o código de participação de cada passatempo e os campos de dados, até ao dia **25 de abril de 2014** (**16 de abril para o curso de cinema e para a antestreia do filme Marretas Procuram-se, para Lisboa e Porto**). O campo de morada é obrigatório e esta deverá estar completa. Os vencedores serão anunciados na mesma tab. Os vencedores do curso de cinema serão contactados por e-mail e os nomes dos vencedores da antestreia estarão disponíveis na tab e num post na nossa página de Facebook no dia **17 de abril**. Boa sorte!

RE.PLAY

EMPIRE
TV

HANNIBAL

Hugh Dancy e Laurence Fishburne abrem o apetite da segunda temporada



BASEADA NO LIVRO DE THOMAS Harris *Dragão Vermelho*, a série *Hannibal* volta a retratar o famoso psiquiatra e *serial killer* canibal Hannibal Lecter, 22 anos depois do filme que lhe trouxe fama mundial, *O Silêncio dos Inocentes*. Na série exibida pelo AXN, é explorada, acima de tudo, a sua relação com o consultor do FBI, Will Graham (Hugh Dancy).

Durante os 13 episódios que compõem a primeira temporada, o público, que já conhece a faceta diabólica de Hannibal (Mads Mikkelsen), foi espetador da forma como o psiquiatra manipula tudo e todos, enquanto finge ajudar o FBI, e explora a mente debilitada de Will. Laurence Fishburne é Jack, o chefe de Will, que o traz de volta ao terreno devido às suas capacidades para perceber o que aconteceu em cada cena do crime. O elenco fica completo com a ex-aluna de Hannibal, Alana (Caroline Dhavernas), a pessoa que mais se preocupa com a sanidade mental de Will, que se vai degradando até ao grande final que vem mudar tudo na série.

Visualmente brilhante, a primeira temporada desta série de horror e thriller psicológico surpreendeu com o seu ambiente negro, com pitadas de *gore* pouco usual para a televisão de canal aberto norte-americana. Para quem gosta de programas gastronómicos também tem aqui uma boa razão para ver a série, pois se nos abstrairmos de pensar nos ingredientes que compõem os cozinhados de Hannibal, os pratos são de abrir o apetite, até porque a série conta com a ajuda de um assessor culinário e de uma estilista gastronómica.

Devido mais à excelente recepção dos críticos e popularidade internacional do que propriamente à audiência, a NBC renovou a série de Bryan Fuller para um segundo ano e a *Empire* falou com Hugh Dancy e Laurence Fishburne, sobre o que podemos esperar do futuro da série.

O que podem os fãs esperar da segunda temporada?

Hugh Dancy (HD): Hannibal está agora na posição de Will dentro do FBI, e está a explorar isso, o que é obviamente bom para ele. Por seu lado, Will está a ter problemas em explorar o seu Hannibal interior porque não tem ninguém em quem se apoiar.

Foi boa, esta troca de papéis entre si e Hannibal?

HD: É divertido para mim porque, na primeira temporada, o Will foi uma vítima, estava alheio ao que lhe estava acontecer, e agora está completamente alerta. Quanto a Hannibal, ele não muda muito, mas perdeu o amigo e tem sido interessante explorar essa vulnerabilidade nele.

Portanto, uma vez que Will vê o que Hannibal é, isso significa que estará mais estável? E quanto ao envolvimento com Alana?

HD: Dois dos maiores medos de Will é perder a sanidade e que ele possa mesmo ter feito aquelas coisas. Portanto, perceber o que realmente aconteceu dá-lhe alguma lucidez, e até alguma brutalidade, que ele nunca teve na primeira temporada. Quanto

• Aqui: Jack Crawford (Laurence Fishburne) examina mais um cadáver. Em Baixo: Mads Mikkelsen é Hannibal, Dr. Hannibal Lecter.



a Alana, é complicado, porque estou na prisão e, para além disso, toda a gente, incluindo Alana, acredita que Will é culpado. Portanto, o Will está completamente isolado nesse sentido.

Laurence, esta não é a sua última temporada pois não? Depois da primeira cena, tememos por Jack...

Laurence Fishburne (LF): Apenas parece que estou a morrer. A temporada abre com uma luta entre mim e Hannibal, mas depois, *boom*, saltamos 12 semanas para trás, por isso não sabemos se está realmente a acontecer. Não sabemos se é o Will que está a ter uma das suas experiências extrassensoriais, porque muitas vezes, quando o vemos na segunda temporada, ele está noutro sítio, a pescar, talvez. E depois descobrimos que afinal está no hospital.

Hugh, o público sabe que o Will tem um dom. Pode falar-nos um pouco desse dom?

HD: Não sei se é um dom ou uma maldição; é uma forma de empatia, por isso é metade de cada. Permite-lhe trabalhar com o FBI, permite-lhe fazer o que faz com Jack, sentir-se no lugar de outra pessoa, mas vem com um custo, porque trabalha com pessoas maioritariamente violentas. Nesta segunda temporada, aprendemos mais sobre esse lado negro dentro dele, e é também por esse lado que Hannibal se interessa e pretende explorar e encorajar.

Com uma série tão psicanalítica, aprenderam alguma coisa sobre psicologia? Observam o mundo de forma diferente agora?

LF: Não sei. Essa pergunta é engraçada, porque penso que, para todos nós, essa é mesmo a atração da série, que é tão psicológica e que está constantemente em mudança. Como atores, estamos sempre a pensar em psicologia, na psicologia das personagens que interpretamos. Por isso, não estamos necessariamente a fazê-lo aqui mais do que fariamos, mas certamente, respeitamos as personagens e estamos sempre a pensar: "Oh, mas aquilo significa aquilo!"

HD: Eu adoro o facto de não ser só o que as personagens estão a representar, é o facto de elas estarem realmente a discutir-las, e de teres todas aquelas cenas, seja com dois tipos, ou só nós os dois sentados frente a frente a falar durante longas cenas com grandes discursos. É um outro género de desafio para um ator e é mesmo muito divertido.

HANNIBAL PASSA NO AXN ÀS QUINTAS-FEIRAS, ÀS 23H15.

EMPIRE QUIZ DE CINEMA

ABRIL 2014

DAVID O. RUSSELL

Dará uma golpada americana para conseguir o 10?

1 Com que realizador de Hollywood partilha uma cena em *Inadaptado*?
Curtis Hanson.
👉 **Correto.**

2 Em *Flirting With Disaster*, o que é que o agente Tony afirma ser a sua parte favorita do corpo de uma mulher?
Isto é fascinante. Absolutamente fascinante. O sovaco.
👉 **Correto.**



3 Dirigiu sete atores que foram nomeados para os Óscares. Consegue dizer o nome de todos eles?
Melissa Leo, Amy Adams, Christian Bale... Ahh, Robert De Niro, Jacki Weaver, Bradley Cooper, Jennifer Lawrence. Está certo?
👉 **Correto.**

4 Em *Três Reis*, que abertura de que filme está Saïd Taghmaoui a ver na televisão quando Clooney, Wahlberg e Ice Cube entram no bunker?
Está a ver um filme? Não são notícias sobre o Rodney King? É O Ódio? É O Ódio.
👉 **Correto.**



5 Em *Os Psico-Detetives*, que filho de que ator teve um *cameo* como criado de hotel?
Jake Hoffman, o filho do Dustin.
👉 **Correto.**

6 O treinador real de Micky Ward fez de si mesmo em *The Fighter*. Qual o seu nome?
Mickey O'Keefe.
👉 **Correto.**

7 Em *The Fighter*, qual o nome da personagem de Bianca Hunter?
Uma das irmãs. Hum, é Tar? Não, não é Tar. É a que tem o cabelo comprido. Uma delas chama-se Pork. Será ela a Pork? Vou responder Pork.
👉 **Correto.**



9 Em *Golpada Americana*, quem faz o papel de Street Thug #1? Será Dicky Eklund? É o filho dele! É o Dicky Jr.! É o tipo que esmurra o Bradley Cooper no jogo dos Eagles em *Guia Para Um Final Feliz*.
👉 **Correto.**

8 Pode dizer um dos dois slogans de *Spanking The Monkey*? No póster? Oh, ok. Consegue fazer isto. "Get a grip"? Na verdade, é tudo de que me lembro.
👉 **A resposta correta é "Get a grip on yourself" ou "A gripping comedy about letting go".**



10 Em *Guia Para Um Final Feliz*, que prato é que Pat (Bradley Cooper) pede para assegurar que Tiffany (Jennifer Lawrence) não pense que estão num encontro?
Raisin Bran.
👉 **Correto.**

GOLPADA AMERICANA JÁ ESTREOU.

PONTOS 9/10



EMPIRE
FAIXA A
FAIXA

ALEXANDRE DESPLAT

O vida musical do compositor francês

• Aqui: O Grand Budapest Hotel em festa. Abaixo: Alexandre Desplat.

1 RAPARIGA COM BRINCO DE PÉROLA (2003)

Nos Meus Lábios, de Jacques Audiard, sobre um ladrão e uma mulher surda, foi como Stephen Frears ouviu falar de mim. E foi como tive a minha grande oportunidade na América. Peter Webber ouviu a música, e a forma como eu usava o silêncio era algo que ele queria fazer em *Rapariga Com Brinco de Pérola*.

2 BIRTH - O MISTÉRIO (2004)

Um filme muito importante para mim porque tinha uma orquestra completa e instrumentos eletrônicos a tocarem ao mesmo tempo. É menos melódico do que *Rapariga Com Brinco de Pérola*, mas há uma valsa que ouve na festa de noivado que eu toquei no piano.

3 A RAINHA (2006)

Vi todos filmes de Stephen Frears antes de o conhecer, e não podia imaginar que um dia trabalharia com ele. Os três filmes que referimos são britânicos, o que mostra a importância da minha relação com realizadores britânicos. O meu primeiro filme britânico foi *A Hora do Porco*, em 1992, cujo protagonista era - adivinhem? - Colin Firth!

4 O FANTÁSTICO SENHOR RAPOSO (2009)

Sugeri que usássemos uma orquestra fantoche com instrumentos pequenos, porque ter uma banda sonora típica de Hollywood não respeitaria a escala. Basicamente usámos pequenos brinquedos. Wes Anderson gosta de brincar com música, pelo que a relação com ele é muito divertida.

5 O DISCURSO DO REI (2010)

O Beethoven veio do Tom [Hooper] e Tariq [Anwar], muito antes de eu estar envolvido no filme. Pediram-me para o substituir, mas nunca seria capaz de me aproximar da sétima sinfonia de Beethoven, pelo que disse que seria melhor mantê-la. Por vezes temos de ser humildes: não conseguimos fazer melhor e não há mal nenhum nisso.

6 HARRY POTTER E OS TALISMÃS DA MORTE: PARTE 1 E 2 (2010, 2011)

John Williams é um ídolo desde a adolescência. Trabalhar com o seu fabuloso *Hedwig's Theme* foi muito entusiasmante. A pressão num filme como este é enorme, claro. Sabem que toda a gente o vai ver e ouvir a banda sonora, pelo que trabalham três vezes com mais afinco.

7 A ÁRVORE DA VIDA (2011)

Terrence Malick é outro realizador que se envolve muito na música. Fiz dez filmes nesse ano. Compor é como rugby: veem o prazo a vir na vossa direção como uma parede de All Blacks e sabem que vão ser atingidos a menos que as vossas pernas vos levem para longe.

8 ARGO (2012)

Syriana, *Argo* e *00:30 A Hora Negra* usam instrumentos do Médio Oriente, mas é a história que me move. *00:30 A Hora Negra* é uma guerra entre duas tribos. *Syriana* é um instantâneo de várias personagens. *Argo* é um puro filme de espionagem, uma missão de salvamento.

9 FILOMENA (2013)

Filomena é sobre ela: tive de ajustar cada nota, cada acorde, cada ritmo em torno do que Judi Dench fazia. Foi uma banda sonora baseada num ator e um dos trabalhos mais difíceis que tive desde há muitos anos.

10 GRAND BUDAPEST HOTEL (2014)

Este foi um grande momento de experimentação... Como se passa algures entre a Suíça e a Turquia, Wes Anderson pediu-me para juntar muitos sons diferentes: acordeão, cânticos, mandolim, trompas... O hotel também tem uma música divertida. **NDS**



UM QUENTE AGOSTO

VÁRIOS

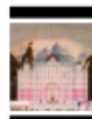


→ A música para o confronto entre Streep e Roberts é composto num tom deprimente.

Começa com força com o queixoso *Hinnom, TX* de Bon Iver e o suave *Last Mile Home* de Kings of Leon, depois afunda-se na melancolia de Adam Taylor, três músicas de brando country rock e três temas da guitarra espanhola de Gustavo Santaolalla. E alegrem-se as Cumberbitches: Benedict é ouvido durante o tema doce e pateta *I Can't Keep it Inside*. **IF ★★★**

GRAND BUDAPEST HOTEL

ALEXANDRE DESPLAT



→ Tendo composto música para texugos e escuteiros em filmes de Wes

Anderson, Alexandre

Desplat cria agora música para o mais resplandecente hotel de Zubrowka. Mergulhando nos sons da Europa de Leste, Desplat apresenta 32 faixas vibrantes, com muitos alaúdes e os ocasionais interlúdios de *nagriish* tradicional, cortesia da Osipov State Russian Folk Orchestra. Como nos filmes de Anderson, aqui entra-se noutra mundo. **NDS ★★★★★**

ONLY LOVERS LEFT ALIVE

VÁRIOS



→ A banda do realizador Jim Jarmusch, os SQÜRL, providencia o ambiente perfeito

de Balcaverna para o seu filme de romance de vampiros, juntando-se ao génio minimalista holandês do alaúde Jozef van Wissem e à especialista de *witch-house* Zola Jesus para sons góticos industriais. Citaras marroquinas estão a cargo das melodias sonhadoras. Vagueia pelo abstrato, mas o seu poder lânguido e lynchiano consegue enfeitá-lo. **IN ★★★★★**

EMPIRE
VIDEOJOGOS

LIGHTNING RETURNS: FINAL FANTASY XIII

Isto é o fim!



Ação
sobrepõe-se aos
elementos
tradicionais de
RPG.

A SÉRIE FINAL FANTASY LEVOU MUITOS anos a transmitir ao seu enorme e leal conjunto de fãs a ideia do que deveria ser, do que os que se deixavam embrenhar nestes mundos de RPG japoneses podiam encontrar em cada novo capítulo de uma saga com quase 30 anos. Quando isso mudou com *Final Fantasy XIII*, que fez uma tentativa arrojada para revitalizar a velha fórmula com uma campanha mais orientada para a ação, deixando para trás alguns elementos que eram dados como certos há muito tempo, os puristas da série responderam com aspereza. Infelizmente para eles, e felizmente para quem gostou das alterações aí propostas, *Lightning Returns* vai esfregar sal na ferida, afastando-se ainda mais do *Final Fantasy* tradicional.

Abandonando o sistema convencional de pontos de experiência e combate por turnos a favor de uma abordagem mais direta, *Lightning Returns* introduz um sistema de batalha atraente e surpreendentemente cheio de novas ideias. É suficientemente simples para ser usado mesmo por quem não tem experiência na série, mas ligar corretamente combinações de ataques requer

perícia e timing, tal como gerir os vários fatos que conferem habilidades diferentes. Está bastante longe dos combates baseados em menus dos anteriores *Final Fantasy*, mas é um dos mais gratificantes sistemas de combate para aqueles que estão dispostos a aprender a trabalhar com ele.

O mundo de jogo é vasto e explorável, permitindo aos jogadores aventurarem-se em cada distrito pela ordem que quiserem. E este mundo, que foi criado pela equipa da Square Enix, é bastante cativante. Cada área tem sensivelmente o mesmo tamanho dos maiores cenários de *XIII*, exibindo algumas das paisagens mais apelativas da série e recheado de uma variedade interessante de objetos e de pessoas para descobrir. No entanto, há uma reviravolta deliciosamente cruel para impedir os jogadores de encontrarem todos os segredos que o mundo tem para oferecer. A história decorre a uma quinzena do fim do mundo, e tudo reage à passagem do tempo de forma diferente enquanto se aproxima o apocalipse. Os fãs da Nintendo recordam-se de um conceito temporal semelhante em *The Legend of Zelda: Majora's Mask*,

mas enquanto o herói desse jogo, Link, desfrutava do luxo das viagens no tempo para completar uma série de tarefas contextuais, aqui o relógio é mais agoirento. As personagens desaparecem e morrem, os inimigos ficam mais fortes e as missões tornam-se mais urgentes com o fim à vista.

O progresso do tempo também tem impacto na vida selvagem local. Há um número finito de monstros no mundo e é possível caçá-los até à extinção. É uma mecânica interessante e estabelece as consequências de um mundo à beira da destruição muito melhor do que faz a história ao ressuscitar as linhas narrativas muitas vezes desconcertantes de *XIII* e *XIII-2*.

A narrativa sempre foi um dos elementos mais inconsistentes de *Final Fantasy*, e *Lightning Returns* não é diferente. Porém, as semelhanças terminam aqui, e apesar de os maiores fãs poderem manifestar desagrado, este é um passo decisivo em direção a um território mais interessante para a série e uma bem-vinda mudança de ritmo. **BM**

PS3/XBOX 360. JÁ DISPONÍVEL.

★★★★

FESTIVAL CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS
COIMBRA 2013/14

CURSO CINEMALOGIA — DA IDEIA AO FILME

PROGRAMA COMPLETO E INSCRIÇÕES EM WWW.CAMINHOS.INFO

PRÓXIMOS MÓDULOS

RODAGEM

REALIZAÇÃO 1
REALIZAÇÃO 2

PÓS-PRODUÇÃO

MONTAGEM
EDIÇÃO DE SOM & IMAGEM
DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA 2
DESIGN DE TÍTULOS
DIRECÇÃO DE SOM 2
DIRECÇÃO DE SOM 3
PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO
PROJECCÃO CINEMATOGRAFICA

O curso Cinemalogia é um curso modular que permite aos formandos, em horário extra-laboral, conhecer os processos de produção de cinema e realizar uma curta metragem ao longo de mais de 300 horas de formação.

- ↗ SÓCIOS CEC*
- ✕ ESTUDANTES
- ⊗ PÚBLICO GERAL

*Serão Sócios do CEC, de acordo com o Artigo 5º do Regulamento Interno, os colaboradores deste cineclube por um período superior a dois meses e com as quotas em dia.

‡ Inserido na XVI Semana Cultural da Universidade de Coimbra



**30%
DESCONTO**
↗ 105€ ✕ 126€ ⊗ 154€

‡ Realização 1 —
Planeamento e Meios

Nuno Portugal
5 + 6 ABR'14

↗ 50€ ✕ 60€ ⊗ 70€

‡ Realização 2 —
Rodagem

Nuno Portugal
12 — 16 ABR'14

↗ 100€ ✕ 120€ ⊗ 140€

Montagem — Teoria

Pedro Filipe Marques
25 ABR'14

↗ 50€ ✕ 60€ ⊗ 70€



Edição de Som
& Imagem

João Bráz
26 + 27 ABR + 1 MAI' 14

↗ 60€ ✕ 70€ ⊗ 80€





EMPIRE
CENA
CLÁSSICA

QUASE FAMOSOS

“A única verdadeira divisa neste mundo falido...”

DESCRIÇÃO DA CENA

→ Depois de ouvir as notícias sobre a morte prematura de Philip Seymour Hoffman, o argumentista e realizador Cameron Crowe falou no seu blog sobre esta famosa cena “não fixe” da carta de amor de 2000 ao mundo da música rock e do jornalismo, *Quase Famosos*.

“Quería mostrar uma declaração tardia de Lester Bangs”, escreveu Crowe. “Um chamamento. Nas mãos do Phil, tornou-se algo diferente.” Classificando-o como “a alma do filme”, depois de Hoffman ter feito um “truque de magia” no guião, Crowe termina o seu artigo dizendo que “estarei sempre grato por aquele lugar na primeira fila para o seu génio.” Para honrar Hoffman, celebramos a sua magia “não fixe.”

INT. ESCRITÓRIO DA ROLLING STONE/CASA DE LESTER BANG (ALTERNADO) – NOITE

Lester Bangs (Hoffman), o diretor da revista *CREEM* e famoso jornalista de música, está a consolar o seu protegido adolescente, William Miller (Patrick Fugit), ao telefone. O primeiro grande artigo encomendado a William, uma reportagem na estrada sobre a banda rock em ascensão *Stillwater*, terminou mal depois de o primeiro esboço ter sido rejeitado como uma peça parcial.

Lester: Tornaste-te amigo deles. Repara, amizade é a bebida que te servem. Eles querem que te embriagues e sintas que pertences ao grupo.

William: Bem, foi... (pausa brevemente) divertido.

Lester: Porque te fazem sentir fixe. E, ei, eu conheci-te. *Tu* não és fixe.

William: Eu sei. Mesmo quando pensava que era, sabia que não era.

Lester: Nós não somos fixes. As mulheres vão sempre ser um problema para homens como nós, e a maior parte da arte mundial é sobre esse problema. Pessoas atraentes não têm espinha. A sua arte nunca dura. E conseguem as raparigas, mas nós somos mais inteligentes.

William: Pois, agora consigo ver isso.

Lester: Sim, porque grande arte é sobre... culpa e desejo e, sabes, amor disfarçado de sexo e sexo disfarçado de amor. Ei, temos de admiti-lo. Tiveste um grande avanço.

William: Ainda bem que te apanhei.

Lester: Estou sempre em casa. Não sou fixe.

William: Eu também não.

Lester: Estás a ir bem, sabes? A única verdadeira divisa neste mundo falido é o que partilhas com alguém quando não és fixe. O meu conselho – e sei que pensas que estes tipos são teus amigos – se quiseres ser um verdadeiro amigo deles: sê honesto e implacável.

PRÓXIMA EDIÇÃO À VENDA 29 DE ABRIL*

PEUGEOT CRIA A SENSAÇÃO DO ANO

NOVO PEUGEOT 308 O CARRO INTERNACIONAL DO ANO 2014



190€/MÊS ALUGUER OPERACIONAL



PEUGEOT RECOMENDA TOTAL Consumo combinado: 3,6 a 5,8 l/100 km. Emissões de CO₂: 93 a 134 g/km.



O novo Peugeot 308 apresenta um design inovador, novas tecnologias e materiais de elevada qualidade. É uma experiência de condução intuitiva graças ao Peugeot i-Cockpit. Por tudo isto e muito mais foi eleito o Carro Internacional do Ano 2014. E por 190 €/mês, em Aluguer Operacional com manutenção incluída, pode ser seu.

Exemplo para 308 Active 1.6 HDi 92 CVMS, em contrato de aluguer operacional Peugeot Renting com a primeira renda diferenciada de 6.159€, com manutenção programada e corretiva para 36 meses ou 50.000 km. Sem opção de compra. Inclui apoio à retoma e despesas de averbamento e transporte. Campanha válida até 30/04/2014. Para mais informações contacte um Concessionário Peugeot ou Peugeot Finance. Visual não contratual.

PEUGEOT 308

MOTION & EMOTION



PEUGEOT

BASEADO NO BESTSELLER MUNDIAL



O QUE TE FAZ DIFERENTE TORNA-TE PERIGOSO

DIVERGENTE

3 ABRIL NOS CINEMAS